

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação e Lazer

Perfil da utilização das Bibliotecas Escolares:

Um caso de estudo na Escola Secundária da Sé -
concelho da Guarda

Ana Luísa Sancho Gomes

Coimbra, 2017

Ana Luísa Sancho Gomes

**Perfil da utilização das Bibliotecas Escolares: Um caso de
estudo na Escola Secundária da Sé - concelho da Guarda**

Dissertação de Mestrado em Educação e Lazer ao Departamento de Educação da
Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Doutora Maria de Fátima Neves

Arguente: Doutora Lucília Salgado

Orientador: Doutor Ricardo Melo

Agradecimentos

Ao meu orientador Professor Doutor Ricardo Melo, um agradecimento especial pelo rigor, exigência e apoio ao longo de todo o percurso, pelo incentivo que me fizeram conseguir concretizar este trabalho que é o fim de uma etapa especial no percurso de um estudante. Muito obrigada.

Às professoras bibliotecárias da Escola Secundária da Sé por toda a ajuda proporcionada na entrega dos questionários.

Aos alunos da Escola Secundária da Sé pela disponibilidade e amabilidade em responder aos questionários.

Aos meus amigos pelo apoio e preocupação nos momentos menos bons desta etapa. Obrigada pela força.

À minha família, em especial aos Meus Pais, um enorme obrigada por acreditarem em mim e por todos os ensinamentos de vida. Espero que após terminada esta fase possa retribuir todo o carinho e apoio.

Perfil da utilização das Bibliotecas Escolares: Um caso de estudo na Escola Secundária da Sé - concelho da Guarda

O presente trabalho enquadra-se na problemática das bibliotecas escolares e como elas estão envolvidas na educação, promoção da leitura e dia a dia dos estudantes. Este estudo tem a Biblioteca Escolar da Escola Secundária da Sé da cidade da Guarda como objeto de estudo. Os objetivos delineados são a identificação das práticas de lazer e uso dos tempos livres dos inquiridos, a análise do nível de utilização/frequência da biblioteca escolar, avaliar a qualidade percebida pelos inquiridos em relação a biblioteca escolar, identificar os constrangimentos de acesso à biblioteca escolar, e, por fim, relacionar os constrangimentos dos jovens no acesso à biblioteca escolar com os fatores endógenos (idade, género e ano de escolaridade). Detém também de uma questão de investigação, "Qual é o perfil de utilização das bibliotecas escolares?". Neste âmbito realça-se que foi através da análise de dados estatísticos de 155 questionários, entregues aos alunos da escola, que permitiram chegar-se a algumas conclusões, apresentadas nesta investigação. Através do estudo, foi, então, possível concluir-se que, e respondendo à questão global do estudo, os resultados obtidos não permitiram retirar ilações sobre a relação entre constrangimentos percebidos pelos jovens no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé e as variáveis independentes, uma vez que, todas as variáveis independentes mostraram-se não estatisticamente significativas. Quer isto dizer que o valor de p nas hipóteses testadas foi sempre superior a 0,05, isto é, nenhuma correlação entre as variáveis apresentadas nas 3 Hipóteses diferentes obteve uma percentagem estatisticamente significativa.

Palavras-chave - Biblioteca; Biblioteca escolar; Leitura; Constrangimentos

Utilization profile of School Libraries: A case study of Sé Secondary School - district of Guarda.

The present work fits within the issue of school libraries and how they are engaged in education, reading promotion and the students' everyday life. This research presents the School Library of Escola Secundária da Sé, district of Guarda, as case study. The objectives delineated purpose the identification of the individuals' leisure practices, use of spare time, analysis of frequency/attendance of the school library, evaluation of perceived quality towards the school library and its access constraints. Lastly, the adolescents' restraint access to the school library relation to endogenous factors (age, gender and year of schooling). It also holds a line of inquiry, "What is the profile of school library users?". In this context it is stressed that some of the inferences presented in this research were attained by the statistical analysis of 155 questionnaires delivered to the schoolchildren. This research concludes, answering to its global question, that the results achieved didn't allow to draw inferences from the link between the perceived constraints by adolescents accessing the library of Sé Secondary School and the independent variables, as they all revealed to be statistically insufficient. This suggests that the value of p in tested hypothesis were at all times superior to 0,05, that is, no correlation between the variables presented in the 3 different Hypothesis obtained a percentage statistically satisfactory.

Keywords: Library; School library; Reading; Constraints.

Índice

1.Introdução.....	3
1.1. Apontamentos iniciais	5
1.2. Âmbito da investigação	6
1.3. Objetivos e questão de investigação.....	6
1.4. Estrutura e organização da dissertação.....	7
2. Enquadramento teórico	9
2.1. Educação e Lazer	11
2.1.1. O Lazer.....	11
2.1.2. A Educação	14
2.1.3. A educação para e pelo lazer.....	17
2.1.4. Importância do lazer e do brincar para a criança	19
2.2. Constrangimentos no lazer	21
2.2.1. Definição de constrangimentos no lazer	21
2.2.2. Perspetiva evolucionária sobre as teorias dos constrangimentos	22
2.2.3. Constrangimentos em adolescentes no acesso ao lazer.....	27
2.3. Biblioteca Escolar	29
2.3.1. A leitura e a sociedade	29
2.3.2. A escola e a leitura	31
2.3.3. A biblioteca escolar.....	37
2.3.4. As Novas Tecnologias e as Bibliotecas.....	42
2.3.5. A Biblioteca escolar e a leitura	47
2.3.6. O Lazer na Biblioteca Escolar.....	48
2.3.7. A Animação na Biblioteca Escolar	49
2.3.8. A Animação para a leitura.....	52
3. Questão de Investigação e Objetivos	55

3.1. Questão da investigação	57
3.2. Objetivos	57
3.3. Hipóteses	58
4. Metodologia	59
4.1. Nota Introdutória	61
4.2. Tipo de estudo	62
4.3. Operacionalização das variáveis	63
4.3.1. Estudo Psicométrico da “Escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca	64
4.4. População e Amostra	69
4.5. Instrumentos de colheita de dados	70
4.6. Procedimentos de recolha de dados	73
4.7. Procedimentos éticos	73
4.8. Tratamento estatístico dos dados	74
5. Resultados	77
5.1. Breve caracterização da cidade da Guarda	79
5.2. A Escola Secundária da Sé	80
5.3. Caracterização do espaço da Biblioteca	81
5.4. Caracterização sociodemográfica	84
5.5. Estudo Psicométrico da “Escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca	102
5.6. Teste de hipóteses	107
6. Conclusões	111
Bibliografia	123
Anexos	133
Anexo I - Número de alunos da Escola Secundária da Sé - Guarda	135
Anexo II - Declaração de autorização do encarregado de educação	139
Anexo III - Nota Metodológica	140

Anexo IV - Declaração do Orientador do Estudo	142
Anexo V - Inquérito por Questionário aos alunos da Escola Secundária da Sé.....	143

Abreviaturas

AFE - Análise Fatorial Exploratória

DGES - Direção Geral da Educação

ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra

IPA - Associação Internacional para o Direito de Brincar

SPSS - Pacote estatístico para as ciências sociais

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Índice de tabelas

Tabela 1. Estatísticas de homogeneidade dos itens e coeficientes de consistência interna (Alfa de Cronbach) da “escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca	66
Tabela 2. Valores do Teste de Fiabilidade de Split alf.....	67
Tabela 3. Análise de componentes principais, rotação Varimax da “escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca.....	68
Tabela 4. Consistência interna por dimensão e global da “escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca.....	69
Tabela 5. Distribuição por ano de escolaridade dos jovens que responderam ao questionário	70
Tabela 6. Distribuição dos jovens segundo o sexo.....	84
Tabela 7. Distribuição dos jovens segundo o grupo etário	84
Tabela 8. Estatísticas descritivas dos resultados referentes a idade dos jovens	85
Tabela 9. Distribuição dos jovens segundo a idade	85
Tabela 10. Estatística descritiva referente a frequência das práticas de lazer e uso de tempos livres por parte dos jovens	86
Tabela 11. Distribuição dos jovens segundo se alguma vez frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé.....	86
Tabela 12. Distribuição dos jovens que já frequentaram biblioteca da Escola Secundária da Sé segundo a frequência com que o fazem	87
Tabela 13 - Distribuição dos jovens que já frequentaram à biblioteca da Escola Secundária da Sé segundo o período do dia que a frequentam	87
Tabela 14. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo a duração média de visita	88
Tabela 15. Estatística descritiva referente à finalidade que leva os jovens a frequentar a bibliotecada Escola Secundária da Sé.	89
Tabela 16. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo a forma como tiveram conhecimento das atividades desenvolvidas pela biblioteca.....	89

Tabela 17. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo se costumam utilizar o serviço de empréstimo domiciliário de livros	90
Tabela 18. Distribuição dos jovens que costumam utilizar o serviço de empréstimo domiciliário de livros pelo menos uma vez por mês, segundo quantos livros pedem emprestado a biblioteca para levar para casa	90
Tabela 19. Distribuição dos jovens que costumam utilizar o serviço de empréstimo domiciliário de livros pelo menos uma vez por mês, segundo o género de livros que costumam pedir emprestado à biblioteca para levar para casa	91
Tabela 20. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo o número de livros que pensam ter lido no último ano ..	91
Tabela 21. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo o género literário que mais gostam de ler	92
Tabela 22. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo se costumam utilizar o serviço de leitura de jornais.....	92
Tabela 23. Distribuição dos jovens que costumam utilizar o serviço de leitura de jornais pelo menos uma vez por mês, segundo quantos livros pedem emprestado a biblioteca para levar para casa	93
Tabela 24. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo se costumam utilizar o serviço de leitura de jornais.....	93
Tabela 25. Distribuição dos jovens que costumam utilizar o serviço de leitura de jornais pelo menos uma vez por mês, segundo quantos livros pedem emprestado a biblioteca para levar para casa	93
Tabela 26. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Guarda, segundo se costumam utilizar o serviço de equipamento multimédia	94
Tabela 27. Estatística descritiva referente a utilização do serviço multimédia da biblioteca da Escola Secundária da Sé, por parte dos jovens que referiram utilizar esses equipamentos pelo menos uma vez por mês, segundo o fim para o qual o fazem	95
Tabela 28 - Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo se costumam utilizar o serviço de computador da biblioteca.....	95

Tabela 29. Estatística descritiva referente a utilização do serviço computador da biblioteca da Escola Secundária da Sé por parte dos jovens que referiram utilizar esses equipamentos pelo menos uma vez por mês, segundo o fim para o qual o fazem	96
Tabela 30 - Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo se costumam utilizar o serviço de wireless da biblioteca	97
Tabela 31 - Estatística descritiva referente a utilização do serviço wireless da biblioteca da Escola Secundária da Sé por parte dos jovens que referiram utilizar esse serviço pelo menos uma vez por mês, segundo o fim para o qual o fazem	97
Tabela 32. Estatística descritiva referente à perceção da qualidade da biblioteca da Escola Secundária da Sé por parte dos jovens	98
Tabela 33. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo se conhecem/costumam frequentar outra biblioteca	99
Tabela 34. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo se de uma forma geral a biblioteca responde as suas necessidades	99
Tabela 35. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo as suas sugestões para melhorar o funcionamento geral da biblioteca	100
Tabela 36 - Estatística descritiva referente à perceção dos constrangimentos no acesso a biblioteca da Escola Secundária da Sé por parte dos jovens.....	101
Tabela 37. Estatísticas de homogeneidade dos itens e coeficientes de consistência interna (Alfa de Cronbach) da “escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca	103
Tabela 38. Valores do Teste de Fiabilidade de Split alf.....	105
Tabela 39. Análise de componentes principais, rotação Varimax da “escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca.....	106
Tabela 40. Consistência interna por dimensão e global da “escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca.....	107
Tabela 41. Resultados da aplicação do teste de Mann-Whitney, para verificar a significância da diferença dos constrangimentos de acesso a biblioteca da escola Secundária da Sé percebidos pelos jovens conforme o género	108

Tabela 42. Resultados estatísticos relativos à aplicação do Coeficiente de Correlação de Spearman, à idade dos jovens e aos constrangimentos percecionados no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé.....	109
Tabela 43. Resultados estatísticos relativos à aplicação do Coeficiente de Correlação de Spearman, ao ano de escolaridade dos jovens e aos constrangimentos percecionados no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé.....	110

"Numa época de mudança educacional intensa e de profundo crescimento da informação acessível, de certa forma impulsionada pela tecnologia da informação em rede, colocam-se aos professores bibliotecários desafios complexos e potencialmente em confronto, quanto ao futuro dos ambientes de informação nas escolas. É tempo de reconhecer o nosso passado, refletir sobre os nossos resultados e traçar um rumo para o futuro." (Todd, 2011, p.1).

1.Introdução

1.1. Apontamentos iniciais

Numa época de imparáveis modificações e uma frenética evolução tanto da tecnologia como de métodos de ensino nas escolas, as metodologias e práticas de uma biblioteca escolar têm que se adaptar às necessidades de aprendizagem e à formação dos alunos.

A função educativa da escola tornou-se mais abrangente, tendo que associar ao currículo, novos e diversos saberes e competências. Esta função exige a existência de ambientes de aprendizagem inovadores, capazes de responder a estas necessidades, promovendo a mudança, quer em áreas tradicionais de trabalho, quer em áreas que estejam relacionadas com a tecnologia e que exigem novas literacias.

É exigido ao alunos um desenvolvimento de um conjunto de literacias fulcrais para a aprendizagem e consequente sucesso educativo, que incluem as competências básicas de leitura, matemática e ciências, bem como competências da informação, digitais e dos media.

As literacias presentes em todas as áreas e ambientes de aprendizagem fazem do seu desenvolvimento uma responsabilidade da escola e dos professores, sendo a biblioteca escolar um recurso distinto para o seu exercício.

A biblioteca escolar pode ser um reflexo do que é um ambiente de aprendizagem. Localizada em escolas, estão, ou deveriam estar integradas no trabalho de sala de aula. Um dos grandes objetivos de uma biblioteca é despertar o gosto pela leitura nos jovens estudantes de cada escola em que está introduzida.

Esta tem vindo a contribuir para uma boa aprendizagem e domínio da leitura e para a promoção de estratégias de aproximação ao currículo, facilitando a aquisição de conhecimentos e a formação dos alunos nas várias literacias. O desenvolvimento de uma consciência crítica só é possível com o seu domínio, bem como uma aprendizagem contínua, essenciais para o sucesso neste sociedade de mudanças aceleradas.

Estando diante de um recurso fundamental no que toca aos desafios da sociedade atual, tanto pelo espaço como pela equidade no acesso à informação e possibilidade de aprendizagem, é impossível idealizar-se uma escola sem biblioteca escolar.

1.2. Âmbito da investigação

É justamente sobre as bibliotecas escolares que o foco desta dissertação se deterá, reconhecendo a importância de tal espaço para o desenvolvimento intelectual do cidadão e propondo entendê-las um pouco mais do que foi exposto acima.

Para tal, o recurso principal de estudo foram questionários em suporte online aos alunos da escola Secundária da Sé da Cidade da Guarda, bem como em papel, sendo o objecto de estudo a biblioteca escolar da mesma, e a amostra os respectivos alunos. Os pontos principais do questionário são as práticas de lazer e uso dos tempos livres dos inquiridos; o nível de utilização/frequência da biblioteca escolar; a qualidade percebida pelos inquiridos em relação a biblioteca escolar; e por fim os constrangimentos de acesso à biblioteca escolar.

1.3. Objetivos e questão de investigação

Tendo consciência da importância do estudo das bibliotecas escolares e a intenção do estudo delineámos uma questão de investigação: "Qual é o perfil de utilização das bibliotecas escolares?"

Posteriormente, traçámos cinco objetivos:

- 1) Identificar as práticas de lazer e uso dos tempos livres dos inquiridos;
- 2) Analisar o nível de utilização/frequência da biblioteca escolar;
- 3) Avaliar a qualidade percebida pelos inquiridos em relação a biblioteca escolar;
- 4) Identificar os constrangimentos de acesso à biblioteca escolar;
- 5) Relacionar os constrangimentos dos jovens no acesso à biblioteca escolar com os factores endógenos (idade, género e ano de escolaridade).

1.4. Estrutura e organização da dissertação

O presente documento está estruturado em seis partes. A primeira parte é referente ao enquadramento teórico, iniciando com o tema Educação e Lazer, onde abordamos o tópico do lazer e da educação, o lazer na escola, a importância do lazer e do brincar para a criança, bem como a educação pelo e para o lazer. Este tema termina com um tema a focar, os constrangimentos para o lazer. O tema que se segue dedica-se à biblioteca escolar e a importância que a mesma tem para a leitura. Assim, começamos relacionando a leitura, não só com a sociedade, como também com a escola. Segue-se a definição de biblioteca escolar, seguida do tema das Novas Tecnologias na mesma. Os temas que se seguem focam-se na leitura e como a biblioteca pode contribuir para a sua promoção. Terminamos o capítulo com uma caracterização tanto da cidade da Guarda, como da Escola Secundária da Sé da Guarda e respetiva biblioteca, sendo esta última o objeto de estudo da presente Dissertação. Na segunda parte do documento está exposta a questão de investigação, os objetivos e as hipóteses testadas. O capítulo que se segue aborda a Metodologia do estudo, onde são apresentados o tipo de estudo, a operacionalização das variáveis, a população e a amostra, explicamos os instrumentos e procedimentos de colheita de dados, bem como os procedimentos éticos e, para terminar o capítulo, elucidamos os tratamentos estatísticos de dados. Na quarta parte vamos apresentar os resultados do presente estudo, onde procedemos à caracterização da cidade da Guarda, da escola e da biblioteca escolar em estudo, bem como à caracterização sociodemográfica da amostra. De seguida, e ainda na mesma parte, abordamos o estudo Psicométrico da “Escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca e a análise inferencial.

Segue-se a discussão dos resultados, onde vamos responder à questão principal da investigação, bem como afirmar, ou não, as hipóteses testadas. Por fim, a última parte do documento refere-se às principais conclusões do estudo da Dissertação.

2. Enquadramento teórico

2.1. Educação e Lazer

2.1.1. O Lazer

Lazer são actividades e ocupações a que o individuo se entrega de livre vontade, para se divertir, recrear e entreter-se, ou, até, para desenvolver a formação desinteressada, participação social voluntária ou a livre capacidade criadora, tudo isto após as suas obrigações profissionais, familiares ou sociais (Dumazedier, 1973).

Para Dumazedier (2001), não existe qualquer dúvida de que certas actividades se opõem ao lazer, como o trabalho profissional, o trabalho suplementar ou de complementação, os trabalhos domésticos (arrumação da casa, bricolagem e jardinagem) e de manutenção (refeições, cuidados higiénicos e sono), as actividades rituais ou ligadas ao cerimonial, resultantes de uma obrigação familiar, social ou espiritual, e as actividades ligadas aos estudos interessados (cursos preparatórios de um exame escolar ou profissional).

O lazer exerce-se no tempo à margem das obrigações sociais, esse tempo varia de acordo com a forma e intensidade do empenho do individuo nas obrigações. Assim, Dumazedier (2001), define três tipos de tempo no lazer, o tempo libertado, que é aquele que resta após o cumprimento das obrigações profissionais; o tempo livre, aquele que resta após todo o tipo de obrigações; e o tempo inocupado, aquele que não tem ocupações profissionais.

O lazer possui um conjunto de propriedades e características que preenchem uma série de funções. Quando não estão presentes todas essas características acontece o que Dumazedier (2001), chama de similazer, isto é. uma actividade mista onde o lazer se mistura com uma obrigação institucional. Este tipo de lazer surge quando, por exemplo, um indivíduo praticante de jardinagem planta também algumas verduras para a sua alimentação.

Num outro ponto de vista, Marcellino (1996), afirma que não existe um consenso quanto ao lazer por parte dos estudiosos do assunto, dos técnicos a atuar nessa área e até da população em geral, o que traz uma dificuldades na abordagem do tema,

programação de atividades e respetiva difusão. tudo isto indica que se trata de um termo cheio de preferências e juízos de valor.

Marcellino (1996), afirma que não se pode entender o lazer isoladamente, este influencia e é influenciado por outras áreas de atuação numa relação dinâmica.

A maioria da população associa o lazer às atividades recreativas ou a eventos de massa, isto pelo fato da palavra ser utilizada nas promoções de instituições, isto vai contribuir para uma visão imparcial e limitada das atividades de lazer, restringindo o seu âmbito e dificultando o seu entretenimento. Para Marcellino (1996), existe outra possibilidade de lazer para além do descanso e do divertimento, o que, frequentemente, não é perceptível, o desenvolvimento pessoal e social que o lazer proporciona.

Segundo Marcellino (2000), é possível classificar-se como Passivo ou Ativo o lazer. O primeiro é o que envolve o ser humano na teia consumista gerada pela Indústria Cultural, onde o consumidor é uma mera peça. Ele é inserido no mercado, hipnotizado pelo mundo da publicidade, e neste sentido o lazer também é transformado num produto, acessível não apenas pelo tempo que o indivíduo dispõe, mas sim pelo capital.

Desta forma o ser humano fica nas mãos da cultura em massa, sem educação dos sentidos e sem o desenvolvimento de um olhar crítico, incapacitado de optar. O indivíduo continua a consumir o produto lazer sem ter o poder de processar o respetivo conteúdo e, conseqüentemente, de transformá-lo em aprendizagem (Marcellino, 2000).

Quanto ao lazer ativo, este possibilita múltiplas e novas vivências, possibilita a conversão das atividades em conhecimento, em expressão criadora e em novos olhares e potencialidades. Através deste tipo de lazer, é possibilitado ao indivíduo uma maior convivência social e uma melhor qualidade de vida. (Marcellino, 2000)

Para Stoppa (1999), podem ser identificadas duas linhas de pensamentos, entre os autores que se dedicam ao estudo do lazer, uma caracterizada pelo foco no aspeto

atitude, ou seja, lazer como estilo de vida, e a outra pelo foco no aspecto tempo, aquele livre de obrigações, principalmente do trabalho.

Alguns autores criticam a definição que Dumazedier associa ao lazer, afirmando-a como insatisfatória. Dumazedier, ao tentar esgotar aquilo que considera lazer acaba por não conseguir alcançar a dinâmica social que se encontra nas manifestações das atividades de lazer (Stoppa, 1999).

Segundo Stoppa (1999) a definição de Dumazedier acerca do lazer faz-se através da estrutura lógica do funcionalismo, que, segundo a mesma, é um instrumento que ao mesmo tempo que satisfaz uma necessidade, cria outra.

Para Gomes (2004), o lazer faz parte da vida do ser humano, é um requisito da vida que proporciona prazer, liberdade e sensações de bem estar. É um conjunto de atividades onde o indivíduo procura, durante o tempo disponível, meios para atingir a diversão, socialização e muitos outros, com a finalidade de atingir o bem estar pessoal

Segundo Gomes (2004) "O Lazer é uma dimensão da cultura constituída pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações especialmente com o trabalho produtivo" (p.125).

Marcellino (2002) afirma que o lazer é qualquer atividade realizada após as obrigações relacionadas com o emprego, família, social e a religião, podendo ainda, ser compreendido por dois aspectos que o constituem, a atitude e o tempo. A primeira dá valor à disponibilidade pessoal para o desfrute do prazer resultante da realização de uma atividade, já o segundo, o tempo, a prática de lazer é o momento dedicado a atividades realizadas no tempo disponível de muitas obrigações.

Segundo uma visão funcionalista, o lazer tende para o aqui e agora, é por isso que Marcellino (2002) faz uma crítica a esta perspectiva, uma vez que desqualifica o lazer, ligando-o a uma visão utilitarista. Assim, o lazer serviria apenas para recuperar a força do trabalho.

Marcellino (2003), afirma ainda que mesmo sendo o lazer um meio de divertimento e descanso, o mesmo não pode servir somente como um atenuador de tensões, ou algo que auxília na convivência com as injustiças sociais. Noutra perspetiva crítica, o lazer não é apenas considerado como mérito pelo trabalho realizado, mas sim como um direito de fruição, possibilitando-se assim mudanças sociais a longo prazo e de forma subjetiva.

2.1.2. A Educação

Os sistemas educacionais dos países desenvolvidos estão a ser confrontados com grandes desafios, devido à internacionalização crescente dos espaços de produção, comunicação e aprendizagem. As novas estruturas económicas e sociais exigem padrões elevados de educação, de formação e de empregabilidade (Council of the European Union, 2001). Portugal, para acompanhar este processo, efectua esforços para ultrapassar os problemas estruturais com que se depara nestes domínios. Estes problemas têm raízes históricas, comprovadas por uma análise da evolução das taxas de analfabetismo nos últimos dois séculos, 90% de analfabetos na transição do século XVIII para o século XIX, 76% na transição do século XIX para o século XX e cerca de 30% à entrada do último quartel do século XX.

Segundo Dourado, et al. (2007), a educação é uma prática social que está presente em inúmeros espaços e momentos da produção da vida social. Nesse âmbito, a educação escolar, objeto de políticas públicas, satisfaz um papel destacado nos processos formativos por meio dos diferentes níveis, ciclos e modalidades educativas. Até na educação formal, que ocorre por intermédio de instituições educativas, são diversas as finalidades educacionais estabelecidas, assim como são distintos os princípios que orientam o processo ensino-aprendizagem, pois cada país, com a sua trajetória histórico-cultural e com o seu projeto de nação, estabelece diretrizes e bases para o seu sistema educacional.

Não podemos confundir, como é muito habitual, instrução com educação, pois a primeira alude aos pensamento, enquanto que a segunda se refere essencialmente

aos sentimentos. Contudo não existe boa educação sem instrução (Dourado, et al., 2007).

Segundo Zayas (1999), o processo educativo da escola é um processo onde o trabalho do professor com o aluno lhe confere um caráter docente. Assim podemos considerá-lo como docente-educativo. Este processo diferencia-se dos processos educativos não escolares desenvolvidos por outras instituições sociais, como a família e os media, detendo estes um caráter mais espontâneo. O processo docente-educativo apresenta um caráter sistemático e organizado, fundamentado numa conceção pedagógica geral, sobre uma base didática, desenvolvido por indivíduos especializados como são os professores.

Assim, podemos afirmar que a escola é um pilar básico na sociedade para a formação dos indivíduos e da comunidade em que se encontram integrados. Zayas (1999), refere-se à escola como um espaço onde se concebem condições para promover, de forma organizada, as aquisições vistas fundamentais para o normal desenvolvimento da criança.

"[A escola] constrói o seu projeto para ser vivenciado por todos os que nela estão envolvidos, e, indiretamente, àqueles que não estão com ela envolvidos, pois as experiências ali vivenciadas serão transferidas para os demais ambientes e situações em que cada sujeito se encontrar. Ao optarmos por um projeto de escola optamos por um projeto não apenas escolar, mas por um projeto sociopolítico-pedagógico, pois a escola é um dos ambientes sociais [...]" (Lorenzoni, 1999, p.36).

Assim, afirmamos que este tipo de educação, educação formal, é caracterizada por ser grandemente estruturada, desenvolve-se em instituições próprias, como escolas e universidades, onde o aluno tem que seguir um programa pré-determinado, idêntico ao dos outros alunos da mesma instituição. Segundo Gohn (1998) este ensino é marcado por uma intencionalidade, ainda assim, depreendemos que a partir das relações poder-saber, essa intencionalidade está presente em qualquer contexto, pois toda a ação educativa oculta uma intenção.

Não nos podemos restringir a um só tipo de educação, segundo Canário (2006), o entendimento da educação como um processo vasto e abrangente e a pertinência de se equacionarem modalidades educativas distintas presentes nas práticas sociais, como forma de contornar a hegemonia das forma escolar, possibilitou o aparecimento de uma tipologia de modalidades educativas intituladas como educação formal, não formal e informal.

Segundo Gahnem (2008), a educação não formal tem a possibilidade de se organizar de acordo com as exigências e procura da sociedade. Esta aprendizagem desenvolve-se segundo os desejos do indivíduo, num clima especialmente concebido para se tornar agradável. Realiza-se fora do espaço escolar e é veiculada, não só por instituições que organizam eventos de diversa ordem, como cursos livres, feiras e encontros, com o objetivo de ensinar ciência a um público heterogéneo, mas também por museus e meios de comunicação. Assim, e segundo Gahnem (2008), deduzimos que a educação não formal consegue satisfazer muitas falhas da educação formal, em função do seu grande potencial de alcance, graças à liberdade e mobilidade de gerência das respetivas práticas pedagógicas.

Por fim, na educação informal o agente do decurso de construção do saber situa-se no meio familiar e pessoal, ou nos meios de comunicação, e os espaços educativos não têm limites, sendo marcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, e outros, onde os ambientes são espontâneos e as relações sociais se definem segundo preferências (Gohn,2006). Este tipo de educação é um processo permanente e não organizado, os conhecimentos são transmitidos a partir da prática e atua no campo das emoções. Não são previstos resultados, estes surgem a partir do desenvolvimento do senso comum de cada um, que orienta a forma de pensar e de agir espontaneamente.

Trilla-Bernet (2003), sistematiza e propõe algumas distinções entre a educação formal e não formal. A educação formal e não formal adotam um carácter intencional, sujeitos a objetivos explícitos de aprendizagem, mostrando tais processos educativos como diferenciados e específicos. É aqui que se encontra a principal diferença entre estes dois tipos de educação e a educação informal.

2.1.3. A educação para e pelo lazer

"O lazer é um veículo privilegiado de educação", da mesma forma que "para a prática das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade" (Marcellino, 1996, p.50). De acordo com Marcellino (1996), o lazer, como veículo de educação, potencializa o desenvolvimento social e pessoal dos indivíduos, pois não só favorece a compreensão da realidade a partir do aumento da sensibilidade pessoal, mas também, ajuda no reconhecimento das responsabilidades sociais.

Segundo Marcellino (1996), quanto maior for o grau de conhecimento acerca das alternativas variadas de lazer, melhor será a escolha e o desenvolvimento do espírito crítico da pessoa. A educação para o lazer pode ser vista como um instrumento de defesa contra a homogeneização e internacionalização dos conteúdos transmitidos pelos meios de comunicação de massa, atenuando os seus efeitos, através do desenvolvimento do espírito crítico. Assim, o indivíduo cresce e desenvolve-se individual e socialmente ao participar nas atividades de lazer, o que vai ajudar no bem-estar do indivíduo bem como numa participação mais ativa na resposta às necessidades e aspirações individual, familiar e cultural e comunitário. Podemos então dizer que são adotadas variadas medidas para que seja efetuado o processo educativo para e pelo lazer.

Rolim (1989), afirma que uma das medidas a ser adotada é a promoção de momentos de lazer e integração entre alunos e a comunidade externa, visando à criatividade dos envolvidos, pois, como explica "só vive o lazer aquele que sabe fazer de seu tempo livre um tempo de realização pessoal e comunitária". A educação para o lazer deve começar na infância e adolescência "quando os sonhos ainda estão quentes, quando ainda não se perdeu a espontaneidade tão necessária para viver o lúdico, quando ainda se pode apostar numa vida na qual trabalho, família e lazer caminham juntos, de forma integrada" (Camargo, 2002, p.13).

Uma outra medida a ser focada é a promoção, por parte do poder público, de meios e condições para que a população possa viver o lazer nos aspectos científicos, educativos e sociais. (Rolim, 1989). A educação para e pelo lazer deve ser proporcionada não só pelas escolas, mas também pelo ente estatal como órgão público. Neste sentido o Município tem o dever de conscientizar os indivíduos sobre a importância do lazer, para que a população seja educada para e pelo lazer (Bertonchelli, 2001).

Por outro lado, as bases da educação pelo lazer são as que aproveitam o tempo livre dos indivíduos para ser o centro de criação de um novo trabalho, de uma nova família e de uma forma de viver a participação religiosa e política. Segundo Arendt (2000), a ação a palavra e a liberdade para serem criadas requerem a construção e a manutenção do espaço público, em cujo processo especialmente a educação tem papel essencial. Não falamos aqui de diminuir a importância da educação para o trabalho, mas sim recordar a importância de uma educação integrada, inter-relacionada com o lúdico, a criação, o prazer, o solidário, o comunitário (Camargo, 2000).

É de salientar que os países que mais investem nas atividades educacionais, na cultura, programas de informação e formas que a sociedade encontra para fazer o conhecimento acessível a todos, são os mais desenvolvidos (Bertonchelli, 2001). Os problemas da comunidade têm mais oportunidades de resolução a partir de novos conhecimentos, conhecimentos estes que são concebidos através de uma educação para e pelo lazer (Muller, 2003).

Como afirma Bertonchelli, (2001), as políticas públicas na área da cultura, surgidas da educação para e pelo lazer, são essenciais para a transformação da realidade social, para o combate à exclusão social e cultural, bem como para a formação de uma cultura da paz, feita pelo acolhimento e pela solidariedade. Assim, o gestor público municipal tem o dever educacional e pedagógico, e não só político e técnico, de estimular os valores que humanizam as pessoas, começando pelas crianças e jovens, através da promoção da educação para e pelo lazer (Bertonchelli, 2001).

2.1.4. Importância do lazer e do brincar para a criança

É de grande importância facultar à criança oportunidades de vida que lhe permita proceder à exploração de si, dos outros e do contexto em que se inclui, para assim estar apta a situar-se como sujeito singular no meio dos outros. Podemos afirmar que o lazer é um meio que permite estimular o desenvolvimento da criança e dos sujeitos em geral (Pereira, 1993).

O lazer tem uma importância extrema para a criança, este estimula o seu desenvolvimento físico e emocional. O brincar contribui para o desenvolvimento integral da criança, tornando-a feliz e alegre, sensações que a vão acompanhar em todas as etapas da vida. Com as atividades lúdicas vai desenvolver a criatividade o que consequentemente lhe vai permitir resolver os respetivos problemas, vai também explorar o mundo físico, preparando-a para ser profissional competente no futuro, bem como responsável, sociável e tolerante, contribuindo para a solidariedade com os outros (Antunes, 2003).

Para Pessanha (2001), a atividade ludica representa uma grande importância no comportamento da criança, sendo reconhecida como aspeto fulcral no seu desenvolvimento. Desempenha um papel importante no comportamento da criança que, por sua vez, vai contribuir para o desenvolvimento global e formação da personalidade, favorecendo a aquisição de autonomia e autoconfiança. No ponto de vista de Freud (1962), a atividade lúdica é considerada importante para o desenvolvimento emocional da criança.

É possível verificarmos que o jogo tem um papel predominante no desenvolvimento cognitivo e criativo da criança, sendo que para existir um processo de aprendizagem tem que, primeiramente, existir uma adaptação que requer um equilíbrio entre dois processos, a assimilação e a acomodação que se inter-relacionam e influenciam mutuamente. Tal como o lazer, o brincar é um conceito complexo e portanto de difícil definição. Brincar tem moldado os costumes de todas as culturas. Para Machado (1994), brincar é a nossa primeira forma de cultura, vendo a cultura como o convívio das pessoas e a forma como as crianças brincam.

"Brincar é, em resumo e alargado à ideia de jogo, expressão permanente do indivíduo desde a sua infância, razão por que a nossa espécie além de sapiens é ludens." (Teixeira, 1987, p.9).

Para muitos investigadores brincar é agradável e divertido, não tem objetivos extrínsecos, é uma atividade natural e voluntária, que vai promover o empenho ativo da criança (Garvey, 1979).

Já Machado (1994), afirma que o brincar livremente leva a criança a explorar o mundo e, acima de tudo, a transmitir sentimentos e ideias, revelando-se nas futuras atividades culturais.

2.2. Constrangimentos no lazer

Cerca de 76.5% do total de estudantes estão em escolas onde há uma biblioteca, segundo os dados concedidos pela Rede de Bibliotecas Escolares, no entanto, isto não quer dizer que todos os alunos frequentem este espaço (Publico, 2016). Esta percentagem de alunos, não frequentadores da biblioteca, pode experienciar de limitações ou constrangimentos ao seu acesso, só examinando estes constrangimentos conseguimos solucionar estas limitações, uma vez que é através deles que se percebem as barreiras que impedem os indivíduos de frequentar estes espaços.

2.2.1. Definição de constrangimentos no lazer

Os constrangimentos são considerados fatores que se assumem como potenciais limitadores (ameaças) na formação ou participação no lazer. Segundo Jackson (2005), a classificação dos constrangimentos distingue-se em internos e externos, isto é "atributos do indivíduo versus características do ambiente (físico, social, etc.)".

Ainda assim, no que concerne ao lazer, Crawford e Godbey (1987), dividem os constrangimentos em três categorias, constrangimentos intrapessoais, interpessoais e estruturais. Os constrangimentos intrapessoais dizem respeito aos estados físicos e psicológicos do indivíduo relacionados com as preferências no lazer, são exemplos disso, o stress, a depressão, a ansiedade, a religiosidade. Os constrangimentos interpessoais são o resultado da interação entre os indivíduos, por exemplo, as relações entre os casais, as relações entre pais e filhos, relações entre amigos. Por fim, os constrangimentos estruturais estão relacionados com os fatores que intervêm entre as preferências e a efetiva participação. O ciclo da vida da família, os recursos financeiros, a época do ano, o clima, o horário de trabalho, são exemplos disso.

Segundo Jackson (2000), existem três justificações para este tipo de investigação (sobre os constrangimentos):

- 1) Contribui na percepção das escolhas individuais bem como os comportamentos, no que consta ao lazer, é necessário um estudo de todos os

fatores, tanto positivos, as motivações, como negativos, os constrangimentos, que vão influenciar essas escolhas.

- 2) Auxilia a gerar novos conhecimentos sobre aspetos do lazer, que anteriormente se pensavam bem conhecidos, bem como a participação no lazer, as motivações, satisfações e conflito recreacional.
- 3) Por último, é uma área é tipo de ferramenta bastante útil para aumentar a comunicação entre os investigadores com diversas formações disciplinares, interesses e metodologias de orientação.

2.2.2. Perspetiva evolucionária sobre as teorias dos constrangimentos

É importante fazer uma alusão aos estudos iniciais sobre os constrangimentos. Investigações sistemáticas sobre os constrangimentos no lazer existiram como uma subárea distinta de investigação durante duas décadas. Iniciou-se com publicações no início dos anos oitenta. No entanto, Goodale e Witt (1989) dizem que as origens desta área remontam há muito tempo atrás. Muitas das pesquisas dos anos oitenta foram empíricas, baseadas apenas na teoria mais profunda e implícita. Os investigadores tinham tendência em afirmar certos fatos quanto aos constrangimentos e consequentemente no impacto da vida de lazer dos indivíduos. Só mais tarde, foram vistos como possíveis limitadores no desenvolvimento desta área.

Duas importantes suposições iniciais sobre os constrangimentos afirmavam que os constrangimentos são obstáculos insuperáveis e estáticos para a participação, e que o mais significativo, e talvez não o único, efeito dos constrangimentos no lazer é o de bloquear ou limitar a participação. Os constrangimentos estruturais, ou seja, aqueles que intervêm entre as preferências e a participação, foram pensados ser os únicos tipos de constrangimentos significantes (Stockdale, 1989).

O modelo empregue afirmava que um indivíduo é suposto ter uma preferência, desejo ou exigência por uma atividade de lazer, no entanto, o cumprimento desta preferência pode ser comprometido pela presença de um constrangimento (Jackson, 2005). Um modelo ligeiramente mais sofisticado diz que a participação resulta da ausência de constrangimentos, no entanto, o resultado de estar diante de um

constrangimento é a não participação (Jackson, 2005). Um outro fato das etapas iniciais das pesquisas dos constrangimentos no lazer foi a escassa existência de métodos para reunir dados sobre relações dentro do lazer, constrangimentos, e outras variáveis consideradas importantes (Jackson, 2005).

A metodologia dominante era a quantitativa. Consistia num inquérito por questionário, onde uma lista de constrangimentos, tidos como relevantes para os investigadores, era classificada pelos inquiridos. Assim, num ponto de vista metodológico e empírico/conceitual, muito do que foi publicado acerca dos constrangimentos na participação recreativa no início e meados dos anos oitenta foi posto de parte (Jackson, 2005).

Nas primeiras fases de investigação, os constrangimentos ao lazer eram vistos como obstáculos insuperáveis. No entanto, no início da década de 90, os constrangimentos passaram a ser concebidos como negociáveis (Jackson, 1999). Ou seja, muitas pessoas quando sentem constrangimentos, adotam estratégias inovadoras para atenuar o seu efeito, modificam os seus hábitos de lazer ou alteram aspetos nas suas vidas. Quer isto dizer, segundo Jackson (2000), que apesar de existirem constrangimentos as pessoas participam nas atividades de lazer.

É importante referir um dos modelos mais importantes dos constrangimentos, o de Godbey (1985). Este tentou isolar uma variedade de fatores que afetam a participação e concluiu que a estratégia mais eficaz para que os fornecedores da recreação vingam, é fornecer informação a não participantes acerca de atividades e oportunidades, uma vez que a falta de informação aparenta ser um dos fatores que mais contribuem como barreira para a participação.

Uma outra pesquisa importante foi a de Crawford e Godbey (1987). Primeiramente, estes investigadores referem que os constrangimentos afetam, não só a participação e não participação, mas também as preferências. Por outras palavras, a falta de interesse de uma atividade ou informação podem ser explicadas em parte pelos constrangimentos. Os constrangimentos não só intervêm nas preferências e participação, mas também afetam as preferências noutras maneiras significativas, com maior foco noutros dois tipos de constrangimentos, que Crawford e Godbey

(1991) referem ser intrapessoais e interpessoais. Estes também referiram, que embora a maior parte da pesquisa se tenha focado nos constrangimentos culturais, estes eram os menos importantes no que concerne ao molde do comportamento dos indivíduos relativamente ao lazer.

Mais tarde, Jackson et al. (1993) revelam que apesar de experienciarem constrangimentos, os indivíduos arranjam maneira de participar e disfrutar do lazer. Pode resumir-se essa teoria em seis pontos:

- 1) A participação está dependente não na ausência dos constrangimentos, mas na negociação através deles. Esta negociação pode modificar em vez de excluir a participação;
- 2) As Variações quanto aos constrangimentos podem ser vistas não só como variações da experiencia, mas também como variações no sucesso ao negocia-las;
- 3) A ausência de desejo de mudar o comportamento no lazer atual pode ser, maioritariamente, explicada por negociações bem-sucedidas de constrangimentos estruturais antecedentes;
- 4) A antecipação de um ou mais constrangimentos interpessoais ou estruturais insuperáveis pode suprimir o desejo de participação;
- 5) A antecipação consiste não só na antecipação da presença ou intensidade de um constrangimento, mas também na antecipação da capacidade para o negociar;
- 6) Refere que o início do resultado do processo da negociação, depende da força relativa e respetivas interações dos constrangimentos na participação de uma atividade, bem como as motivações para essa participação.
- 7)

Para além destes pontos, Jackson et al (1993) propõem uma tipologia de indivíduos de três categorias:

- 1) Refere-se aos indivíduos que não participam na atividade desejada (resposta reativa);

- 2) Diz respeito a indivíduos que, apesar de experienciarem um constrangimento não reduzem nem alteram a sua participação (resposta proactiva bem-sucedida);
- 3) Refere-se a pessoas que participam, mas de uma forma alterada (maioritariamente tem resposta proactiva parcialmente bem-sucedida).

A importância desta tipologia é a forma como rejeitam explicitamente um dos pressupostos das pesquisas iniciais dos constrangimentos, nomeadamente a afirmação que refere que os constrangimentos são obstáculos insuperáveis na participação.

Crawford e Godbey (1987), afirmam que apesar de existir uma mudança, as investigações empíricas publicadas sobre os constrangimentos para o lazer focam-se nos constrangimentos estruturais. Numa fase inicial, esta consistiu nomeadamente em correlações transversais entre os itens dos constrangimentos e dois outros conjuntos de variáveis, medidas de participação e não participação, e variáveis socioeconómicas e demográficas.

Os métodos para a redução da complexidade da análise item por item foram introduzidos na área, como a análise fatorial, análise de agrupamentos e escala multidimensional. O uso destes métodos originaram padrões descritivos do impacto dos constrangimentos para emergir o que provavelmente estaria obscurecido ao mais ínfimo nível das análises previamente utilizadas, bem como para apontar mais relações robustas e generalizadas com variáveis associadas (McGuire, 1984).

Existe um grande número de categorias de constrangimentos para o lazer, consistindo em cinco pontos custos da participação, o tempo e outros compromissos, problemas com as instalações, isolamento (por vezes subdividido em isolamento social e isolamento geográfico) e falta de competências e habilidades. Com pequenas variações, estas dimensões representam os tipos de agrupamentos empíricos frequentemente referidos em classificações quantitativas dos itens e escalas dos constrangimentos.

Jackson (2005) foca a experiência dos constrangimentos, afirmando que esta varia entre indivíduos e grupos, sendo que nenhum subgrupo da população, ou até indivíduo, está completamente livre de constrangimentos no lazer. A relação entre categorias de constrangimentos e características pessoais, tais como a idade e rendimentos tendem a ser estáveis.

Um estudo de Jackson (2005) também declara que alguns interesses e padrões estáveis surgem sobre aparentes mudanças nos constrangimentos do ciclo da vida. Cada categoria de constrangimentos demonstra um padrão distinto associado à idade, assim, o constrangimento que está relacionado com a ausência de habilidades e competências aumenta gradualmente com o decorrer do tempo.

Como a categoria dos constrangimentos pode ser "externa" ao indivíduo, muitos estudos vieram provar que a quantidade e a qualidade das instalações, como constrangimento para o lazer, não está relacionado com a variação da idade (Jackson, 2005).

No que toca à isolamento, isto é, indivíduos que estão a viver sozinhos, isolados, como os idosos, Jackson (2005) afirma que, relacionando com a idade, é mais relevante nos primeiros estágios de vida. Os constrangimentos mais frequentes são os que estão relacionados com o tempo e dinheiro disponíveis para a realização das atividades de lazer. É de focar que, quando as atividades são fora dos ambientes habituais de residência e de trabalho os constrangimentos mais referidos estão relacionados com a distância, as condições de acesso e com o transporte. Um dos constrangimentos estruturais que assume maior importância, no que toca à decisão de participação, é o dinheiro necessário, não só para a participação em si, mas também para as viagens, deslocações e equipamento necessário.

Na perspetiva de Jackson (2000), os constrangimentos são "fatores que são identificados pelos investigadores e/ou percebidos ou experimentados pelos indivíduos, como fatores limitadores da formação de preferências em lazer e/ou como fatores inibidores ou proibitivos da participação e usufruto do lazer". A ligação entre as principais perspetivas teóricas remete para o fato de os constrangimentos estarem, por vezes, associados a fenómenos como a diminuição da participação numa

atividade, a interrupção de um hábito de participação numa atividade ou, a não consideração da participação na atividade.

2.2.3. Constrangimentos em adolescentes no acesso ao lazer

Jackson (2005) afirma que a principal razão pela qual se deve estudar os constrangimentos nos adolescentes é o fato do lazer se apresentar como um importante contexto de desenvolvimento. A participação no lazer pode contribuir para o desenvolvimento de competências socioemocionais e cívicas. Investigações em adolescentes acerca do lazer e dos constrangimentos estão obrigatoriamente ligadas com questões do desenvolvimento bem como com os contextos da idade.

Jackson (2005) assegura que os constrangimentos são vistos como algo que actua sobre o adolescente para evitar ou restringir a participação ou respectiva fruição. A percepção de constrangimento e habilidade de negociação e adaptação do constrangimento remete para um processo interactivo que envolve fatores pessoais e socioambientais.

A adolescência é um período caracterizado por mudanças e transições normativas e não normativas. Estas transições e mudanças acontecem em todos os adolescentes, em todas as culturas e giram em torno de domínios biológicos, cognitivos e sociais. As características normativas remetem para a evolução do adolescente para a idade adulta, incluindo a passagem pela escola secundária até que atinge o estatuto de adulto ao sair da escola secundária. Estas mudanças normativas não propõem um caminho singular durante a adolescência, uma vez que o desenvolvimento também pode ser influenciado por uma série de eventos não normativos, como uma doença crónica ou um divórcio. (Jackson, 2005)

Segundo as teorias do desenvolvimento o funcionamento do individuo é o resultado de interacções recíprocas entre um individuo activo e as forças biológicas, sociais e ambientais (Bronfenbrenner, 1979). Os constrangimentos no lazer implicam vários fatores e processos que influenciam o comportamento e a experiencia do intrapessoal para sociocultural.

Uma investigação acerca da percepção dos adolescentes quanto aos constrangimentos na participação e razões para a desistência de atividades de lazer mostra que as principais razões ou barreiras para a não participação são o custo, desaprovação dos pais, falta de transportes e a idade. Quanto às razões para desistirem das atividades, a investigação mostrou que a falta de interesse, mudança e o fato da atividade deixar de existir, ou existir num momento pouco conveniente são as razões principais (Hultsman, 1993). A influência dos pais e de outros adultos significantes na vida dos adolescentes também pode contribuir como uma barreira na participação em atividades de lazer.

Larson (2000) afirma que a principal razão pela qual se deve estudar os constrangimentos nos adolescentes é o facto do lazer se apresentar como um importante contexto de desenvolvimento. A participação no lazer pode contribuir para o desenvolvimento de competências socioemocionais e cívicas. Investigações em adolescentes acerca do lazer e dos constrangimentos estão obrigatoriamente ligadas com questões do desenvolvimento bem como com os contextos da idade. Larson (2000) assegura que os constrangimentos são vistos como algo que actua sobre o adolescente para evitar ou restringir a participação ou respectiva fruição. A percepção de constrangimento e habilidade de negociação e adaptação do constrangimento remete para um processo interactivo que envolve fatores pessoais e socioambientais.

2.3. Biblioteca Escolar

2.3.1. A leitura e a sociedade

Estando a leitura intimamente ligada à Biblioteca e vice-versa, é importante abordarmos este tema e não só relacionar com a sociedade, mas também com a escola e, claro, com a biblioteca, como faremos nos pontos seguintes.

A leitura enquanto competência que permite a descoberta e a construção dos significados de um texto escrito, é uma competência indispensável para a vida em sociedade, sendo a escola quem tem o papel de dotar os cidadãos desta capacidade.

“Num mundo repleto de informação e nova tecnologia, ler torna-se cada vez mais importante quer para a sociedade quer para o indivíduo. Deste modo, o ensino com êxito da leitura constitui hoje um factor-chave da educação.” (Vaz, 1995)

A ligação individuo - leitura - sociedade, pode ser vista de uma forma ideológica, notando-se uma clara diferença da ideia e importância que cada classe social atribui à capacidade de ler. As classes dominantes ligam a leitura a termos como lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, enquanto que as classes dominadas veem a leitura como uma capacidade empírica para se sobreviver, para se ter acesso ao mundo do trabalho e para se lutar contra as suas condições de vida. (Soares, 1991)

Segundo Figueiredo (2004) o saber ler é, na nossa sociedade, um passo importante na vida escolar e social da criança, representando uma aventura na descoberta de novos factos e valores. Seja qual for a maneira como se vê a leitura, ela assume uma importância inquestionável na sociedade atual.

O ato de ler é bem mais do que ler um artigo ou um livro, tornou-se numa necessidade, é participar ativamente numa sociedade, desenvolver a capacidade verbal, descobrir o mundo através das palavras e enriquecer com novas experiências e ideias. (Figueiredo, 2004).

É indubitável a importância do domínio da competência da compreensão do texto escrito para a integração na vida em sociedade, no entanto, num outro prisma, o papel da sociedade na formação de leitores já não é tão incontestável.

As práticas de leitura são um meio de detenção do conhecimento, enriquece o vocabulário, transforma o modo de escrever, pensar e expressar oralmente. A leitura e a escrita complementam-se, entrelaçando-se entre si, e por isso, é essencial para o aluno, uma vez que é um laço entre o conhecimento e a socialização do mesmo. (Alves, 2008)

Castro (1998), refere a família como núcleo da vida em sociedade, sendo determinante na promoção de hábitos de leitura e consequentes competências. Estudos efetuados por Eduardo Freitas e Maria Lourdes Santos, estabelecem ligação entre a instrução e hábitos de leitura de pais e filhos, sendo que é tendência o nível de instrução dos pais refletir-se nos filhos.

“Os pais, a casa, a comunidade, a biblioteca pública, os órgãos de comunicação social afectam o sucesso escolar da criança e consequentemente o seu êxito na leitura. As oportunidades culturais que a casa lhe oferece com livros, revistas, jornais, jogos e espaços com alguma privacidade para a criança despertam nesta a necessidade e o interesse pela leitura.” (Sequeira, 1998).

Em relação a Portugal, os dados sobre os hábitos e as competências de leitura não são muitos, existem somente dois, " Como leem as nossas crianças" de Inês Sim-Sim e Glória Ramalho, e "A literacia em Portugal" de Benavente, cujo estudo demonstra que mais de metade da população inquirida não tem mais do que o primeiro ciclo do ensino básico.

Viver em sociedade envolve a aquisição de competências de leitura, caso esta aquisição não seja realizada ou seja realizada de forma deficiente, sofre-se uma diminuição na extensão e qualidade da participação dos cidadãos na sua vida. A leitura na vida do indivíduo é, definitivamente, fulcral e de extrema importância. Silva (2005), afirma que o ato de ler traz vários benefícios para o homem, isto porque, para além de proporcionar a sua participação na sociedade, e posicionar

culturalmente, também impulsiona a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento.

2.3.2. A escola e a leitura

A aprendizagem da linguagem escrita, isto é, leitura e escrita, é dos ensinamentos fulcrais a oferecer a uma criança no início da Escolaridade Básica, mas isso não quer dizer que todas as crianças adquiram essa competência facilmente logo no 1º ano de escolaridade, como esperado.

Pennac (1993), admite que a criança adquire natural e gradualmente a linguagem, isto porque é determinada pela organização e funcionamento cerebral, contudo tem que estar exposta a um sistema linguístico.

Sendo processada a sua aquisição a partir dos primeiros meses de vida e prolongado o seu desenvolvimento ao longo do tempo, embora o período crucial seja até à adolescência, a aprendizagem formal tanto da escrita como da leitura cumpre-se apenas por volta dos seis anos de idade (Marques, 2001).

A frequência da escola e a entrada da escola é um passo crucial para as crianças lerem sozinhas, contudo o entusiasmo pela leitura desaparece à medida que se vai processando a aprendizagem da mesma (Pennac, 1993).

À medida que os alunos avançam nos vários ciclos de escolaridade o interesse pela leitura vai-se perdendo. Pennac (1993) dirige-se à televisão e aos jogos eletrónicos como sendo uma das principais razões pela qual os jovens se afastam ou se mantêm afastados dos livros e da leitura. Um outro motivo será, também, a falta de bibliotecas.

Cabe aos educadores e professores, bem como aos pais e familiares, a difícil tarefa de incentivar para a leitura, pois esta falta de motivação compromete a aquisição de hábitos neste domínio, e consequentemente o desenvolvimento de competências literárias.

De acordo com Sim-Sim (2009), a aprendizagem da leitura não é um processo natural como o da linguagem oral. Aprender a decifrar baseia-se na apropriação de

estratégias, sendo necessário um ensino explícito, consistente e sistematizado por parte do profissional de educação.

Os métodos de ensino da leitura e da escrita recorrem todos aos conhecimentos prévios da criança, tanto em termos orais como escritos, como base para a aprendizagem. (Martins, et al. 1997).

Existe, então, “uma relação entre o que se diz e o que se escreve, entre a palavra oral e a palavra escrita, entre a sílaba oral e escrita e ainda entre o fonema e o grafema” (Martins et al., 1997).

Antes de começarem o processo de alfabetização formal, as crianças já detêm de conhecimentos e representações acerca da linguagem escrita, que são consequências da interação com leitores dominantes da leitura, utilizando-a na sua quotidiana. Segundo Ferreira (1999), a alfabetização é um processo que se inicia antes da escola, e que não termina ao finalizar-se a escola primária. Alfabetizar consiste no ensinamento dos mecanismos de leitura e da escrita, bem como em possibilitar a leitura do mundo em que habitamos, tornando-nos capazes de conhecimento e de respostas às exigências impostas pela sociedade, permitindo a transformação e o desenvolvimento através da intervenção.

Na aprendizagem da leitura e da escrita distinguem-se, de forma global, três fases: a preparação, ou seja, a maturidade manifestada para a aprendizagem; a aprendizagem propriamente dita e a automatização ou consolidação da aprendizagem" (Citoler et al., 1997).

Para Ferreira (1998), o leitor tem como objetivo realizar uma representação mental sobre o que se relata no texto e não atender a uma representação que incide nas características linguísticas ou proposições. Ele vai fazer isso através da construção de um modelo de situação, descrito no texto.

Assim, entende-se que a compreensão de um texto é realizada através da sua construção mental, implicando a integração da informação transmitida no texto, relações com conhecimentos prévios e com a monitorização de coerência

relativamente à representação efetuada, derivando as dificuldades de compreensão de problemas a estes níveis (Festas, 1998).

Bordini (1993) afirma que a leitura é um processo cognitivo complexo, envolvendo o aluno ou leitor a partir de percepções próprias.

Segundo Solé (1998), é da responsabilidade do professor encontrar a melhor forma para auxiliar a criança a iniciar e a progredir na aquisição da leitura, assim, é de focar, que se deve abandonar a ideologia de que o professor deve encarar a aprendizagem inicial da leitura e da escrita numa única direcção (um só método, uma só estratégia de abordagem do código, um só modelo). O professor deve adotar uma abordagem não restritiva onde vai "Aproveitar os conhecimentos que a criança já possui e que costumam envolver o reconhecimento global de algumas palavras- caso contrário, a primeira tarefa da escola será a de proporcionar oportunidades para que esse conhecimento se desenvolva. - Aproveitar e aumentar os seus conhecimentos prévios em geral, para que possam utilizar o contexto e aventurar-se no significado de palavras desconhecidas. - Utilizar integrada e simultaneamente todas essas estratégias em actividades que tenham sentido, pois ao serem realizadas, só desta maneira, meninos e meninas, poderão beneficiar da instrução recebida." (Solé, 1998, p.7).

Para Freire (1982), muitas crianças aprendem a ler sem apresentarem muitas dificuldades, outras concluem o primeiro ano de escolaridade sem conseguirem atingir os objetivos propostos para a leitura, e mesmo após dois anos de escolaridade, continuam sem os atingir. O insucesso na aprendizagem da leitura é das principais razões pela qual as crianças não transitam de ano na primeira fase do primeiro ciclo do Ensino Básico, tal insucesso condiciona a aprendizagem de outras áreas disciplinares, uma vez que o domínio da leitura e da escrita é crucial para o manejo de outras fases do currículo.

Inicialmente o grande objetivo na educação básica era "aprender a ler", agora o foco está em "ler para aprender", não significando que o primeiro lema não tenha espaço na escola atual, uma vez que a aprendizagem do código dentro de contextos significativos para a criança é de grande importância, mas, posteriormente, a leitura é

utilizada como ferramenta na aquisição de aprendizagens de outros sectores do programa de estudo. (Condemarín, 2005).

A matemática, a ortografia, as ciências naturais e sociais e todas as outras áreas que necessitam a utilização do livro estão, obviamente, relacionadas com a habilidade de leitura. Existe uma grande correspondência entre os bons alunos na solução de problemas e os bons leitores. (Condemarín, 2005)

O insucesso escolar precoce influencia os percursos escolares, isto porque a criança, para se proteger de uma autoimagem negativa no que diz respeito às capacidades cognitivas, vai deixar de investir nas aprendizagens da escola. Este desinvestimento nas aprendizagens escolares pode dar origem a uma reação depressiva, consequente do próprio insucesso, que se estabiliza e sustenta o desinteresse escolar, ou que é camuflada com condutas Oanti escolares (Martins, 1996).

A leitura é um fator importante no fracasso ou êxito escolar também porque quando os alunos se tornam leitores já independentes, a sua relação com os documentos vai enriquecer o vocabulário e as estruturas gramaticais, bem como aumentar as competências ortográficas. As palavras podem ter mais do que uma identidade semântica, gustativa, olfativa e visual, no entanto carecem de identidade gráfica e ortográfica. Sendo a ortografia não lógica, mas sim histórica, e a identidade gráfica e ortográfica da palavra não aparece na sua forma oral, é imprescindível ser-se um bom leitor para a dominar. Esta torna-se, pouco a pouco, a principal fonte de informação do aluno interessado em processá-la em profundidade. A verdadeira aprendizagem dos conteúdos informativos vai depender da leitura efetuada pelo aluno, bem como do seu processamento paciente, por meio da ativação dos seus conhecimentos anteriores, em ler e reler, sublinhar as ideias cruciais do documento, realizar resumos, esquemas e gráficos e deter-se para raciocinar. "uma leitura chama o uso de outras fontes de informação, de outras leituras, possibilitando a articulação de outras áreas da escola. "Uma leitura remete a diferentes fontes de conhecimentos, da história à matemática. Nesse sentido, leitura e escrita são tarefas fundamentais da escola e, portanto, de todas as áreas. Estudar é ler e escrever." (Neves, 1999, p. 117).

Ao ler compreensivamente, o aluno vai enriquecer e estimular-se intelectualmente, isto porque ele não recebe com passividade a informação. À medida que lê, o aluno vai antecipando os conteúdos, forjando as suas próprias hipóteses, vai raciocinar, criticar, estabelecer relações e tirar as suas próprias conclusões. O leitor está sempre em melhores condições para enfrentar novos desafios intelectuais (Condemarín, 2005).

Cabe à escola conseguir adotar uma didática de leitura adequada, em vez de continuar a procurar "desculpas" para a falta de hábitos de leitura dos alunos e dos respetivos baixos níveis de literacia. É, então, importante que toda a comunidade educativa caminha de forma articulada na tentativa de "valorizar e revitalizar a leitura" (Antão, 1997).

Considerando que a sociedade, em geral, e a família, em particular, como elementos facilitadores ou limitadores na aquisição de competências de leitura, caberá à escola o cargo de aproveitar o potencial dos alunos, suprimindo as lacunas e desenvolvendo as capacidades que cada indivíduo leva para a escola (Sousa, 2005).

Os hábitos de leitura de uma população dependem de um conjunto de fatores, em Portugal, muitas ocorrências têm alterado a realidade do país. A melhoria das condições económicas familiares, o lançamento da rede de bibliotecas públicas e da rede de bibliotecas escolares, contribuíram imenso no acesso ao livro, bem como as várias iniciativas públicas e privadas que visam a estimulação do encontro entre livros e leitores como feiras de livro, debates com autores ou comunidades de leitores (Santos et al, 2007).

Há quem considere que a leitura, em Portugal, é uma batalha social perdida, salientando o efeito pernicioso da onnipresença da televisão, a facilidade de acesso à Internet ou a jogos de computador que funcionam como inibidores do desenvolvimento pessoal, numa sociedade com hábitos culturais evidentemente frágeis. Santos, et al. (2007), afirma que, apesar da difícil conquista dos cidadãos para os benefícios da prática de leitura devido à concorrência de várias solicitações para a ocupação do tempo, é possível a transformação de algum deles, como por exemplo, as novas tecnologias, em fortes aliados.

Segundo os dados do estudo TGI da Marktest (2015) realizado em 2014, dos 5 887 mil indivíduos, 65.2% leram pelos menos um livro nos últimos 12 meses. Ao analisarmos o perfil dos leitores de livros, é perceptível que a classe social e o género são as variáveis mais discriminantes, pois são as que apresentam maior heterogeneidade de comportamento entre os indivíduos. Neste mesmo estudo é de referir que 55.4% dos homens referiu ter lido pelo menos um livro nos últimos 12 meses, enquanto que nas mulheres a percentagem é de 74.0%. Quanto às idades, as taxas de leitura nos mais jovens, entre os 15 e 24 anos, a percentagem é de 78.7%, decrescendo esta percentagem sistematicamente após essa idade. Quanto à região, não existindo grandes discrepâncias, são os residentes da Grande Lisboa que revelam hábitos de leitura mais regulares. Entre as classes sociais denota-se uma percentagem de 86.7% nas classes alta e média e de 55.5% nas classes média e baixa.

2.3.3. A biblioteca escolar

Ao longo da última década, as bibliotecas têm vindo a consolidar o seu papel na escola. Tratando-se de um recurso que se revela fundamental face aos desafios da sociedade atual, pelas condições de espaço e acolhimento, estas bibliotecas, equipadas com novas tecnologias, são capazes de potenciar aprendizagens curriculares e ao longo da vida indispensáveis para os alunos. Hoje é impensável idealizar a escola sem biblioteca escolar. É, então, com o apoio de ferramentas tecnológicas, que se podem tornar num recurso ainda mais eficaz, uma vez que se tornam mais atrativas e dinâmicas, um dos grandes problemas das bibliotecas do nosso país, a falta de dinamização, tornando-se em simples armazéns de livros (Pitanga, 2012).

Antes de mais é importante falar-se na biblioteca tradicional. Esta é aquela onde a maioria dos itens que dela fazem parte são documentos em papel. Ela existe desde a invenção da escrita, mas é claro que antes do aparecimento da imprensa em 1440, as bibliotecas eram constituídas por outros tipos de materiais, como placas de argila, papiro e pergaminho. Uma característica a focar numa biblioteca tradicional é que tanto na coleção como no seu catálogo utilizava-se o papel como suporte de registo da informação, contudo no século XIX, houve uma grande revolução com a introdução do catálogo em fichas e o abandono do catálogo sob a forma de livro (Pitanga, 2012)

As bibliotecas, historicamente, sempre foram infraestruturas que concentram a informação num local físico, o espaço onde se guardam livros e documentos em geral e onde se reúnem um conjunto de coleções de obras selecionadas, um conjunto organizado de livros com determinados fins, de utilidade pública ou particular, e se conservam, se ordenam e organizam, para se tornarem acessíveis determinados conjuntos de informação. Ao serem locais físicos, o acesso ficava restrito às comunidades que a elas conseguiam ter acesso (Silva, 2002).

Para Silva (2002), a escola é situada no centro do ambiente físico e humano, sendo ela quem transpõe o fosso entre a experiência quotidiana do jovem e todo o conjunto de novas experiências que a vida profissional lhe reserva. No centro da escola

encontra-se a biblioteca, encarregando-se de proporcionar aos alunos ferramentas e materiais que lhes alargarão os horizontes intelectuais, culturais e humanos. Aqui, o jovem depara-se com toda a sabedoria acumulada ao longo das gerações, encontra contribuições de muitos autores acerca das diversas disciplinas, para a edificação do universo cultural do homem.

A biblioteca escolar tem como missão, estando integrada numa escola consciente da sua missão cultural, a orientação do aluno rumo ao livro. O livro é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento pessoal e cultural dos alunos, é necessário o contacto constante entre o aluno e o livro. Assim, para que esta missão seja cumprida, é necessário que se realize a animação global das bibliotecas, caso contrário, não passarão de órgãos inertes e passivos. Esta infraestrutura cultural tem um papel valioso a desempenhar para que haja um equilíbrio entre as novas tendências do ensino, com a utilização de novos métodos e técnicas, e o desenvolvimento intelectual do aluno.

Já Moura (1998) ressalta a ideia de que a biblioteca está a ser redescoberta pelas escolas pelas editoras, pelos governos, pelos próprios bibliotecários e pela sociedade de um modo geral, isto porque a biblioteca escolar é, cada vez mais, vista como um instrumento de aprendizagem indispensável para a escola.

A biblioteca escolar é, realmente, um elemento essencial da escola para o desenvolvimento cultural e social da criança. É também aqui que os professores encontram apoio para incrementar as suas aulas, levando conhecimento e cultura para a sala de aula. Assim, é um complemento da escola, é ela que fornece materiais que auxiliam os alunos a desenvolver as suas atividades, podendo ter diversas funções, sendo exemplo delas a intelectual e a recreativa (Prado, 2003).

Uma biblioteca escolar detém de vários objetivos, como tornar-se um campo para exploração e enriquecimento cultural, difundir a boa leitura, orientar no uso do livro, visando à pesquisa e à educação individual, assim como criar um ambiente favorável à formação do hábito de leitura e estimular a apreciação literária. Para estimular o gosto pela leitura e transmitir valores importantes e habilidades para a vida, esta deve

dispor de um espaço confortável, com funções educativas e culturais (Clemente, 2007).

Para falarmos das bibliotecas escolares não podemos deixar de referir um documento de estudo fundamental, o Manifesto da UNESCO para as bibliotecas escolares (1999). Este documento detém de uma importância inegável para o estudo das bibliotecas escolares. para além disso tem estado na base das investigações sobre estas bibliotecas, que têm sido cada vez mais numerosas por parte dos mais variados agentes de educação, desde o Ministério da Educação a educadores e professores. As bibliotecas estão aqui apresentadas como um recurso ao serviço do ensino que proporcionam informação e ideias fundamentais para o sucesso na sociedade actual, e que desenvolvem nos alunos competências para a aprendizagem ao longo da vida bem como a imaginação, tornando-os pensadores críticos, utilizadores efectivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação, bem como cidadãos responsáveis.

Segundo a Lei de bases do sistema educativo (1986), a biblioteca escolar é um recurso educativo privilegiado, que requer uma atenção especial, para a realização da atividade educativa. Ao conhecer-se minimamente o Sistema Educativo Português, e os moldes de funcionamento das nossas escolas, denota-se, facilmente, que a realidade das bibliotecas escolares portuguesas é constrangedora. Segundo Magalhães (2000), o sistema educativo, ao não dar o devido valor às bibliotecas escolares, exhibe como objetivo principal a transmissão de conteúdos teóricos. Estamos, então, perante "um processo de ensino cujas estratégias parecem destinar-se a seres incorpóreos; as suas pedagogias não ensinam os alunos a aprender, a estudar e a investigar; espartilhando em grelhas teóricas, o sistema não concede tempo e espaço à possibilidade de experimentação, ao exercício do raciocínio, à formulação do pensamento, à elaboração e concretização de projectos, à expressão das ideias, à organização do discurso e à prática da comunicação" (Nadal, 2002, p.2).

O nosso ensino não apela à biblioteca, é um ensino que não põe em destaque a construção da aprendizagem, mas assenta no “saber feito”, consequentemente, é um

ensino que não faz apelo à investigação, respeitando em excesso os programas, considerando as aulas como fonte do saber (Silva, 2002)

Assim, os alunos das escolas portuguesas, não têm o hábito de “encontrar e interpretar a informação de que precisam”, nem procurar e consultar criticamente bibliografia. Estes alunos não tiram partido de todas as potencialidades da biblioteca, trazendo tal facto, consequências negativas para a construção do sucesso educativo. Para Nadal (2002), com este sistema os alunos não obtêm competências nem qualificações para continuarem a aprendizagem, de forma autónoma ao longo da vida, isto é, arquivam conhecimentos, mas não são capazes de os transformar em realizações concretas, não conseguem realizar sínteses, nem "o que fazer, como fazer, como escrever ou como falar o que corresponde a um passivo que transportam para a Universidade, para a vida e para o exercício de futuras profissões" (Nadal, 2002, p.3)

As bibliotecas carecem de uma grande reestruturação, quer ao nível dos serviços, quer ao nível do acervo documental que integra, encontrando-se, na maioria dos casos, desatualizado, não indo ao encontro do interesse dos alunos e às exigências que se fazem sentir no ensino moderno. Existe falta de empenho por parte do Ministério de Educação, dos órgãos directivos das escolas, dos professores e dos alunos. Há também falta de interacção da biblioteca escolar com outras bibliotecas. Por fim, mas não menos importante, tem-se observado falta de organização, coordenação e promoção de atividades (Silva, 2002)

Referindo, novamente, o Manifesto da UNESCO para as bibliotecas escolares (1999), segundo este, os sistemas de educação devem ser estimulados a alargar os contextos de aprendizagem às bibliotecas escolares, não os resumindo aos professores e manuais. Para haver uma escola moderna e uma verdadeira Reforma Educativa é fulcral que as bibliotecas escolares sejam capazes de proporcionarem o desenvolvimento intelectual, emocional e social, permitindo uma transição bem sucedida para a idade adulta. As bibliotecas escolares são um recurso facilitador da integração e dinamização do processo ensino-aprendizagem, essencial à reforma do sistema educativo, contudo este facto ainda não foi interiorizado pelos principais

agentes educativos, podemos dizer que , os principais objectivos da última Reforma Educativa, que se refere à escola como uma espaço onde se realiza a aprendizagem e a formação humana, e não um simples espaço onde se transmitem o ensino de conhecimentos, não foi interiorizado por muitos docentes (Nadal, 2002).

Para Zeichner (1993), os professores continuam sem assumir uma atitude reflexiva, considerando, aquilo que se faz, as razões por que se faz e as implicações dessa posição, numa procura de encarar os problemas colocados em contexto educativo. Nas práticas educativas pedagógica dos docentes não existe o hábito de ensinar aos alunos a procurarem informação e a fundamentarem-se, a aproveitarem as potencialidades das bibliotecas. Silva (2002), afirma que deste modo, o sucesso educativo coloca-se em causa, objetivo que deve predominar, hoje em dia, nas escolas.

2.3.4. As Novas Tecnologias e as Bibliotecas

Esta é uma era de contínuas e rápidas mutações, caracterizada pela ruptura, pelo desenvolvimento tecnológico, pela especialização no domínio do conhecimento, cabendo á Educação consciencializar o jovem para a riqueza que existe na inter-relação, na cooperação, no trabalho colectivo e na aceitação das diferenças. Para Prensky (2001), hoje em dia, falar em mudança, é falar das alterações decorrentes da utilização das novas tecnologias e consequente adaptação das metodologias de ensino e aprendizagem.

As novas tecnologias foi um conceito que surgiu a partir da Segunda Guerra Mundial, com o aparecimento do primeiro computador programável, no entanto apenas na década de 1970 é que as novas tecnologias da informação se difundiram amplamente (Castells, 2000).

Estas tiveram um grande impacto na Educação, criando novas formas de aprendizagem assim como novas relações entre professor e aluno. A inserção da tecnologia na educação aconteceu em dois momentos históricos, por volta das décadas de 50 e 60, onde era vista como o estudo dos meios geradores de aprendizagem, e a partir dos anos 70, onde ela foi redireccionada para o estudo do ensino como processo tecnológico (Maggio, 1997).

Quer queiramos, quer não, o mundo da tecnologia existe e leva-nos a um universo indescritível de experiências que são o testemunho de imensas vantagens que dispomos no seu uso no quotidiano. Esta utilização estende-se ao nível da educação nas escolas, como mais um potencial instrumento de trabalho. A sociedade de hoje em dia está a apostar cada vez mais no desenvolvimento tecnológico, esta já não se baseia somente em fontes de informação, mas sim na capacidade de renovar, articular e reconstruir a informação em conhecimento aprofundado. Segundo Prensky (2001), uma biblioteca escolar que não se adapta e que não cria mecanismos para acompanhar a forma de trabalhar da geração digital, é uma biblioteca pouco inovadora e incapaz de desenvolver as literacias necessárias.

A biblioteca escolar, para além de facultar aos alunos o acesso a várias obras e documentos, também é capaz de proporcionar o contacto com as tecnologias de informação e comunicação (TIC). Através desta ferramenta, os alunos são levados a procurar informação sobre determinados temas do seu interesse, colmatando necessidades educativas, ou até recreativas. Assim, o professor bibliotecário deve saber rentabilizar as ferramentas tecnológicas de acordo com o objetivo pretendido. O uso das novas tecnologias nas bibliotecas deve servir para comunicar com o leitor, aproximá-lo de textos em diferentes formatos, para lhe fazer chegar a informação sobre os livros e outros tipos de textos, acima de tudo, deve servir para desenvolver o hábito de leitura e as literacias múltiplas, ou seja, envolver os alunos com o texto (Poslaniec, 2005),

O desenvolvimento das redes e das comunidades de aprendizagem traz um novo paradigma da educação assente nas TIC. As abordagens educacionais são obrigadas a sofrerem uma mudança, assim, a pedagogia centrada no saber do professor é transformada numa pedagogia centrada na partilha, interação e colaboração (Sanches, 2007).

Vive-se num contexto tecnológico que leva o sistema educacional a basear-se numa perspetiva construtivista, em que a aprendizagem depende do envolvimento activo do aprendiz, que se encontra assente na construção do conhecimento com base nos conhecimentos já obtidos, um sistema em que o professor é um mediador do processo individual da construção do conhecimento (Sanches, 2007).

A escola tem que ser capaz de criar novos ambientes educacionais permitindo a adaptação dos novos conhecimentos dos alunos aos conhecimentos já existentes, reformulando-os e contribuindo para que a comunidade de aprendizagem onde se encontra inserido evolua, através da comunicação em rede estabelecida (Sanches, 2007).

Sendo a biblioteca escolar um local físico destas tecnologias, é também, ou pode ser, um local de exploração de outras comunidades e onde a partilha em rede pode ocorrer (Clemente, 2008).

Na Biblioteca é desenvolvida a aprendizagem ao longo da vida, aqui o aluno aprende a aprender, ele procura autonomamente informação transformando-a em conhecimento, e independentemente de factores pessoais ou sociais que o possam levar à interrupção da educação, continua a aprender e a enriquecer-se culturalmente, adaptando-se às exigências da sociedade em que se encontra. Um sistema educacional que se baseie num sistema TIC, pode criar uma dinâmica de cooperação que estimule os conhecimentos, bem como o sentido crítico e a criatividade, fulcrais na sociedade atual (Clemente, 2008).

A chegada da sociedade electrónica, e consequentemente da Internet, uma ferramenta indispensável para a maior parte dos indivíduos hoje em dia, modificou drasticamente a delimitação do tempo e do espaço da informação, o potencial da recolha e pesquisa de informação aumenta enormemente, assim como a capacidade de atendimento ao público, tornando-se o mais amplo possível. Segundo Levacov (2005), a biblioteca digital, para além de mudar a ideia que tínhamos sobre a biblioteca, vai também quebrar barreiras como o tempo e espaço. As bibliotecas digitais tornam-se, assim, um instrumento poderoso de distribuição, cooperação e acesso ao conhecimento, atendendo e podendo servir de foco agregador a uma comunidade segmentada, distribuída geograficamente.

O conceito de biblioteca digital aparenta algo revolucionário, mas, na realidade é simplesmente o resultado de um processo gradual e evolutivo (Cunha, 1999). Nas últimas décadas, o computador tem sido utilizado de forma cada vez mais crescente, desde os anos setenta muitas bibliotecas implementaram catálogos em linha, começaram a aceder a bancos de dados, iniciaram o uso do CD-ROM para a recuperação de referências bibliográficas e textos completos de artigos.

Em 1994, segundo Santos (2010), com o crescimento da Internet, as possibilidades de aceder e recuperar a informação aumentaram de uma forma nunca antes imaginada. No que concerne a projetos de automatização de bibliotecas o foque foi sempre maior nos mecanismos de descrição bibliográfica, como catálogos e índices, e não no armazenamento e recuperação do próprio conteúdo dos livros ou outros documentos.

A introdução de processos digitais nos diversos serviços comumente existente numa biblioteca já provocou impactos, com reflexos tanto positivos como negativos, nas funções e serviços de uma biblioteca. No que diz respeito às estratégias, Santos (2010), afirma que não existe uma só estratégia a ser empregue na implementação de uma biblioteca digital, sendo que, as estratégias, tais como as bibliotecas, nascem num determinado tempo e sofrem influências da cultura e das situações económicas e financeiras.

Jordanne (2010) diz que este novo conceito implica uma nova noção para o armazenamento da informação, que surge em formato digital, e para a sua disseminação que se torna independente da sua localização ou do horário de funcionamento. Estão então, neste contexto conceptual, embutidos a criação, aquisição, distribuição e armazenamento de documentos sob forma digital. De um documento digital pode-se conseguir um em papel, nas bibliotecas digitais, o documento é uma fonte digital. Numa biblioteca digital o acesso é realizado através de um computador conectado em rede às fontes de informação. Aqui dois ou mais utilizadores podem utilizar em simultâneo o mesmo documento, sendo esta uma das grandes vantagens deste conceito.

Gladney (1994), afirma que uma biblioteca digital é um agrupamento de meios informáticos, de armazenamento e de comunicação, conjuntamente com o conteúdo e software necessários a reproduzir, emular e estender os serviços fornecidos pelas bibliotecas convencionais baseadas em papel e noutros meios de catalogação, busca e disseminação da informação. Para além de explorar as conhecidas vantagens do armazenamento digital, pesquisa e comunicação, uma biblioteca digital tem também que alcançar todos os serviços das bibliotecas tradicionais.

Mais recentemente, Leiner (1998), afirma que uma biblioteca digital é a colecção de serviços e de objetos de informação, a sua organização, estrutura e apresentação, que suporta o relacionamento dos utilizadores com os objectos de informação, disponíveis, directa ou indirectamente via meio electrónico.

Ainda estamos nos primórdios da biblioteca digital, contudo o papel desempenhado por esta ferramenta no processo de organização, recuperação e disseminação da

informação nos últimos anos indica que esta surgiu e redefiniu o conceito de biblioteca que conhecíamos. Para além disso, e como já foi dito, ultrapassou barreiras de tempo e espaço, que foi um desafio secular no percurso das bibliotecas (Lagoze et al, 2005)

2.3.5. A Biblioteca escolar e a leitura

É inegável a contribuição, através de planos de actividades, das bibliotecas na promoção da leitura em Portugal. Ela é o local privilegiado no desenvolvimento do gosto pela leitura, não só por deter de um número elevado de textos em diversos suportes, mas também pelo seu espaço, organização e funcionamento. Neste espaço o leitor para além de ter contacto afectivo com os livros, principalmente através de actividades de animação para leitura, também tem a possibilidade de interagir, de uma forma livre, tanto com o mediador como com os outros leitores (Silva, 2005)

A formação do leitor está intimamente ligada à oferta que instigue a imaginação e a busca do aluno pela informação. Não há um local que seja mais apropriado do que a biblioteca para essa procura, esta apresenta um espaço de interacção, socialização e produção do conhecimento. A mediação da literatura literária deve ser estimulada no ambiente familiar, desde cedo e antes da criança ingressar na escola. Quando não existe esse estímulo o bibliotecário passa a agir como mediador nesse processo (Bertolin, 2006).

A biblioteca escolar é um espaço gratuito e que respeita o individual, é um espaço que contribui para a formação académica sem desprezar a formação do ser, pois " as suas estantes confinam com a imaginação, fantasia e transportam o leitor para outros tempos, outras gentes, outras latitudes." (Nina, 2008). A biblioteca instrui e deleita, funciona como núcleo de dinamização cultural, e principalmente, desenvolve competências de leitura, cumprindo a sua função social, cultural e pedagógica.

A biblioteca é importante no que concerne ao primeiro contato da criança com o livro e com a leitura, nomeadamente se tivermos em conta que muitas crianças que frequentam o ensino básico e secundário em Portugal provêm de meios rurais e de famílias carenciadas em vários domínios. Para Magalhães (2000), as bibliotecas escolares são uma boa forma de atenuar as desigualdades sociais, uma vez que o contato com o livro nas bibliotecas infantis e juvenis vai tornar o posterior processo ensino-aprendizagem da leitura mais eficaz, isto porque as crianças que frequentam as bibliotecas já estão há muito familiarizadas com as características da leitura. As bibliotecas são, portanto, o que podemos chamar de complemento pedagógico

detentores de infra-estruturas e recursos humanos adequados para se levarem a cabo actividades diversificadas e completas.

2.3.6. O Lazer na Biblioteca Escolar

“A biblioteca escolar pode ser considerada um local de leitura e de entretenimento, onde os estudantes frequentem a biblioteca escolar porque desejam e não porque são compelidos de trabalhos e pesquisas escolares.” (Pitz, et al., 2011, p.406).

Esta citação remete para a linha de pensamento do lazer como "bem-estar", assim, e de acordo com a citação acima apresentada, a biblioteca escolar é vista como um local que o sujeito frequenta pelo simples facto de lhe proporcionar satisfação, e não como uma obrigação.

Para Gonçalves (2011), uma biblioteca é um local de descobertas, onde se pode pesquisar para trabalhos ou simplesmente passar o tempo livre num ambiente acolhedor e descontraído, até porque o lazer não é obrigatoriamente uma "diversão", pode ser uma prática de "bem-estar".

Para Pitz, et al. (2011), a Biblioteca escolar carrega uma responsabilidade diferente das outras, uma vez que, provavelmente, é onde se realiza o primeiro contacto biblioteca-utilizador. Assim, a forma como o público é atendido e convidado a participar da biblioteca, bem como a qualidade da estrutura, serão elementos fundamentais para a formação de um conceito de biblioteca através da visão dos mais novos e possíveis utilizadores.

Visto que a biblioteca é um espaço ideal para despertar a leitura, o ingresso na vida literária pode ser fascinante para a criança, tornando-se uma frequentadora assídua, ou simplesmente uma obrigação, uma ferramenta que utilizará para cumprir obrigações escolares (Pitz, et al., 2011). Isto não quer dizer que a Biblioteca não deve ser útil para as tarefas escolares, muito pelo contrário, esta é uma das principais funções, mas sendo um local que pode vir a ser diversificado, isto é, um local de entretenimento, carregar a imagem de um local focado apenas nas obrigações

escolares pode gerar consequências como o afastamento de utilizadores ou futuros utilizadores, bem como influenciar negativamente os alunos quanto à imagem da biblioteca.

Assim, podemos afirmar que, segundo Galler (1999), para além de permitirem a formação dos alunos nos inúmeros domínios, as bibliotecas também contribuem, enquanto espaços de lazer, onde os alunos lêem por prazer, para a formação de leitores para toda a vida.

2.3.7. A Animação na Biblioteca Escolar

A biblioteca escolar é a chave para o incentivo no hábito de leitura das crianças, possuindo materiais que interesse a alunos e professores, esta deve ser, acima de tudo, um espaço que proporcione o lazer, o divertimento e o brincar. Os jogos educativos de mesa ou até interativos, que devem também existir nas bibliotecas, são importantes meios de ensino através de diversas formas de entretenimento. As crianças podem desenvolver diversas capacidades, como o espírito de convívio em grupo e respeito pelas regras de grupo, bem como estratégias para atingir objetivos (Silva 2002).

Segundo Silva (2002), como parte integrante e essencial da escola, a biblioteca escolar deverá liderar um conjunto de iniciativas que se liguem, não só à leitura, mas também à dimensão lúdica e de ocupação dos tempos livres, até porque, e tal como afirma a Associação Internacional para o Direito de Brincar (IPA), brincar também faz parte da educação e cria predisposições para aprender.

Como não poderíamos deixar de referir, sendo a Animação Socioeducativa uma área fulcral e com grande potencial quando nos referimos à dinamização ou elaboração de projectos com objectivos educativos, utilizando metodologias dinâmicas, e tendo em conta a importância da existência de um profissional nesta área numa biblioteca, neste caso, numa biblioteca escolar, iniciativas que tenham em vista a dinamização das bibliotecas devem ser organizadas por um Animador Socioeducativo ou Sociocultural, sendo que neste caso, um Animador Socioeducativo seja o mais

indicado. Garcia, et al., (1989), dizem que: “a biblioteca escolar deve existir como um órgão de ação dinamizadora e não cair na passividade”, pois as ações dinâmicas da biblioteca escolar devem servir ao programa da escola, contribuindo para a formação de crianças e jovens de maneira efetiva.

A “animação da biblioteca” será então o “encontro com o escritor... a exposição, a música, o teatro: mas... também e principalmente a participação, a aventura, a descoberta, a viagem que nos leva a ouvir ou a contar histórias, a pintar com todas as cores do arco-íris, a modelar todos os sonhos, a olhar maravilhado o colorido do brinquedo, o segredo do jogo, as imagens que magicamente se soltam das páginas dos livros e participam nas nossas aventuras” (Silva, 2002, p.288).

Para Domech (2003), os animadores são profissionais importantes para o processo de hábitos de utilização dos espaços bibliotecários, promovendo a ligação do indivíduo ao livro e a outros recursos da biblioteca, bem como a própria comunicação das pessoas entre elas, desenvolvendo conhecimentos e explorando emoções de forma inovadora, indo ao encontro das necessidades e interesses ou passatempos dos utilizadores.

Segundo Pereira (2011), a maioria das atividades realizadas por animadores, como o teatro, a música, as expressões plásticas e o desporto, são também utilizadas noutras disciplinas e por diversos profissionais. Todos os docentes da escola, tanto professores de turma como professores de actividades extracurriculares, devem participar na dinamização da biblioteca. As diferentes experiências profissionais de cada um, nas áreas de plástica, música ou línguas, podem contribuir para um trabalho de formação de leitores e de promoção da leitura.

O que faz verdadeiramente a diferença entre atividades de animação e atividades de outro tipo não radica no que faz, mas na forma como se faz e de levar a cabo a atividade, e assim, a forma de utilizar a atividade no sentido de fomentar a autonomia pessoal e promover auto-organização coletiva dos grupos ou sociedade (Pereira (2011),

Apesar de já serem possíveis algumas iniciativas, grande parte das Bibliotecas Escolares, em Portugal, não têm ferramentas nem espaços preparados para dinamizações culturais e lúdicas paralelas às actividades lectivas e curriculares normais, e acima de tudo, não estão habituadas a realizá-las. A dinamização de uma Biblioteca Escolar deve ser devidamente organizada para que se consiga estimular a leitura, oferecer conhecimentos e estabelecer interações entre os membros da comunidade educativa. O planeamento das actividades tem que ser ajustado à realidade da escola em questão (Silva, 2010).

A dinamização começa pela promoção de sessões acerca da Biblioteca Escolar, estas sessões podem divulgar normas de actuação, o regulamento interno e até pode divulgar a organização da Biblioteca. Se estas sessões forem dirigidas aos alunos, professores e encarregados de educação, vão permitir que estes membros da comunidade educativa fiquem aptos a utilizar adequadamente os serviços. Este primeiro contacto entre utilizadores e a biblioteca escolar irá ser um contributo para que se sintam capazes de agir naquele meio de forma autónoma, o que será vantajoso para a criação de um ambiente harmonioso na utilização deste espaço. É do senso comum que ninguém gosta de estar num local onde não se sente bem e não está confortável por não conhecer e não saber como agir (Silva, 2010).

2.3.8. A Animação para a leitura

“É Preciso ler, é preciso ler...” E se em vez de exigir leitura o professor decidisse de repente partilhar o seu prazer de ler?” (Pennac, 1993, p.77)

A animação para a leitura, indo além da finalidade que se foca em tornar mais vivo um local de leitura, detém de um leque de técnicas e estratégias centradas no livro.

Etimologicamente, animar é " dar alma ou vida a; dar ou imprimir acção, movimento ou aceleração, despertar (sentimento, ideia)" (Dicionário Houiass, 2002), assim, o principal objectivo de um projecto de animação é motivar ou despertar a curiosidade para a leitura, bem como aproximar e criar laços entre os indivíduos e o texto.

Segundo Bastos (1999), sendo a leitura uma actividade silenciosa e calma, nem sempre é atractiva para a criança e jovem. A ausência do livro no respectivo ambiente familiar, a não frequência de bibliotecas e o pouco valor atribuído à leitura no seio familiar e na sala de aula vão agravar a situação.

Pressupondo um trabalho sistemático, fundamentado em convicções e ligado a outras acções, a animação para a leitura tem como principal objectivo incitar, dar vida e prevenir certas carências. Esta vai proporcionar a descoberta de diversos livros, esperando que, conseqüentemente, "os leitores de amanhã tenham um encontro decisivo com um livro, uma revista, ou outro tipo de documento escrito, pois muitos são os que confundem manual escolar com livro, convencendo-se de que não existem livros que os possam interessar. " (Poslaniec, 2005, p.128)

Bastos (1999) afirma que existe uma distinção entre animação e leitura individual. Tal como demonstra logo a denominação, "leitura individual", para a autora, esta tem que ser um acto individual, silencioso e voluntário que exige concentração e um ambiente calmo, já a animação de leitura é um ato coletivo e social, que pressupõe barulho e mobilidade com carácter lúdico e festivo. Assim, a animação de leitura engloba estratégias de leitura em voz alta bem como momentos de partilha de leituras e debates de grupo.

Este tipo de animação permite uma sensibilização das crianças e jovens para a leitura, uma vez que a ajuda a descobrir o livro, a transitar da leitura passiva à leitura ativa, estimula o prazer de ler e ajuda a descobrir a diversidade dos livros (Sarto, 1985).

Santos et al (2009) indicam regras para se ter sucesso no trabalho da animação da leitura. Obviamente que se tem que ter desejo de animar a ler, despertar a vontade de ler, colocar os livros à disposição das crianças e jovens, tornar os livros acessíveis ao leitor, para assim serem facilmente encontrados, contar com uma biblioteca organizada e com profissionais com conhecimento, tempo, ideias claras e muita vontade, tem que se trabalhar em equipa e estabelecer um plano de atuação. Por fim, mas definitivamente, não menos importante, tem que se contar com pais leitores e com vontade que os seus filhos também o sejam.

No âmbito da animação da leitura é fulcral refletir sobre as influências ambientais e educacionais na promoção do interesse pela leitura, não esquecendo o objectivo principal "proporcionar não só a criação de hábitos de leitura, mas também o prazer de ler" (Bastos, 1999).

Através da animação pretende-se melhorar os hábitos de leitura, tornando-os duradouros, promovendo-se a leitura livre e voluntária, ativa e crítica, fundamental para o sucesso educativo (Poslaniec, 2005).

Para Correia (2009), a animação é um associado de práticas que no contexto de biblioteca se associa não só à valorização do património da biblioteca que pretende atingir, como também à valorização pessoal, da educação permanente e do desenvolvimento da vida cultural das sociedades. Neste aspeto, o objetivo do animador é o de quebrar o estigma social de que as bibliotecas se destinam apenas a um certo público.

Dentro da animação das bibliotecas e desde há alguns anos, a animação foi capaz de resolver e transformar as bibliotecas em espaços utilizados, desejados e valorizados, num ponto de vista de encantamento e atração de novos e assíduos leitores. A

animação nas bibliotecas trouxe novidades dinâmicas a bibliotecários, professores, editores e leitores (Bas, 2003).

A animação nas bibliotecas actua em dois sentidos " de dentro para fora e de fora para dentro". Só é animação um trabalho aberto que leva à comunidade e traz para a biblioteca oportunidades de dinamização cultural/democracia cultural (Bas, 2003).

3. Questão de Investigação e Objetivos

3.1. Questão da investigação

Para a concretização do presente estudo entendemos delinear a seguinte questão de investigação:

Qual é o perfil de utilização das bibliotecas escolares?

3.2. Objetivos

Tendo por base a contextualização desta investigação e a intenção do presente estudo, delineámos como objectivos:

- 1) Identificar as práticas de lazer e uso dos tempos livres dos inquiridos;
- 2) Analisar o nível de utilização/frequência da biblioteca escolar;
- 3) Avaliar a qualidade percebida pelos inquiridos em relação a biblioteca escolar;
- 4) Identificar os constrangimentos de acesso à biblioteca escolar;
- 5) Relacionar os constrangimentos dos jovens no acesso à biblioteca escolar com os factores endógenos (idade, género e ano de escolaridade).

3.3. Hipóteses

Fortin (2009, p.102) define a hipótese como “um enunciado formal das relações previstas entre duas ou mais variáveis”.

Neste estudo, tendo em conta o modelo de investigação serão testadas as seguintes hipóteses:

H1: - Há relação entre o género e os constrangimentos percecionados pelos jovens no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé;

H2: - Há relação entre a idade dos jovens e os constrangimentos percecionados por estes no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé;

H3: - Há relação entre o ano de escolaridade dos jovens e os constrangimentos percecionados por estes no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé.

4. Metodologia

4.1. Nota Introdutória

A metodologia é preponderante na execução de qualquer trabalho de investigação, uma vez que, é através dele que se entende e se explica todo o processo de desenvolvimento do estudo. Segundo Gil (2008) o método é “o caminho para se chegar a determinado fim” e o método científico “um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adoptados para se atingir o conhecimento”.

O desenho da investigação permite delinear os elementos que fazem parte do esquema geral da pesquisa. Para Fortin (2009) “a fase metodológica operacionaliza o estudo, precisando o tipo de estudo, as definições operacionais das variáveis, o meio onde se desenrola o estudo e a população”.

Após a revisão bibliográfica, estamos preparados para definir a finalidade e os objectivos do estudo, bem como determinar a metodologia do estudo.

Têm surgido na actualidade cada vez mais artigos e estudos sobre os desafios as bibliotecas escolares no Sec. XXI, quer de autores estrangeiros, quer nacionais, embora seja um tema não muito divulgado em Portugal.

“Estamos a viver tempos de revolução: a revolução da tecnologia com inigualável impacto na sociedade, na economia, no desenvolvimento pessoal, nos princípios fundamentais da aprendizagem e no ambiente escolar. Em tempos de revolução a complexidade de situações em simultâneo é enorme. A revolução digital está a provocar grandes mudanças e, também novas soluções (Das, 2016).

Os novos modelos de aprendizagem, tal como os desenvolvimentos tecnológicos têm um enorme impacto nos jovens e nos seus comportamentos.

A mesma autora, refere que há muitas razões pelas quais os novos princípios educacionais se tornaram questões da actualidade: as necessidades individuais tornaram-se mais importantes; as inovações tecnológicas o papel que estas desempenham na vida dos jovens, estão a influenciar a educação de forma muito significativa. O crescente aumento de abandono escolar e a persistência nos problemas que afectam os jovens para continuarem, com sucesso os seus estudos, a aquisição de competências de autonomia e de pesquisa são outras razões para nos focarmos nos novos princípios de aprendizagem

Assim, a biblioteca escolar pode ser um reflexo do que é um ambiente de aprendizagem. Localizada em escolas, estão, ou deveriam estar integradas no trabalho de sala de aula. Esta tem vindo a contribuir para uma boa aprendizagem e domínio da leitura e para a promoção de estratégias de aproximação ao currículo, facilitando a aquisição de conhecimentos e a formação dos alunos nas várias literacias. O desenvolvimento de uma consciência crítica só é possível com o seu domínio, bem como uma aprendizagem contínua, essenciais para o sucesso nesta sociedade de mudanças aceleradas.

Deste modo, tratar-se de um tema bastante pertinente para o estudo, esperando também que o mesmo contribua para uma maior divulgação da importância da biblioteca escolar.

A escolha do local para a realização deste estudo recaiu sobre escola Secundária da Sé da Cidade da Guarda, o motivo da escolha deve-se ao facto de se tratar da área geográfica de residência da investigadora.

Neste capítulo realizamos a descrição do tipo de estudo, identificamos a questão de investigação e hipóteses, a operacionalização das variáveis, a selecção da população e amostra, os instrumentos de colheita de dados, o processo de colheita de dados, as considerações éticas e a previsão do tratamento estatístico.

4.2. Tipo de estudo

Segundo Gil (2008), o tipo de estudo é a estratégia que dá sentido prático a todas as actividades que se realizam para procurar resposta ao problema e objectivos propostos.

No que se refere ao método de pesquisa, a abordagem a utilizar para obter informação e descrever um fenómeno pode ser de natureza qualitativa ou quantitativa. Assim, utilizaremos o paradigma de investigação quantitativa, que consiste na “manipulação de dados numéricos, através de procedimentos estatísticos, com o propósito de descrever fenómenos ou avaliar a magnitude e a confiabilidade das relações entre eles” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p.158).

Assim, o estudo será um **estudo quantitativo, descritivo-correlacional, não experimental**. Neste tipo de investigação, o investigador procura explorar e determinar a existência de relações entre variáveis, pretendendo-se generalizar os resultados de uma determinada população em estudo a partir de uma amostra.

Será de natureza quantitativa por ter como finalidade “descrever, verificar relações entre variáveis e examinar as mudanças operadas na variável dependente após a manipulação da variável independente” (Fortin, 2009, p.371), tendo também em conta que a pesquisa quantitativa envolve a colheita sistemática de informação numérica, normalmente mediante condições de muito controle, além da análise dessa informação utilizando procedimentos estatísticos. Apresenta-se de carácter exploratório na medida em que são ainda poucos os estudos sobre perfil de utilização das bibliotecas escolares. É descritivo por descrever e relacionar características e variáveis de uma população e correlacional por examinar a relação entre as variáveis, de modo a determinar a natureza das relações. Anuncia-se não experimental, pois não se reclama a análise da causalidade (Fortin, 2009).

4.3. Operacionalização das variáveis

À luz do conhecimento científico, a identificação das variáveis é uma fase fundamental em qualquer trabalho de investigação, pois é através da observação/medição que se encontrarão respostas para as questões iniciais.

Para Fortin (2009, p.376), as variáveis são “características de pessoas, de objetos ou de situações estudadas numa investigação, a que se pode atribuir diversos valores”.

As variáveis deste estudo foram escolhidas em função da questão de investigação e dos objetivos formulados.

A variável dependente é designada como a resposta, o efeito, o critério, o comportamento ou o resultado, que o investigador quer predizer ou explicar. Para Silva e Pinto (1999, p.26) “...o efeito presumível é a variável dependente”.

Segundo Fortin (2009, p.37), a variável independente pode ser definida como, “a que o investigador manipula num estudo experimental para medir o seu efeito na variável

dependente”. Neste estudo, as variáveis independentes foram definidas em função das hipóteses do estudo previamente elaboradas.

A variável dependente que propomos estudar é “os constrangimentos percecionados pelos jovens no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé”.

Como já foi brevemente abordado, os constrangimentos percecionados pelos jovens no acesso à biblioteca escolar é de grande importância, não só pelo facto de ser inovador em Portugal, mas também, pela informação que é retirada ao utilizarmos os constrangimentos como base de uma investigação.

Os constrangimentos, como já referido, são barreiras, potenciais limitadores na participação no lazer, no entanto, sendo barreiras para os indivíduos, não são, como se pensava e afirmava há muitos anos atrás, obstáculos imóveis e estáticos. Estas limitações, segundo Jackson, Edgar (2005), citado por Goodale & Witt (1989), podem ser comportamentais, assim é necessário um estudo de diversos fatores tanto positivos, motivações, como negativos, constrangimentos.

De acordo com a bibliografia consultada, vários são os fatores que, direta ou indiretamente, podem influenciar o acesso à biblioteca por parte dos jovens.

A avaliação foi feita através de uma escala tipo likert com 7 hipóteses de resposta (de discordo totalmente (1) a concordo totalmente (7)), sendo os jovens convidados a manifestar a sua opinião face a trinta e um itens “constrangimentos” apresentados.

4.3.1. Estudo Psicométrico da “Escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca

O estudo da fidelidade da “escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca foi realizado através da determinação do coeficiente Alfa de Cronbach.

A consistência interna refere-se ao grau de uniformidade e de coerência entre as respostas dos inquiridos a cada um dos itens que compõem a prova, isto é, avalia o grau em que a variância geral dos resultados se associa ao somatório da variância

item a item. Deste modo, o estudo da homogeneidade dos itens (consistência interna) foi conduzido realizando os seguintes passos:

- 1) Determinação do coeficiente de correlação de Pearson dos diversos itens com a nota global. Indica-nos “se cada parte se subordina ou todo”, ou seja, se cada item se define como um todo “operante” do “constructo geral” que pretende medir (Vaz Serra, 1994).
- 2) Determinação do coeficiente alfa de Cronbach tanto para os fatores como para o total da escala. Este indicador permite medir a variância devido à heterogeneidade dos itens.
- 3) Determinação da correlação de split-half. Constitui uma forma de comprovar se uma das metades dos itens da escala é tão consistente a medir o constructo como a outra metade.

Assim, vamos apresentar os resultados obtidos nas diferentes etapas, seguindo a ordem porque foram enunciados, começando pela correlação dos diversos itens. Vários autores (Hill e Hill 2008, Pestana e Gageiro 2008) referem que para se conseguir uma boa definição de fator, convencionou-se que não se deveriam considerar os itens ou variáveis que tenham correlações “*r*” menores que 0,2. Contudo, pela análise do quadro 30, verificamos que os itens 2, 9, 12,17, 19,20, 23 e 26 apresentarem um valor correlacional positivo e inferior a 0,2, e porque a sua remoção a consistência interna da “escala” não seria alterada de forma significativa, sendo importantes do ponto de vista teórico, optámos pela sua manutenção, mantendo a “escala” com 31 itens.

No que se refere aos valores de alfa de Cronbach (Tabela 1) notamos, que variam dentro dos intervalos considerados normais pois situam-se para o alfa sem item entre 0,78 e 0,80, enquanto o valor de alfa total é de 0,79.

Tabela 1. Estatísticas de homogeneidade dos itens e coeficientes de consistência interna (Alfa de Cronbach) da “escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca

Itens	Descrição	Limites	\bar{X}	DP	1ª Correlação item-total	α de Cronbach quando o item é excluído
1	Estou muito ocupado com o trabalho/estudo	1-7	3,42	1,58	0,29	0,79
2	Estou muito ocupado com atividades de lazer	1-7	4,22	1,93	0,14	0,80
3	Estou muito ocupado com responsabilidades familiares	1-7	3,86	1,36	0,42	0,78
4	Tenho falta de interesse pelo espaço Biblioteca	1-7	3,29	1,41	0,45	0,78
5	Tenho falta de interesse pela leitura	1-7	3,01	1,51	0,34	0,79
6	Tenho falta de interesse pelos materiais tecnológicos (TV, PC, e internet da biblioteca)	1-7	3,57	1,77	0,43	0,78
7	Estou em más condições de saúde (fisicamente debilitado)	1-7	1,44	1,15	0,24	0,79
8	Não me sinto bem na biblioteca	1-7	2,25	1,39	0,37	0,79
9	Não aprovo os comportamentos dos outros na biblioteca	1-7	3,03	1,68	0,18	0,80
10	Tenho medo que os meus amigos desaprovem a minha visita à biblioteca	1-7	2,07	1,54	0,33	0,79
11	Tenho medo que os meus familiares desaprovem a minha visita à biblioteca	1-7	1,95	1,57	0,34	0,79
12	O meu grupo de amigos não tem interesse em frequentar a biblioteca	1-7	2,91	1,80	0,15	0,80
13	Não tenho outras pessoas com quem ir à Biblioteca	1-7	6,55	1,24	0,23	0,79
14	Os meus amigos preferem fazer outras coisas	1-7	4,50	1,65	0,24	0,79
15	A minha família não tem interesse em frequentar a biblioteca	1-7	2,51	1,84	0,44	0,78
16	A minha família não incentiva a leitura	1-7	1,97	1,52	0,32	0,79
17	A minha família não incentiva a utilizar materiais tecnológicos	1-7	2,13	1,58	0,16	0,79
18	Não conheço a biblioteca	1-7	1,40	1,07	0,29	0,79
19	Falta de informação sobre a biblioteca	1-7	2,04	1,23	0,12	0,80
20	A biblioteca está geralmente sobrelotada	1-7	2,82	1,89	0,16	0,79
21	O espaço da biblioteca é desadequado às atividades	1-7	2,66	2,25	0,45	0,78
22	A biblioteca apresenta mau ambiente de trabalho	1-7	6,94	0,69	0,40	0,78
23	A biblioteca não apresenta atratividade de Eventos culturais organizados	1-7	3,14	1,67	0,11	0,80
24	Não sou bem atendido na biblioteca	1-7	2,22	1,37	0,36	0,79
25	A biblioteca tem má qualidade de materiais documentais (livros, revistas, jornais, etc.)	1-7	2,88	1,61	0,40	0,79
26	A biblioteca tem má qualidade de computadores	1-7	3,04	1,56	0,17	0,79
27	A biblioteca tem má qualidade de Televisões	1-7	3,20	1,33	0,41	0,79
28	A biblioteca tem má qualidade no acesso à internet	1-7	4,21	1,70	0,33	0,79
29	A biblioteca tem má qualidade de documentários, filmes e CD's de música	1-7	3,28	1,49	0,34	0,79
30	A Biblioteca fica afastada da minha zona de residência	1-7	2,90	1,61	0,37	0,79
31	Não tenho transportes adequados para frequentar a Biblioteca	1-7	2,29	1,52	0,28	0,79
	Global	1-7	2,79	0,59		0,79

Ainda no âmbito do estudo da consistência interna da escala determinámos a correlação de *split-half*. O índice de fiabilidade de *split-alf* calcula-se dividindo a escala em duas metades e relacionando-a uma com a outra. Tem tendência a produzir valores de fiabilidade mais baixos uma vez que tem em consideração um número mais reduzido de itens.

Na tabela 2, apresentamos uma síntese dos valores obtidos em cada uma das metades e, como observamos, os valores médios são maiores na primeira do que na segunda metade, bem como o alfa de *Cronbach* é mais elevado na primeira metade (0,69 e 0,67 respetivamente), o que é revelador de boa consistência interna.

Tabela 2. Valores do Teste de Fiabilidade de Split alf

	Nº itens	\bar{x}	Dp	α
Primeira metade	16	2,89	0,76	0,69
Segunda metade	15	2,70	0,44	0,67

Para a determinação dos estudos de validade utilizamos a análise fatorial dos itens e dos resultados. Assim, com o intuito de conhecermos as dimensões/fatores subjacentes a esta escala realizamos com os 31 itens uma análise fatorial de componentes principais, com rotação ortogonal de tipo *Varimax* (forçada a 4 fatores).

A solução fatorial final permitiu a seleção dos quatro fatores que, no seu conjunto, explicam 36.17% da variância total.

Os quatro fatores foram identificados num estudo anterior como dimensões temáticas com as seguintes nomenclaturas:

- 1) Qualidade;
- 2) Motivação social;
- 3) Motivação pessoal;
- 4) Ocupação/falta tempo.

Tabela 3. Análise de componentes principais, rotação Varimax da “escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca

<i>Item</i>	<i>Descrição</i>	<i>F1</i>	<i>F2</i>	<i>F3</i>	<i>F4</i>
27	A biblioteca tem má qualidade de Televisões	0,759			
28	A biblioteca tem má qualidade no acesso à internet	0,713			
21	O espaço da biblioteca é desadequado às atividades	0,661			
24	Não sou bem atendido na biblioteca	0,574			
29	A biblioteca tem má qualidade de documentários, filmes e CD's de música	0,556			
22	A biblioteca apresenta mau ambiente de trabalho	0,535			
19	Falta de informação sobre a biblioteca	0,437			
26	A biblioteca tem má qualidade de computadores	0,430			
23	A biblioteca não apresenta atratividade de Eventos culturais organizados	0,408			
18	Não conheço a biblioteca	0,408			
30	A Biblioteca fica afastada da minha zona de residência	0,354			
25	A biblioteca tem má qualidade de materiais documentais (livros, revistas, jornais, etc.)	0,320			
20	A biblioteca está geralmente sobrelotada	0,253			
15	A minha família não tem interesse em frequentar a biblioteca		0,630		
13	Não tenho outras pessoas com quem ir à Biblioteca		0,611		
10	Tenho medo que os meus amigos desaprovem a minha visita à biblioteca		0,565		
12	O meu grupo de amigos não tem interesse em frequentar a biblioteca		0,460		
11	Tenho medo que os meus familiares desaprovem a minha visita à biblioteca		0,429		
16	A minha família não incentiva a leitura		0,391		
14	Os meus amigos preferem fazer outras coisas		0,358		
8	Não me sinto bem na biblioteca		0,349		
7	Estou em más condições de saúde (fisicamente debilitado)		0,328		
17	A minha família não incentiva a utilizar materiais tecnológicos		0,315		
9	Não aprovo os comportamentos dos outros na biblioteca		0,311		
6	Tenho falta de interesse pelos materiais tecnológicos (TV, PC, e internet da biblioteca)			0,628	
31	Não tenho transportes adequados para frequentar a Biblioteca			0,510	
4	Tenho falta de interesse pelo espaço Biblioteca			0,494	
5	Tenho falta de interesse pela leitura			0,437	
2	Estou muito ocupado com atividades de lazer				0,508
1	Estou muito ocupado com o trabalho/estudo				0,491
3	Estou muito ocupado com responsabilidades familiares				0,332

Ainda no que se refere aos estudos de validade, determinamos os valores de alfa de *Cronbach* por cada fator/dimensão.

No seu conjunto, os indices de consistência interna obtidos para o global da escala podem ser considerados bons ($\alpha=0,795$), bem como para o seu fator 1 e 2. O fator 3 e 4 apresentam valores que consideramos baixos, contudo, consideramos que são aceitáveis se tivermos em consideração o número de itens de cada um

Tabela 4. Consistência interna por dimensão e global da “escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca

Dimensão	Nº itens	α
Qualidade	13	0,659
Motivação Social	11	0,575
Motivação Pessoal	4	0,536
Ocupação/Falta tempo	3	0,454
Global	31	0,795

4.4. População e Amostra

Para Fortin (2003, p.133) "a descrição da população e da amostra fornece uma boa ideia sobre a eventual generalização dos resultados. As características da população definem o grupo de sujeitos que serão incluídos no estudo e precisam os critérios de selecção".

Pela proximidade e facilidade de acesso de investigação, conforme anteriormente referido, optamos por aplicar o presente estudo na escola secundária da Sé na cidade da Guarda, permitindo aplicar questionários a um universo de 872 jovens (alunos matriculados no ano lectivo 2015/16).

Responderam 154 jovens (tabela 5), afigurando-se 17,7% da população de acesso.

Tabela 5. Distribuição por ano de escolaridade dos jovens que responderam ao questionário

Ano de escolaridade	Entregues	Recebidos	%
5º	77	0	0
6º	42	33	21,4
7º	62	0	0,0
8º	64	14	9,1
9º	106	34	22,1
10º	156	32	20,8
11º	184	29	18,8
12º	181	12	7,8
Total	872	154	100,0

Considerando que não foi possível distribuir a todo o corpo estudantil da Escola Secundária da Sé, procurámos aplicar o questionário a uma amostra intencional com preocupação de equilíbrio, tendo em conta os seguintes critérios:

- 1) género
- 2) idade
- 3) ano de escolaridade

4.5. Instrumentos de colheita de dados

Existem diversos tipos de instrumentos de colheita de dados, no entanto, cabe ao investigador a decisão de seleccionar o método que melhor se adapta ao seu estudo; esta escolha faz-se em função das principais variáveis, e da estratégia de análise prevista (Fortin, 2009).

O primeiro método que vamos referir é a análise documental, esta é uma técnica fulcral para pesquisas em ciências sociais e humanas, e é realizada a partir de documentos contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos. A análise documental é uma técnica importante em qualquer pesquisa, seja para complementar informações obtidas por outras técnicas, seja para descobrir aspetos novos de um tema ou problema. (Ludke, et al, 1986).

O ponto inicial de um estudo não é análise de um documento, mas sim a formulação de um questionamento (Abreu,2009). Segundo Abreu (2009) a pesquisa documental caracteriza-se pela procura de informações em documentos que não tiveram tratamento científico, como relatórios, revistas, reportagens de jornais, entre outros. Podemos afirmar que este tipo de método utiliza matérias que não receberam tratamento analítico, isto é, fontes primárias.

A análise documental vai favorecer a observação do processo de maturação ou evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, práticas, entre outros. (Cellard, 2008).

Foi também utilizada a observação direta. Esta observação ocorreu para verificarmos as características principais da biblioteca escolar em estudo e consequente caracterização. A observação direta é uma técnica de recolha de dados que consiste em examinar fatos ou fenómenos a estudar (Marconi, 1990).

Segundo Patton (1987), a observação direta detém de várias vantagens, permite a compreensão do contexto no qual se desenvolvem as atividades, o testemunho de fatos sem a dependência de terceiros, traz para a análise as percepções do próprio observador, entre outras.

Se queremos saber o que as pessoas pensam, sentem e acreditam, a forma mais direta de obter a informação é perguntar-lhes, pelo que as técnicas de entrevista e de inquérito são os meios a utilizar (Nazareth, 2007).

Assim, ao escolhermos o instrumento de medida o questionário tivemos em conta o que estes autores dizem a respeito da recolha de dados por este meio, ou seja, “as perguntas precisam de estar numa sequência, numa ordem psicologicamente significativa e de uma forma a estimular a colaboração e a franqueza...os questionários oferecem a possibilidade de anonimato total, que pode ser fundamental na obtenção de informações sobre comportamentos socialmente inaceitáveis...a ausência de um entrevistador garante não haver tendenciosidade nas respostas que reflitam a reação do respondente ao entrevistador, e não às perguntas entre si.” (Maroy,1997).

Mas não são apenas vantagens. Vários autores, como Ghiglione e Matalon (2001) e Quivy e Campenhoudt (1998), referem alguns limites e desvantagens do questionário, tais como puderem ter custos elevados, existir alguma superficialidade nas respostas e implicar a individualização dos inquiridos. No entanto, segundo Ghiglione e Matalon (2001), o questionário é um instrumento estandardizado, tanto no texto das questões como na sua ordem, com o objectivo de garantir a comparabilidade das respostas de todos os indivíduos, estimar grandezas absolutas e relativas, descrever uma população ou verificar hipóteses.

Dada a natureza da problemática em estudo, optámos por utilizar um questionário que foi validado por cinco especialistas da área do estudo (Educação e Lazer). O conjunto de instrumentos de colheita de dados (cinco), que passamos a apresentar seguindo a ordem em que irão ser apresentados aos jovens:

- 1) Práticas de lazer e uso dos tempos livres (12 itens de escolha múltipla, medidos numa escala de frequência de 7 pontos);
- 2) Utilização/frequentação da Biblioteca Escolar (frequentação da biblioteca, finalidades da participação na biblioteca, serviços utilizados na biblioteca);
- 3) Qualidade da biblioteca (13 itens de escolha múltipla, medidos numa escala de qualidade de 7 pontos);
- 4) Constrangimentos de acesso à Biblioteca (31 itens de escolha múltipla, medidos numa escala de 7 pontos).
- 5) Dados sóciodemográfico (sexo, idade e ano de escolaridade);

O pré-teste foi aplicado a dez jovens de uma escola de Coimbra e que não estavam incluídas na população em estudo. Após o seu preenchimento que demorou em média vinte minutos, não foi referida qualquer dificuldade pelo que se manteve inalterado.

4.6. Procedimentos de recolha de dados

O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética e pelo Conselho Científico da Escola Superior de Educação de Coimbra.

Foi contactado o Diretor da Escola Secundária da Sé da cidade da Guarda, por escrito, no sentido de autorizar a aplicação do questionário, previamente aprovado pelo Ministério da Educação, através da Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC). No pedido foi fornecida informação sobre o estudo a realizar, os objetivos da investigação, a população alvo e a metodologia de aplicação do questionário.

Depois de obter a autorização (Anexo I), pediu-se a lista dos alunos por ano e por turma.

Os questionários foram distribuídos pela própria investigadora na Escola Secundária da Sé, a todos os alunos, de forma aleatória. Os alunos preenchiam no próprio momento e entregavam à investigadora, que assegurou as condições de resposta individual e garantiu o respeito pelo mais estrito anonimato, bem como a livre opção à não participação

Após ter terminado o preenchimento procedeu-se à verificação dos questionários tendo sido contados e retirados os que não estavam preenchidos. De seguida fez-se a codificação e numeração de cada questionário, tendo sido eliminados os que se apresentavam parcialmente preenchidos ou em branco.

Para proceder à aplicação do instrumento de colheita de dados tornou-se necessário planear um período destinado à recolha dos respectivos dados, a aplicação de cada instrumento de colheita de dados foi feita nos meses de março, abril, maio e junho de 2016.

4.7. Procedimentos éticos

Na investigação científica a etapa de colheita de dados tem de ser precedida de procedimentos ético-legais que salvaguardam os direitos das pessoas envolvidas na mesma. Fortin (2009, p.116) refere que “a investigação aplicada a seres humanos pode, por vezes, causar danos aos direitos e liberdades das pessoas. Por conseguinte,

é importante tomar todas as disposições necessárias para proteger os direitos e liberdades das pessoas que participam nas investigações”.

Foi obtido o consentimento informado dos pais ou educadores responsáveis pelos jovens, através da comissão de pais da escola secundária da Sé. Foi garantida a confidencialidade, privacidade e anonimato dos dados recolhidos, pois em nenhum dos registos constava qualquer identificação dos jovens que participaram neste estudo.

Foram observadas as regras de conduta da Declaração de Helsínquia e a legislação nacional em vigor.

4.8. Tratamento estatístico dos dados

Os dados serão tratados no programa de tratamento estatístico IBM-SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), na versão 23.0.

O tratamento estatístico apresenta-se em dois níveis: estatística descritiva e inferencial.

Análise estatística descritiva – que permite fazer uma descrição geral da amostra e a apresentação dos dados em quadros e gráficos. Recorremos aos seguintes testes estatísticos:

Frequências:

- 1) Absolutas (N);
- 2) Relativas (%).

Medidas de tendência central:

- 1) Média Aritmética (\bar{x});
- 2) Moda (Mo);
- 3) Mediana (Md).

Medidas de dispersão

- 1) Desvio Padrão (DP);
- 2) Mínimo (min.);

3) Máximo (Máx.)

Coeficientes:

4) “alpha” de Cronbach

Análise estatística inferencial – permite testar as hipóteses de investigação formuladas e prever a possibilidade de generalização dos resultados para a população.

As seleções dos testes de hipóteses adequaram-se em função dos seguintes critérios: o valor de simetria, obtido através do quociente entre o valor estatístico da *Skewness* pelo erro padrão da medida, se o valor obtido oscilar entre -2 e 2 , a distribuição é simétrica, se for inferior a -2 , a distribuição é assimétrica negativa, com enviesamento à direita e se for superior a $+2$, a distribuição é assimétrica positiva com enviesamento à esquerda (Pestana e Gageiro, 2008). O valor de achatamento, obtido através do quociente entre o valor estatístico da *Kurtosis* pelo seu valor do erro padrão se o valor encontrado oscilar entre -2 e 2 a distribuição é mesocúrtica, pelo contrário se for inferior a -2 , a distribuição é platicúrtica, enquanto que para K/EP superior a $+2$, a distribuição é leptocúrtica. A avaliação da aderência à normalidade, através da utilização do teste estatístico de *Kolmogorov-Smirnov* (quando $p > 0,05$ as variáveis em estudo possuem uma distribuição normal). A leitura dos coeficientes de simetria e achatamento (curtose), permitiu constatar que as distribuições são assimétricas e leptocúrticas. Esta análise e mediante os valores encontrados no teste de *Kolmogorov-Smirnov* com a correcção de *Lilliefors* ($p < 0,05$), permitiu concluir que a amostra segue uma distribuição muito diferente da normal, assim elegemos para o nosso estudo a utilização de testes estatísticos não paramétricos.

Foram aplicados os testes seguintes: *Mann-Whitney* (variável nominal dicotómica /variável intervalar) e correlação de *Spearman* (variável numérica contínua /variável intervalar)

A interpretação dos testes estatísticos foi realizada com base no nível de significância de $\alpha = 0,05$ com um intervalo de confiança de 95%. Como critérios na testagem de hipóteses estatísticas definiram-se: para um α significativo ($p \leq 0,05$) observam-se diferenças/associações entre os grupos. Para um $p > 0,05$ não se observam diferenças/associações significativas entre os grupos.

5. Resultados

5.1. Breve caracterização da cidade da Guarda

A Guarda é uma cidade portuguesa, capital do distrito da Guarda, na Região Centro, limitado a nordeste pelo município de Pinhel, a leste por Almeida, a sudeste pelo Sabugal, a sul por Belmonte e pela Covilhã, a oeste por Manteigas e por Gouveia e a noroeste por Celorico da Beira. (Município da Guarda, 2016).

A cidade detém de 26 565 habitantes no seu perímetro urbano, e é sede de um município com 712,1 km² de área, subdividida por 43 freguesias. Está situada no último contraforte Nordeste da Serra da Estrela, sendo a cidade mais alta de Portugal, com 1056 metros de altitude (Município da Guarda, 2016).

O ar é historicamente reconhecido pela salubridade e pureza, sendo distinguido pela Federação Europeia de Bioclimatismo em 2002, atribuindo à cidade o título de primeira "Cidade Bioclimática Ibérica". Esta região é também marcada pelo granito, pelo clima contrastado de montanha e pelo seu ar puro e frio que permite a cura e manufatura de fumeiro e queijaria de altíssima qualidade (Município da Guarda, 2016).

A Guarda é conhecida como "A cidade dos 5F's. A explicação mais consensual do epíteto afirma que estes significam Forte, Farta, Fria, Fiel e Formosa. Forte devido à torre do castelo, às muralhas e à posição geográfica, Farta pela riqueza do vale do Mondego, Fria pela proximidade à Serra da Estrela e pela sua altitude, Fiel porque Álvaro Gil Cabral, Alcaide-Mor do Castelo da Guarda e trisavô de Pedro Álvares Cabral, recusou entregar as chaves da cidade ao Rei de Castela durante a crise de 1383-85, tendo ainda forças para combater na batalha de Aljubarrota e tomar assento nas Cortes de 1385 onde elegeu o Mestre de Avis (D. João I) como Rei. Por fim Formosa pela sua beleza natural (Município da Guarda, 2016).

Quanto à educação, que é o foco desta dissertação de Mestrado, a Guarda tem 21 escolas, entre as quais o objeto de estudo do presente trabalho, a Escola Secundária da Sé (Município da Guarda, 2016).

5.2. A Escola Secundária da Sé

A Escola Secundária da Sé da cidade da Guarda está inserida no Agrupamento de Escolas da Sé. Deste agrupamento fazem também parte estabelecimentos do Pré-Escolar e do 1º ciclo. Do Pré-Escolar fazem parte os Jardins de Infância de Alfarazes, de Bairro da Luz, de Bairro do Pinheiro, de Carvalheira, de Casal de Cinza, de Castanheira, de Cubo, de Guarda-Gare, de Panóias, de Porto da Carne (Centro Escolar), de Póvoa do Mileu, de Rapoula, de Sequeira (Centro Escolar), de Vila Fernando e de Vila Garcia. Quanto ao 1º ciclo as escolas pertencentes são a Escola de Alfarazes, do Bairro da Luz, do Bairro do Pinheiro, do Barracão, a Casa de Trabalho Jesus Maria José - Rochoso, a Escola de Carpinteiro, de Carvalheira, de Castanheira, da Estação, do Mileu, da Pera do Moço, da Rapoula, de Vila Fernando, da Sequeira (Centro Escolar), e por fim a Escola do Porto da Carne (Centro Escolar) (Agrupamento Escolar Escola Secundária da Sé, 2016). Para além destas escolas fazem também parte a Escola Beatriz Ângelo e a Escola de S.Miguel.

A Escola é constituída por um bloco central onde decorrem as aulas e um pavilhão gimnodesportivo adjacente, implantado no amplo espaço circundante da escola. Possui 38 salas de aula dispersas num corpo principal constituído por rés-do-chão e cinco pisos superiores. Dispõe ainda de um conjunto de serviços, entre os quais os Serviços Especializados de Apoio Educativo (serviço de psicologia e orientação), Serviços de Educação Especial, Serviços Técnico – Pedagógicos (Biblioteca), Serviços de Apoio Sócio – Pedagógico (Gabinete de prevenção ao abandono escolar), Serviços de Administração Escolar (Secretaria) e por fim, os outros serviços de apoio ao funcionamento da escola (bar, cantina, reprografia, papelaria...). (Agrupamento Escolar Escola Secundária da Sé, 2016).

Quanto ao espaço dedicado ao estudo e também ao lazer, portanto a Biblioteca Escolar, está situada no coração da escola, com acesso facilitado a todos os alunos, mesmo aos que detêm de um qualquer tipo de deficiência motora. (Agrupamento Escolar Escola Secundária da Sé, 2016).

Quanto ao número de alunos ao todo a escola tem 872 alunos, em que 437 são do sexo masculino e 435 do feminino. Nesta escola estudam alunos desde o 5º ao 12º ano de escolaridade, sendo que:

- 1) 5º ano - Detém de 4 turmas, com 37 alunos do sexo masculino e 40 do feminino, dando um total de 77 alunos ao todo;
- 2) 6º ano - Detém de 2 turmas, com 23 alunos do sexo masculino e 19 do feminino, dando um total de 42 alunos ao todo;
- 3) 7º ano - Detém de 3 turmas, com 40 alunos do sexo masculino e 22 do feminino, dando um total de 62 alunos ao todo;
- 4) 8º ano - Detém de 3 turmas, com 30 alunos do sexo masculino e 34 do feminino, dando um total de 64 alunos ao todo;
- 5) 9º ano - Detém de 4 turmas, com 52 alunos do sexo masculino e 54 do feminino, dando um total de 106 alunos ao todo;
- 6) 10º ano - Detém de 6 turmas, com 83 alunos do sexo masculino e 73 do feminino, dando um total de 156 alunos ao todo;
- 7) 11º ano - Detém de 7 turmas, com 91 alunos do sexo masculino e 93 do feminino, dando um total de 184 alunos ao todo;
- 8) 12º ano - Detém de 7 turmas, com 81 alunos do sexo masculino e 100 do feminino, dando um total de 181 alunos ao todo;

5.3. Caracterização do espaço da Biblioteca

Esta caracterização foi feita através da metodologia da observação direta. Através desta observação, com o auxílio de um guião de observação onde estão apresentados os pontos fulcrais a observar, fomos capazes de proceder à caracterização deste espaço.

A biblioteca, um equipamento fulcral da escola, situada no coração do estabelecimento, encontra-se integrada na Rede de Bibliotecas Escolares, cujo objetivo é instalar e desenvolver bibliotecas em escolas públicas de todos os níveis

de ensino, disponibilizando aos utilizadores os recursos necessários à leitura, ao acesso, uso e produção da informação em suporte analógico, eletrónico e digital.

A biblioteca da Escola Secundária da Sé é um espaço dedicado principalmente ao estudo, tendo sempre em vista o bem estar e conforto dos alunos. A zona de audiovisuais detém de 6 computadores, uma televisão, e um leitor de VHS's e de DVD's. Também tem um espaço para revistas e jornais. É um espaço com boa luminosidade, nomeadamente no que concerne à luz natural.

Nesta biblioteca existem sempre duas funcionárias a trabalhar, dispostas a ajudar os alunos sempre que necessitarem, seja no esclarecimento de dúvidas, requisições e entrega de monografias ou nas pesquisas bibliográficas. Estas também têm a função de manter o silêncio necessário para se conseguir trabalhar e estudar com conforto e sossego. Para além disso detém também de uma bibliotecária.

Na zona dos audiovisuais, espaço dedicado à utilização dos recursos informáticos e aos denominados novos suportes multimédia, existem 6 computadores com ligação à Internet que permitem a realização de trabalhos e posterior impressão. A utilização dos computadores é gratuita e limitada, tendo cada aluno que preencher uma ficha onde indica o nome, turma e ojetivo de utilização do computador, bem como o tempo de utilização. Existe igualmente uma zona com uma televisão, um leitor de VHS's e outro de DVD's.

Bem ao lado desta zona de audiovisuais, existe a zona de revistas e jornais. Nesta secção podem encontrar-se inúmeras publicações de âmbito local, regional e nacional, tal como revistas gerais e de temáticas específicas. Este espaço é de livre acesso, contudo o material exposto não pode ser requisitado.

Existe uma zona de estudo, repleta de estantes com livros. É uma zona com mesas quadradas e redondas. para que os alunos consigam realizar as suas tarefas, tanto individuais como em grupo. A arrumação dos livros obedece à Classificação Decimal Universal. Neste espaço, bem como em todas as outras zonas da biblioteca, existe *wireless*, o que permite a utilização de computadores particulares.

Ao longo do ano, a biblioteca realiza atividades como " A semana da Leitura" e conferências com diversos autores. Estas atividades são, usualmente, realizadas com a cooperação dos professores da Escola (Biblioteca Escolar da Escola Secundária da Sé, 2016).

Todas estas atividades estão descritas no Blog da biblioteca, que para além de apresentar tudo o que é realizado neste espaço, também é publicado poemas escritos pelos alunos, comentários e próximas atividades que estes achem interessantes de realizar na biblioteca (Biblioteca Escolar da Escola Secundária da Sé, 2016).

5.4. Caraterização sociodemográfica

Uma vez recolhidos os dados, a partir da aplicação do questionário à amostra selecionada e após o seu tratamento estatístico, é possível, agora, proceder à sua organização e sistematização em quadros. As fontes vão ser omitidas, visto que todos os dados dizem respeito aos dados colhidos através do instrumento de colheita de dados.

Pela análise da tabela 6, podemos verificar que a amostra é constituída por 154 alunos da Escola Secundária da Sé da cidade da Guarda. A distribuição dos jovens em estudo, segundo o sexo é maioritariamente do feminino (53,9%).

Tabela 6. Distribuição dos jovens segundo o sexo

Sexo	n	%
Feminino	83	53,9
Masculino	71	46,1
Total	154	100,0

No que respeita à idade dos jovens em estudo (Tabelass 7 e 8), esta varia entre os 10 e os 18 anos; a média encontrada é de 13,63 anos, com um desvio padrão de 2,48 e coeficiente de variação de 18,19%, sendo a mediana de 14 anos e a moda de 11 anos.

Observa-se que a maior parte dos jovens se situa no grupo etário com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos (42,2%), seguindo-se o grupo etário dos 13 aos 15 anos (29,2%), sendo que 28,6% dos jovens tem idade compreendida entre os 16 e os 18 anos.

Tabela 7. Distribuição dos jovens segundo o grupo etário

Grupo etário	n	%
10 – 12 Anos	65	42,2
13 – 15 Anos	45	29,2
16 – 18 Anos	44	28,6
Total	154	100,0

Tabela 8. Estatísticas descritivas dos resultados referentes a idade dos jovens

	\bar{X}	DP	CV	Moda	Mediana	Mínimo	Máximo
Idade	13,63	2,48	18,19%	11	14	10	18

Quanto à distribuição dos jovens segundo o ano de escolaridade que frequentam (tabela 9), pode-se constatar que a maior parte (22,1%) frequentam o 9º ano, seguindo-se 21,4% do 6º ano e 20,8% do 10º ano de escolaridade. De referir que apenas 7,8% frequentam o 12º ano de escolaridade.

Tabela 9. Distribuição dos jovens segundo a idade

Ano de escolaridade	n	%
9º	34	22,1
6º	33	21,4
10º	32	20,8
11º	29	18,8
8º	14	9,1
12º	12	7,8
Total	154	100,0

No que concerne as práticas de lazer e uso de tempos livres dos por parte dos jovens, foram avaliadas através duma escala tipo likert com sete hipóteses de resposta (de nunca (1) a sempre (7)), tendo em conta a frequência de realização no ano de 2014. De forma a ordenar a frequência da realização dessas atividades recorremos ao valor médio observado (quadro 10). Assim, podemos constatar que a atividade realizada com maior frequência ($\bar{X}=5,18$) são as práticas domésticas recetivas (ver TV; ouvir rádio; ouvir música; ler jornais, livros e revista), seguindo-se ($\bar{X}=4,57$) as práticas domésticas expressivas (jogar máquinas eletrónicas; jogar computador; navegar na Internet; pintar ou desenhar) e em terceiro lugar ($\bar{X}=4,53$) surge as atividades de expressão desportiva (fazer desporto ou exercício físico), logo seguido ($\bar{X}=4,42$) das práticas de sociabilidade urbana e local (sair com os amigos e/ou familiares, ir ao café, bares, discotecas).

Tabela 10. Estatística descritiva referente a frequência das práticas de lazer e uso de tempos livres por parte dos jovens

Prática de lazer e uso de tempos livres	\bar{X}	DP	Mín.	Max.
Práticas domésticas recetivas (Ver TV; ouvir rádio; ouvir música; ler jornais, livros e revistas.)	5,18	1,22	2	7
Práticas domésticas expressivas (Jogar máquinas eletrónicas; jogar computador; navegar na Internet; pintar ou desenhar.)	4,57	1,32	2	7
Expressão desportiva (Fazer desporto ou exercício físico)	4,53	1,7	1	7
Práticas de sociabilidade urbana e local (Sair com os amigos e/ou familiares, ir ao café, bares, discotecas)	4,42	1,43	2	7
Práticas de sociabilidade doméstica (Receber e/ou ir a casa de amigos ou familiares)	4,31	1,30	1	7
Práticas de expressão ao ar livre (Passear com a família e/ou amigos (passeios ao ar livre, praia; campismo; piquenique)	4,16	1,27	1	6
Práticas recetivas de rotina (ir ao cinema, ir ao centro comercial, ir almoçar ou jantar fora com amigos e/ou familiares)	4,12	1,14	2	7
Práticas espetaculares de participação expressiva (Ir ver espetáculos (desportivos e outros) ou eventos culturais (teatro, museus, exposições, concertos de música)	3,61	1,17	1	6
Expressão turística (Realizar viagens de lazer)	3,23	1,23	1	6
Práticas de expressão artística (Tocar ou cantar num grupo musical, dançar, fazer teatro amador, fotografia, pintura)	3,03	1,46	1	7
Práticas de abandono (Não fazer nada, descansar e/ou dormir a sesta)	2,93	1,24	1	7
Práticas de sociabilidade associativa local (Ir a associações recreativas ou a coletividades locais (jogar cartas, xadrez, bilhar; participar em reuniões)	2,31	1,40	1	6

Quando questionados os jovens em estudo, acerca se alguma vez frequentaram a biblioteca escolar da Escola Secundária da Sé da cidade da Guarda (tabela 11), apenas um (0,6%) respondeu negativamente.

Tabela 11. Distribuição dos jovens segundo se alguma vez frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé

Frequência da biblioteca escolar	n	%
Sim	153	99,4
Não	1	0,6
Total	154	100,0

Relativamente à frequência da biblioteca da Escola Secundária da Sé, por parte dos jovens que já à visitaram (tabela 12), verifica-se que a maior parte (41,8%) o faz pelo menos uma vez por semana, seguindo-se 37,3% que o fazem com frequência mensal. De referir que 10,5% dos jovens referiram uma frequência diária (dias úteis) e apenas 1,3% referiu que a frequência ocorre pelo menos uma vez por ano.

Tabela 12. Distribuição dos jovens que já frequentaram biblioteca da Escola Secundária da Sé segundo a frequência com que o fazem

Frequência da frequência da biblioteca escolar	N	%
Pelo menos uma vez por semana	64	41,8
Pelo menos uma vez por mês	57	37,3
Quase todos os dias da semana	16	10,5
Pelo menos uma vez a cada 3 meses	13	8,5
Pelo menos uma vez por ano	2	1,3
Pelo menos uma vez a cada 6 meses	1	0,7
Total	153	100,0

Em relação ao período do dia que frequentam a biblioteca (tabela 13), podemos verificar que para a maioria (65,4%) é indiferente, seguindo-se 24,8% que o faz de tarde e apenas 9,8% de manhã.

Tabela 13 - Distribuição dos jovens que já frequentaram à biblioteca da Escola Secundária da Sé segundo o período do dia que a frequentam

Período do dia de frequência da biblioteca escolar	n	%
Indiferentemente	100	65,4
Tarde	38	24,8
Manhã	15	9,8
Total	153	100,0

Tabela 14. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo a duração média de visita

Duração média de visita à biblioteca	N	%
Uma a duas horas	82	53,6
Menos de uma hora	43	28,1
Duas a três horas	22	14,4
Três a quatro horas	4	2,6
Mais de quatro horas	2	1,3
Total	153	100,0

A análise da tabela 15, permite identificar a finalidade que leva os jovens a frequentar a biblioteca da Escola Secundária da Sé, avaliado através duma escala tipo likert com sete hipóteses de resposta (de nunca(1) a sempre (7)). A análise dos valores médios observados, permite constatar que a atividade que leva os jovens com maior frequência “muitas vezes” à biblioteca foi fazer os trabalhos escolares ($\bar{X} = 5,39$), sendo que o fazem com muita frequência ($\bar{X} > 4$): para utilizar o computador (e.g. realizar trabalhos, navegar na internet, jogar, etc.) ($\bar{X} = 4,65$) e estudar ($\bar{X} = 4,53$). Com menor frequência fazem-no para pesquisar/ consultar livros ($\bar{X} = 3,98$), participar em atividades organizadas pela biblioteca ou pelos professores ($\bar{X} = 3,53$), passar o tempo ($\bar{X} = 3,33$) e para investigação ($\bar{X} = 3,28$). Por outro lado, ler jornais ($\bar{X} = 1,83$), revistas ($\bar{X} = 1,73$) e jogar jogos de tabuleiro ($\bar{X} = 1,20$) são atividades que levam os jovens de forma esporádica à biblioteca

Tabela 15. Estatística descritiva referente à finalidade que leva os jovens a frequentar a biblioteca da Escola Secundária da Sé.

	\bar{X}	D.P.	Mínimo	Máximo
Fazer trabalhos escolares	5,39	1,16	2	7
Utilizar o computador (e.g. realizar trabalhos, navegar na internet, jogar, etc.)	4,65	1,40	2	7
Estudar	4,53	1,37	1	7
Investigação/ consultar livros	3,98	1,29	2	7
Participar em atividades organizadas pela Biblioteca ou pelos professores	3,53	1,11	1	7
Passar o tempo	3,33	1,54	1	6
Investigação	3,28	1,45	1	7
Ver exposições	2,98	1,79	1	6
Encontrar amigos	2,63	1,42	1	7
Ver exposições	2,66	1,24	1	6
Pedir emprestado / devolver livros ou revistas (outros materiais)	2,59	1,41	1	6
Assistir a colóquios e debates	2,50	1,23	1	6
Ouvir música	2,41	1,70	1	6
Ler livros não-escolares	2,34	1,27	1	6
Ver filmes/documentários	2,12	1,31	1	6
Ler jornais	1,83	1,88	1	7
Ler revistas	1,73	0,98	1	6
Jogar jogos de tabuleiro	1,20	0,58	1	4

Os jovens em estudo quando questionados acerca da forma como tiveram conhecimento das atividades desenvolvidas pela biblioteca (tabela 16), a grande maioria (85%) referiu ser através dos professores, seguindo-se 7,2% que referiram os colegas de escola e 5,9% os amigos e apenas 2% referiram o email/internet.

Tabela 16. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo a forma como tiveram conhecimento das atividades desenvolvidas pela biblioteca

Como soube das atividades desenvolvidas na biblioteca?	N	%
Através dos professores	130	85,0
Através de colegas escola	11	7,2
Através de amigos	9	5,9
Através de emails / internet	3	2,0
Total	153	100,0

A tabela 17 permite analisar a utilização do serviço de empréstimo domiciliário de livros por parte dos jovens em estudo, assim podemos constatar que a maior parte (49,7%) nunca utilizou este serviço. Apenas 8,5% referiram utilizar esse serviço com periodicidade pelo menos uma vez por mês.

Tabela 17. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo se costumam utilizar o serviço de empréstimo domiciliário de livros

Costumas utilizar o serviço de empréstimo domiciliário de livros?	n	%
Não, nunca	76	49,7
Sim, raramente	38	24,8
Sim, algumas vezes por ano	26	17,0
Sim, mensalmente	11	7,2
Sim, semanalmente	2	1,3
Total	153	100,0

Quando questionados os 13 jovens que referiram que costumam utilizar o serviço de empréstimo domiciliário de livros pelo menos uma vez por mês, acerca de quantos livros em média pede emprestado à biblioteca para levar para o domicílio (tabela 18), a grande maioria (84,6%) referiu ser um ou dois livros e apenas 15,4% três a quatro livros.

Tabela 18. Distribuição dos jovens que costumam utilizar o serviço de empréstimo domiciliário de livros pelo menos uma vez por mês, segundo quantos livros pedem emprestado a biblioteca para levar para casa

Em média por mês quantos livros pedes emprestados à biblioteca?	n	%
Um ou dois livros	11	84,6
Três ou quatro livros	2	15,4
Total	13	100,0

Quando questionados, os jovens em estudo que costumam utilizar o serviço de empréstimo domiciliário de livros pelo menos uma vez por mês, acerca do tipo de livros que costuma levar para casa (tabela 19), a maioria (69,2%) referiu serem livros para fazer trabalhos escolares e os restantes 30,8% referiram livros de estudo.

Tabela 19. Distribuição dos jovens que costumam utilizar o serviço de empréstimo domiciliário de livros pelo menos uma vez por mês, segundo o género de livros que costumam pedir emprestado à biblioteca para levar para casa

Género de livros que costumam levar para casa	n	%
Livros para fazer trabalhos	9	69,2
Livros de estudo	4	30,8
Total	13	100,0

Os jovens em estudo quando questionados, acerca do número de livros que pensa ter lido no último ano, excluindo os que leu por motivos de estudo, a maioria (52,3%) referiu ter lido um ou dois livros, seguindo-se 30,7% que referiram ter lido de três a cinco livros. De salientar que 13,7% referiram não ter lido nenhum livro, por outro lado, 3,3% referiram ter lido seis a dez livros.

Tabela 20. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo o número de livros que pensam ter lido no último ano

Livros que pensam ter lido no último ano	n	%
Um a dois livros	80	52,3
Três a cinco livros	47	30,7
Nenhum	21	13,7
Seis a dez livros	5	3,3
Total	153	100,0

No que concerne aos géneros literários preferidos pelos jovens em análise (quadro 21), podemos constatar que o romance surge em primeiro lugar (41,2%), seguido do policial (22,2%) e aventura/ação (19,6%). De referir que todos os outros géneros literários tiveram preferência inferior à 4% dos inquiridos, sendo que poesia, político/filosófico e infantis/juvenis foram indicados por apenas por 1,3% dos jovens.

Tabela 21. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo o género literário que mais gostam de ler

Género literário que gostam mais de ler	n	%
Romance	63	41,2
Policial	34	22,2
Aventura/ação	30	19,6
Viagens	6	3,9
Arte/ fotografia	6	3,9
Terror/mistério	5	3,3
Banda desenhada	3	2,0
Poesia	2	1,3
Político/filosófico	2	1,3
Infantis/juvenis	2	1,3
Total	153	100,0

Quando questionados os jovens em estudo se costumam utilizar o serviço de leitura de jornais (tabela 22), a maioria (58,8%) respondeu negativamente. Sendo que 28,8% o fazem raramente e apenas 4,6% o fazem, pelo menos, uma vez por mês.

Tabela 22. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo se costumam utilizar o serviço de leitura de jornais

Utilização do serviço de leitura de jornais	n	%
Não, nunca	90	58,8
Sim, raramente	44	28,8
Sim, algumas vezes por ano	12	7,8
Sim, mensalmente	6	3,9
Sim, semanalmente	1	0,7
Total	153	100,0

Quanto as preferências de leitura de jornais por parte dos jovens que referiram frequentar pelo menos uma vez por mês o serviço de leitura dos mesmos na biblioteca da Escola Secundária da Sé (tabela 23), podemos verificar que o correio da manhã é o preferido pela maioria (57,1%). Os restantes (jornal notícias, o interior e o record) foram indicados cada um por apenas um jovem.

Tabela 23. Distribuição dos jovens que costumam utilizar o serviço de leitura de jornais pelo menos uma vez por mês, segundo quantos livros podem emprestado a biblioteca para levar para casa

Jornais que lêem com mais frequência	n	%
Correio Manhã	4	57,1
Jornal Noticias	1	14,3
O Interior	1	14,3
Record	1	14,3
Total	7	100,0

No que concerne à utilização do serviço de leitura de revistas (tabela 24), a situação é similar ao da leitura de jornais, ou seja, a maioria (62,1%) respondeu negativamente. Sendo que 25,5% o fazem raramente e apenas 2,7% o fazem, pelo menos, uma vez por mês.

Tabela 24. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo se costumam utilizar o serviço de leitura de jornais

Utilização do serviço de leitura de revistas	n	%
Não, nunca	95	62,1
Sim, raramente	39	25,5
Sim, algumas vezes por ano	15	9,8
Sim, mensalmente	3	2,0
Sim, semanalmente	1	0,7
Total	153	100,0

No que concerne a utilização do serviço de leitura de revistas (tabela 25), dos quatro jovens que referiram utilizar pelo menos uma vez por mês, cada um (25%) indicou revistas diferentes.

Tabela 25. Distribuição dos jovens que costumam utilizar o serviço de leitura de jornais pelo menos uma vez por mês, segundo quantos livros podem emprestado a biblioteca para levar para casa

Revistas que lêem com mais frequência	n	%
Maria, Ativa, Nova Gente	1	25,0
Visão; Vidas	1	25,0
Flash; Lux	1	25,0
100%jovem	1	25,0
Total	4	100,0

A tabela 26, permite analisar a utilização do serviço de equipamento multimédia (excluindo computador) da biblioteca da Escola Secundária da Sé por parte dos jovens. Assim, a maior parte (43,8%) referiu nunca os ter utilizado, sendo que 32% o fizeram de forma esporádica e apenas 4,6% referiram pelo menos uma utilização por mês.

Tabela 26. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Guarda, segundo se costumam utilizar o serviço de equipamento multimédia

Utilização do serviço de equipamento de multimédia	n	%
Não, nunca	67	43,8
Sim, raramente	49	32,0
Sim, algumas vezes por ano	22	14,4
Sim, semanalmente	8	5,2
Sim, mensalmente	6	3,9
Sim, mais de uma vez por semana	1	0,7
Total	153	100,0

O grau de preferência de utilização do serviço de equipamentos multimédia, por parte dos jovens que referiram ter utilizado o serviço pelo menos uma vez por mês, foi avaliado através de uma escala tipo Likert com sete intervalos (nunca (1) a sempre(7)). Para à sua ordenação por ordem decrescente de preferência, procedeu-se ao cálculo da média obtida para cada atividade. Assim, ver filmes/documentários ($\bar{X}=3,17$) é a atividade mais frequente, seguindo-se a pesquisa on-line para fins escolares ($\bar{X}=2,73$), a pesquisa online para fins de lazer ($\bar{X}=2,71$) e ouvir música ($\bar{X}=2,67$).

Tabela 27. Estatística descritiva referente a utilização do serviço multimédia da biblioteca da Escola Secundária da Sé, por parte dos jovens que referiram utilizar esses equipamentos pelo menos uma vez por mês, segundo o fim para o qual o fazem

Fim de utilização do serviço de multimédia	\bar{X}	D.P.	Mínim o	Máxim o
Ver filmes/documentários	3,17	1,60	2	6
Investigação online para fins escolares	2,73	1,39	2	7
Investigação online para fins de lazer	2,71	0,91	2	4
Ouvir música	2,67	0,98	2	5
Visitar a página da Biblioteca Escolar Online	2,53	1,36	2	7
Jogar computador	2,47	0,91	2	5
Jogar online	2,07	0,26	2	3

No que concerne a utilização do serviço de computador da biblioteca da Escola Secundária da Sé por parte dos jovens (tabela 28), podemos constatar que a maior parte (38,6%) referiu nunca o ter utilizado, sendo que 19% o fazem raramente. Por outro lado 41,9%, referiram pelo menos uma utilização por mês, sendo que 10,5% destes referem uma utilização mais que uma vez por semana.

Tabela 28 - Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo se costumam utilizar o serviço de computador da biblioteca

Utilização do serviço de computador	N	%
Sim, mensalmente	59	38,6
Sim, raramente	29	19,0
Sim, semanalmente	26	17,0
Sim, mensalmente	22	14,4
Sim, mais de uma vez por semana	16	10,5
Não, nunca	1	0,7
Total	153	100,0

De forma a conhecer os motivos pelo qual os jovens em estudo mais frequentemente utilizam o serviço de computador da biblioteca, formulamos sete áreas em que os inquiridos se deviam pronunciar através de uma escala tipo likert com sete hipóteses de resposta (de nunca (1) a sempre(7)).

A análise dos valores médios observados, permite constatar que utilizar o computador para realizar trabalhos escolares é muito frequente ($\bar{X}=5,91$), bem como para efetuar pesquisas na internet para trabalhos escolares ($\bar{X}=5,80$). Por outro lado, usar a internet para ir a blogs ($\bar{X}=1,59$) ou para jogar ($\bar{X}=1,63$) quase nunca acontece.

Tabela 29. Estatística descritiva referente a utilização do serviço computador da biblioteca da Escola Secundária da Sé por parte dos jovens que referiram utilizar esses equipamentos pelo menos uma vez por mês, segundo o fim para o qual o fazem

Fim de utilização do serviço de computador	\bar{X}	D.P.	Mínim o	Máxim o
Para realizar trabalhos escolares	5,91	0,82	3	7
Para efetuar investigações na internet para trabalhos escolares	5,80	0,77	2	7
Para aceder à internet para estar no chat com amigos ou para aceder a redes sociais	3,51	2,02	1	7
Usar a internet para ver vídeos	3,35	1,36	1	7
Usar a internet para ouvir música	3,05	1,2	1	6
Usar a internet para ler jornais/revistas	2,11	1,68	1	6
Para jogar	1,63	0,89	1	5
Usar a internet para ir a blogs	1,59	0,96	1	5

A análise da tabela 30, referente a frequência com que os jovens utilizam o serviço de wireless da biblioteca da Escola Secundária da Sé, permite constatar que a maior parte (35,9%) refere utilizar esse serviço, mais de uma vez por semana, seguindo-se 30% que referiram essa utilização com periodicidade mensal. De salientar que 24,2% referiram utilização desse serviço pelo menos uma vez por semana.

Tabela 30 - Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo se costumam utilizar o serviço de wireless da biblioteca

Frequência de utilização do serviço de wireless	n	%
Sim, mais de uma vez por semana	55	35,9
Sim, mensalmente	46	30,0
Sim, semanalmente	37	24,2
Sim, raramente	10	6,5
Não, nunca	5	3,3
Total	153	100,0

De forma a conhecer os motivos pelo qual os jovens em estudo mais frequentemente utilizam o serviço de wireless da biblioteca, utilizamos a mesma metodologia que utilizamos em relação ao computador (tabela 31). Assim, podemos verificar que o serviço de wireless é utilizado preferencialmente para aceder a redes sociais (\bar{X} =5,21), seguindo-se (\bar{X} =4,94) o acesso para estar no chat com amigos e em terceiro lugar o acesso para efetuar pesquisas na internet para trabalhos escolares (\bar{X} =4,26). Por outro lado, usar o wireless para aceder a internet para ler jornais/revistas (\bar{X} =2,14) ou para ir a blogs (\bar{X} =2,50) acontece de forma esporádica.

Tabela 31 - Estatística descritiva referente a utilização do serviço wireless da biblioteca da Escola Secundária da Sé por parte dos jovens que referiram utilizar esse serviço pelo menos uma vez por mês, segundo o fim para o qual o fazem

Fim de utilização do serviço de wireless	\bar{X}	D.P.	Mínimo	Máximo
Aceder a redes sociais	5,21	1,36	2	7
Para aceder à internet para estar no chat com amigos	4,94	1,74	1	7
Para efetuar investigações na internet para trabalhos escolares	4,26	1,77	1	7
Para realizar trabalhos escolares	4,12	1,93	1	7
Para jogar	3,04	1,22	1	6
Usar a internet para ir a blogs	2,50	1,55	1	6
Usar a internet para ler jornais/revistas	2,14	1,43	1	7

De forma a identificar a qualidade da biblioteca da Escola Secundária da Sé, percecionada pelos jovens em estudo solicitamos que estes se pronunciassem acerca de treze áreas (através de uma escala tipo likert com sete hipóteses de resposta (de péssimo (1) a ótimo(7)).

Uma primeira análise da tabela 32, permite constatar que no global os jovens percecionam uma qualidade “boa” (todos os itens com valores médios superiores 4,5). Uma análise mais detalhada dos valores médios observados, permite constatar que é em relação ao edifício ($\bar{X}=5,96$), localização ($\bar{X}=5,54$), atendimento/ajuda dos funcionários ($\bar{X}=5,46$), ambiente de trabalho ($\bar{X}=5,28$) e horário de funcionamento ($\bar{X}=5,23$) que os jovens percecionam maior qualidade. Já no que concerne a rapidez/conectividade à internet ($\bar{X}=4,47$), estado de conservação/quantidade atualidade das televisões ($\bar{X}=4,61$) e computadores ($\bar{X}=4,68$) é onde os jovens identificam menor qualidade.

Tabela 32. Estatística descritiva referente à perceção da qualidade da biblioteca da Escola Secundária da Sé por parte dos jovens

Qualidade da biblioteca	\bar{X}	D.P.	Mínimo	Máximo
Edifício (adequação às atividades ou funções, estética do espaço, etc.)	5,56	0,97	3	7
Localização (facilidade de acesso, etc.)	5,54	1,01	3	7
Atendimento/ ajuda dos funcionários (simpatia, disponibilidade, eficácia, etc.)	5,46	1,00	1	7
Ambiente de trabalho (iluminação, temperatura ambiente, silencio, etc.)	5,28	1,16	1	7
Horário de funcionamento	5,23	1,08	3	7
Eventos culturais organizados (Exposições, debates, palestras, etc.)	5,19	0,99	3	7
Facilidade de encontrar os livros na estante	5,16	0,88	3	7
Serviço de empréstimo domiciliário	5,14	0,92	3	7
Materiais documentais -livros, jornais e revistas (estado de conservação, quantidade, diversidade, atualidade, etc.)	5,06	0,91	3	7
Materiais documentais -livros, jornais e revistas (estado de conservação, quantidade, diversidade, atualidade, etc.)	4,85	0,90	3	7
Computadores (estado de conservação, quantidade, atualidade, etc.)	4,68	0,91	3	7
Televisões (estado de conservação, quantidade, atualidade, etc.)	4,61	0,90	1	7
Acesso à internet (conectividade, rapidez, etc.)	4,47	1,12	1	7

Os jovens quando questionados se conhecem/costumam frequentar outra biblioteca (tabela 33), a maioria (79,7%) respondeu que sim.

Tabela 33. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo se conhecem/costumam frequentar outra biblioteca

Frequência da biblioteca escolar	n	%
Sim	122	79,7
Não	31	20,3
Total	153	100,0

Quando questionados se de uma forma geral a biblioteca da Escola Secundária da Sé responde as suas necessidades (tabela 34), apenas um jovem (0,7%) respondeu negativamente.

Tabela 34. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo se de uma forma geral a biblioteca responde as suas necessidades

Resposta da biblioteca às necessidades dos alunos	n	%
Sim	152	99,3
Não	1	0,7
Total	153	100,0

Quando solicitado aos jovens em estudo sugestões para melhorar o funcionamento geral da biblioteca (tabela 35), a maioria (54,9%) não respondeu, sendo que 10,5% referiram a necessidade de melhorar os equipamentos (computadores, televisões, mobiliário, decoração...), seguido de 9,8% que identificaram a necessidade de melhorar a qualidade da internet e 7,8% necessidade de ter livros e filmes mais recentes. De referir que 5,2% identificaram a necessidade de melhorar o silêncio no espaço da biblioteca e 4,6% alertaram para a necessidade de redimensionar o espaço, nomeadamente necessidade de um espaço para trabalhos de grupo.

Tabela 35. Distribuição dos jovens que já frequentaram a biblioteca da Escola Secundária da Sé, segundo as suas sugestões para melhorar o funcionamento geral da biblioteca

Sugestões para o melhorar o funcionamento da biblioteca escolar	n	%
Não responderam	84	54,9
Melhorar equipamentos (computadores, televisão, mobiliário...)	16	10,5
Melhorar internet (velocidade, acesso)	15	9,8
Renovar livros/filmes..	12	7,8
Melhorar silêncio/comportamento utilizadores	8	5,2
Redimensionar o espaço da biblioteca (ex. estudo grupo, mais luz...)	7	4,6
Mais atividades/atratividade	6	3,9
Prolongar o horário da biblioteca	3	2,0
Os professores utilizarem mais a biblioteca durante horário letivo	1	0,7
Não ocuparem os computadores da biblioteca para estar nas redes sociais	1	0,7
Total	153	100,0

A tabela 36, permite verificar os principais constrangimentos, por parte os jovens em estudo, no acesso à biblioteca. A avaliação foi feita através de uma escala tipo likert com 7 hipóteses de resposta (de discordo totalmente (1) a concordo totalmente (7)), sendo os jovens convidados a manifestar a sua opinião face aos “constrangimentos” apresentados.

Uma primeira análise permite constatar que existem três “constrangimentos” que se destacam, uma vez que os valores médios verificados são superiores à 4, “os meus amigos preferem fazer outras coisas” ($\bar{X}=4,50$) “estou muito ocupado com atividades de lazer” ($\bar{X}=4,22$) e “a biblioteca tem má qualidade no acesso à internet” ($\bar{X}=4,21$).

Todos os outros itens tem valores médios inferiores a quatro (discordo), sendo que em relação a quatro itens os valores médios são inferiores a dois (discordo muito/totalmente): “não conheço a biblioteca” ($\bar{X}=1,40$), “estou em más condições de saúde (fisicamente debilitado)” ($\bar{X}=1,44$), “tenho medo que os meus familiares

desaprovem a minha visita à biblioteca” ($\bar{X}=1,95$) e “a minha família não incentiva a leitura” ($\bar{X}=1,97$).

Tabela 36 - Estatística descritiva referente à percepção dos constrangimentos no acesso a biblioteca da Escola Secundária da Sé por parte dos jovens

Constrangimentos no acesso à biblioteca escolar	\bar{X}	D.P.	Mínimo	Máximo
Os meus amigos preferem fazer outras coisas	4,50	1,65	1	7
Estou muito ocupado com atividades de lazer	4,22	1,93	1	6
A biblioteca tem má qualidade no acesso à internet	4,21	1,70	1	7
Estou muito ocupado com responsabilidades familiares	3,86	1,36	1	7
Tenho falta de interesse pelos materiais tecnológicos (TV, PC, e internet da biblioteca)	3,57	1,77	1	7
Estou muito ocupado com o trabalho/estudo	3,42	1,58	1	6
Tenho falta de interesse pelo espaço Biblioteca	3,29	1,41	1	7
A biblioteca tem má qualidade de documentários, filmes e CD's de música	3,28	1,49	1	7
A biblioteca tem má qualidade de Televisões	3,20	1,33	1	7
A biblioteca não apresenta atratividade de Eventos culturais organizados	3,14	1,67	1	7
A biblioteca tem má qualidade de computadores	3,04	1,56	1	7
Não aprovo os comportamentos dos outros na biblioteca	3,03	1,68	1	7
Tenho falta de interesse pela leitura	3,01	1,51	1	6
O meu grupo de amigos não tem interesse em frequentar a biblioteca	2,91	1,80	1	7
A Biblioteca fica afastada da minha zona de residência	2,90	1,61	1	6
A biblioteca tem má qualidade de materiais documentais (livros, revistas, jornais, etc.)	2,88	1,61	1	7
A biblioteca está geralmente sobrelotada	2,82	1,89	1	7
O espaço da biblioteca é desadequado às atividades	2,66	2,25	1	7
A minha família não tem interesse em frequentar a biblioteca	2,51	1,84	1	7
Não tenho outras pessoas com quem ir à Biblioteca	2,43	1,87	1	7

A minha família não tem interesse em frequentar a biblioteca	2,37	1,91	1	7
Não tenho transportes adequados para frequentar a Biblioteca	2,29	1,52	1	7
Não me sinto bem na biblioteca	2,25	1,39	1	7
Não sou bem atendido na biblioteca	2,22	1,37	1	7
A minha família não incentiva a utilizar materiais tecnológicos	2,13	1,58	1	7
Tenho medo que os meus amigos desaprovem a minha visita à biblioteca	2,07	1,54	1	7
Falta de informação sobre a biblioteca	2,04	1,23	1	5
A minha família não incentiva a leitura	1,97	1,52	1	7
Tenho medo que os meus familiares desaprovem a minha visita à biblioteca	1,95	1,57	1	5
Estou em más condições de saúde (fisicamente debilitado)	1,44	1,15	1	6
Não conheço a biblioteca	1,40	1,07	1	7

5.5. Estudo Psicométrico da “Escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca

O estudo da fidelidade da “escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca foi realizado através da determinação do coeficiente Alfa de Cronbach.

A consistência interna refere-se ao grau de uniformidade e de coerência entre as respostas dos inquiridos a cada um dos itens, isto é, avalia o grau em que a variância geral dos resultados se associa ao somatório da variância item a item. Deste modo, o estudo da homogeneidade dos itens (consistência interna) foi realizada através:

- 1) Determinação do coeficiente de correlação de Pearson dos diversos itens com a nota global. Indica-nos “se cada parte se subordina ou todo”, ou seja, se cada item se define como um todo “operante” do “constructo geral” que pretende medir;
- 2) Determinação do coeficiente alfa de Cronbach tanto para os fatores/dimensão como para o total da escala. Este indicador permite medir a variância devido à heterogeneidade dos itens;
- 3) Determinação da correlação de split-half. Constitui uma forma de comprovar se uma das metades dos itens da escala é tão consistente a medir o constructo como a outra metade. (Serra, 1994).

Assim, vamos apresentar os resultados obtidos nas diferentes etapas, seguindo a ordem porque foram enunciados, começando pela correlação dos diversos itens. Vários autores (Hill e Hill 2008, Pestana e Gageiro 2008) referem que para se conseguir uma boa definição de fator, convencionou-se que não se deveriam considerar os itens ou variáveis que tenham correlações “*r*” menores que 0,2. Contudo, pela análise do quadro 30, verificamos que os itens 2, 9, 12,17, 19,20, 23 e 26 apresentarem um valor correlacional positivo e inferior a 0,2, e porque a sua remoção a consistência interna da “escala” não seria alterada de forma significativa, sendo importantes do ponto de vista teórico, optámos pela sua manutenção, mantendo a “escala” com os 31 itens.

No que se refere aos valores de alfa de *Cronbach* (tabela 37) notamos, que variam dentro dos intervalos considerados normais pois situam-se para o alfa sem item entre 0,78 e 0,80, enquanto o valor de alfa total é de 0,79.

Tabela 37. Estatísticas de homogeneidade dos itens e coeficientes de consistência interna (Alfa de Cronbach) da “escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca

Itens	Descrição	Limites	\bar{x}	DP	1ª Correlação item-total	Alfa de Cronbach quando o item é excluído
1	Estou muito ocupado com o trabalho/estudo	1-7	3,42	1,58	0,29	0,79
2	Estou muito ocupado com atividades de lazer	1-7	4,22	1,93	0,14	0,80
3	Estou muito ocupado com responsabilidades familiares	1-7	3,86	1,36	0,42	0,78
4	Tenho falta de interesse pelo espaço Biblioteca	1-7	3,29	1,41	0,45	0,78
5	Tenho falta de interesse pela leitura	1-7	3,01	1,51	0,34	0,79
6	Tenho falta de interesse pelos materiais tecnológicos (TV, PC, e internet da biblioteca)	1-7	3,57	1,77	0,43	0,78
7	Estou em más condições de saúde (fisicamente debilitado)	1-7	1,44	1,15	0,24	0,79
8	Não me sinto bem na biblioteca	1-7	2,25	1,39	0,37	0,79
9	Não aprovo os comportamentos dos outros na biblioteca	1-7	3,03	1,68	0,18	0,80
10	Tenho medo que os meus amigos desaprovem a	1-7	2,07	1,5	0,3	0,79

11	minha visita à biblioteca			4	3	
	Tenho medo que os meus familiares desaprovem a minha visita à biblioteca	1-7	1,95	1,5 7	0,3 4	0,79
12	O meu grupo de amigos não tem interesse em frequentar a biblioteca	1-7	2,91	1,8 0	0,1 5	0,80
13	Não tenho outras pessoas com quem ir à Biblioteca	1-7	6,55	1,2 4	0,2 3	0,79
14	Os meus amigos preferem fazer outras coisas	1-7	4,50	1,6 5	0,2 4	0,79
15	A minha família não tem interesse em frequentar a biblioteca	1-7	2,51	1,8 4	0,4 4	0,78
16	A minha família não incentiva a leitura	1-7	1,97	1,5 2	0,3 2	0,79
17	A minha família não incentiva a utilizar materiais tecnológicos	1-7	2,13	1,5 8	0,1 6	0,79
18	Não conheço a biblioteca	1-7	1,40	1,0 7	0,2 9	0,79
19	Falta de informação sobre a biblioteca	1-7	2,04	1,2 3	0,1 2	0,80
20	A biblioteca está geralmente sobrelotada	1-7	2,82	1,8 9	0,1 6	0,79
21	O espaço da biblioteca é desadequado às atividades	1-7	2,66	2,2 5	0,4 5	0,78
22	A biblioteca apresenta mau ambiente de trabalho	1-7	6,94	0,6 9	0,4 0	0,78
23	A biblioteca não apresenta atratividade de Eventos culturais organizados	1-7	3,14	1,6 7	0,1 1	0,80
24	Não sou bem atendido na biblioteca	1-7	2,22	1,3 7	0,3 6	0,79
25	A biblioteca tem má qualidade de materiais documentais (livros, revistas, jornais, etc.)	1-7	2,88	1,6 1	0,4 0	0,79
26	A biblioteca tem má qualidade de computadores	1-7	3,04	1,5 6	0,1 7	0,79
27	A biblioteca tem má qualidade de Televisões	1-7	3,20	1,3 3	0,4 1	0,79
28	A biblioteca tem má qualidade no acesso à internet	1-7	4,21	1,7 0	0,3 3	0,79
29	A biblioteca tem má qualidade de documentários, filmes e CD's de música	1-7	3,28	1,4 9	0,3 4	0,79
30	A Biblioteca fica afastada da minha zona de residência	1-7	2,90	1,6 1	0,3 7	0,79
31	Não tenho transportes adequados para frequentar a Biblioteca	1-7	2,29	1,5 2	0,2 8	0,79
	Global	1-7	2,79	0,5 9		0,79

Ainda no âmbito do estudo da consistência interna da escala determinámos a correlação de split-half. O índice de fiabilidade de split-half calcula-se dividindo a escala em duas metades e relacionando-a uma com a outra. Tem tendência a produzir valores de fiabilidade mais baixos uma vez que tem em consideração um número mais reduzido de itens.

Na tabela 38, apresentamos uma síntese dos valores obtidos em cada uma das metades e, como observamos, os valores médios são maiores na primeira do que na segunda metade, bem como o alfa de Cronbach é mais elevado na primeira metade (0,69 e 0,67 respetivamente), o que é revelador de boa consistência interna.

Tabela 38. Valores do Teste de Fiabilidade de Split alf

	Nº itens	\bar{x}	Dp	α
Primeira metade	16	2,89	0,76	0,69
Segunda metade	15	2,70	0,44	0,67

Para a determinação dos estudos de validade utilizamos a análise fatorial dos itens e dos resultados. Assim, com o intuito de conhecermos as dimensões/fatores subjacentes a esta escala realizamos com os 31 itens uma análise fatorial de componentes principais, com rotação ortogonal de tipo Varimax (forçada à 4 fatores).

A solução fatorial final permitiu a seleção dos quatro fatores que, no seu conjunto, explicam 36,17% da variância total.

Os quatro fatores foram identificados num estudo anterior como dimensões temáticas com as seguintes nomenclaturas:

- 1) Qualidade;
- 2) Motivação social;
- 3) Motivação pessoal;
- 4) Ocupação/falta tempo.

Tabela 39. Análise de componentes principais, rotação Varimax da “escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca

<i>Item</i>	<i>Descrição</i>	F1	F2	F3	F4
27	A biblioteca tem má qualidade de Televisões	0,759			
28	A biblioteca tem má qualidade no acesso à internet	0,713			
21	O espaço da biblioteca é desadequado às atividades	0,661			
24	Não sou bem atendido na biblioteca	0,574			
29	A biblioteca tem má qualidade de documentários, filmes e CD's de música	0,556			
22	A biblioteca apresenta mau ambiente de trabalho	0,535			
19	Falta de informação sobre a biblioteca	0,437			
26	A biblioteca tem má qualidade de computadores	0,430			
23	A biblioteca não apresenta atratividade de Eventos culturais organizados	0,408			
18	Não conheço a biblioteca	0,408			
30	A Biblioteca fica afastada da minha zona de residência	0,354			
25	A biblioteca tem má qualidade de materiais documentais (livros, revistas, jornais, etc.)	0,320			
20	A biblioteca está geralmente sobrelotada	0,253			
15	A minha família não tem interesse em frequentar a biblioteca		0,630		
13	Não tenho outras pessoas com quem ir à Biblioteca		0,611		
10	Tenho medo que os meus amigos desaprovem a minha visita à biblioteca		0,565		
12	O meu grupo de amigos não tem interesse em frequentar a biblioteca		0,460		
11	Tenho medo que os meus familiares desaprovem a minha visita à biblioteca		0,429		
16	A minha família não incentiva a leitura		0,391		
14	Os meus amigos preferem fazer outras coisas		0,358		
8	Não me sinto bem na biblioteca		0,349		
7	Estou em más condições de saúde (fisicamente debilitado)		0,328		
17	A minha família não incentiva a utilizar materiais tecnológicos		0,315		
9	Não aprovo os comportamentos dos outros na biblioteca		0,311		
6	Tenho falta de interesse pelos materiais			0,628	

	tecnológicos (TV, PC, e internet da biblioteca)	
31	Não tenho transportes adequados para frequentar a Biblioteca	0,510
4	Tenho falta de interesse pelo espaço Biblioteca	0,494
5	Tenho falta de interesse pela leitura	0,437
2	Estou muito ocupado com atividades de lazer	0,508
1	Estou muito ocupado com o trabalho/estudo	0,491
3	Estou muito ocupado com responsabilidades familiares	0,332

Ainda no que se refere aos estudos de validade, determinamos os valores de alfa de *Cronbach* por cada fator/dimensão.

No seu conjunto, os índices de consistência interna obtidos para o global da escala podem ser considerados bons ($\alpha=0,795$), bem como para o seu fator 1 e 2. O fator 3 e 4 apresentam valores que consideramos baixos, contudo, consideramos que são aceitáveis se tivermos em consideração o número de itens de cada um

Tabela 40. Consistência interna por dimensão e global da “escala” de constrangimentos no acesso a biblioteca

Dimensão	Nº itens	α
Qualidade	13	0,659
Motivação Social	11	0,575
Motivação Pessoal	4	0,536
Ocupação/Falta tempo	3	0,454
Global	31	0,795

5.6. Teste de hipóteses

Após a análise descritiva dos dados obtidos procedemos à verificação da validade das hipóteses de investigação, associando algumas das variáveis sociodemográficas em estudo, à nossa variável endógena (constrangimentos no acesso a biblioteca).

A interpretação dos testes estatísticos foi realizada com base no nível de significância de $\alpha = 0,05$ com um intervalo de confiança de 95%. Como critérios na testagem de hipóteses estatísticas definiram-se: para um α significativo ($p \leq 0,05$) observam-se diferenças/associações entre os grupos. Para um $p > 0,05$ não se observam diferenças/associações significativas entre os grupos.

Hipótese 1 - Há relação entre o género e os constrangimentos percecionados pelos jovens no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé

Procuramos saber em que medida o género discriminava os constrangimentos de acesso a biblioteca da escola Secundária da Sé percebidos pelos jovens (tabela 41). Realizado o teste de Mann-Whitney, verificou-se que as ordenações médias eram maiores nos rapazes, em todas as suas dimensões e no global, com exceção de “ocupação/falta de tempo”, o que traduz que percecionam maiores constrangimentos no acesso a biblioteca por parte destes. Contudo o valor de “p” indica não existir diferença significativa entre os dois grupos, sendo legítimo concluir que o género não tem poder discriminante sobre os constrangimentos percecionados pelos jovens no acesso a biblioteca da escola Secundária da Sé.

Tabela 41. Resultados da aplicação do teste de Mann-Whitney, para verificar a significância da diferença dos constrangimentos de acesso a biblioteca da escola Secundária da Sé percebidos pelos jovens conforme o género

Género Constrangimentos Acesso Biblioteca	Feminino (n=83)	Masculino (n=69)	Z	p
	Ordenação Média	Ordenação Média		
Qualidade	71,75	82,21	-1,460	0,144
Motivação Social	77,06	76,93	-0,018	0,985
Motivação Pessoal	73,93	80,64	-0,938	0,348
Ocupação/Falta tempo	82,72	71,39	-1,583	0,114
Global	74,46	76,78	-0,325	0,745

Hipótese 2 - Há relação entre a idade dos jovens e os constrangimentos percebidos por estes no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé

Ao relacionarmos a idade dos jovens e os constrangimentos percebidos pelos mesmos no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé (correlação de Spearman), observa-se uma tendência para a idade se correlacionar negativamente com no global e nas dimensões "qualidade" e "motivação social", ou seja, consoante aumenta a idade dos jovens estes tendem a perceber menores constrangimentos no global e no que concerne a qualidade da biblioteca e " (des)motivação social". Por outro lado, a correlação é positiva em relação as dimensões "motivação pessoal" e "ocupação/falta de tempo", ou seja, consoante aumenta a idade dos jovens estes tendem a perceber maior des(motivação) pessoal e maior ocupação/falta de tempo para frequentarem a biblioteca. Contudo essa correlação não é estatisticamente significativa ($p > 0,05$), o que nos leva a rejeitar a segunda hipótese de investigação: existe relação entre a idade dos jovens e os constrangimentos percebidos pelos mesmos no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé.

Tabela 42. Resultados estatísticos relativos à aplicação do Coeficiente de Correlação de Spearman, à idade dos jovens e aos constrangimentos percebidos no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé

Idade	ρ	P
Qualidade	- 0,128	0,117
Motivação Social	-0,060	0,462
Motivação Pessoal	0,113	0,166
Ocupação/Falta tempo	0,099	0,221
Global	-0,048	0,563

Hipótese 3 - Há relação entre o ano de escolaridade dos jovens e os constrangimentos percebidos por estes no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé

Para verificar se existe correlação entre ano de escolaridade dos jovens e aos constrangimentos percebidos no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé (tabela 43), como os valores de “p” determinados foram muito superiores ao nível

de significância estabelecido ($\alpha = 0,05$), concluímos que as correlações encontradas não são significativas ou, por outras palavras, não se confirma a terceira hipótese de investigação: existe relação entre o ano de escolaridade dos jovens e os constrangimentos percecionados pelos mesmos no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé.

Tabela 43. Resultados estatísticos relativos à aplicação do Coeficiente de Correlação de Spearman, ao ano de escolaridade dos jovens e aos constrangimentos percecionados no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé

Ano de escolaridade	r	P
Qualidade	- 0,143	0,078
Motivação Social	-0,054	0,510
Motivação Pessoal	0,094	0,248
Ocupação/Falta tempo	0,140	0,083
Global	-0,051	0,538

6. Conclusões

Na presente dissertação de mestrado assumimos como objetivo compreender o perfil de utilização das bibliotecas escolares e principalmente compreender quais os constrangimentos que impedem a frequência da mesma, acreditando que a identificação dos constrangimentos dos jovens no acesso à biblioteca escolar, permitirá delinear estratégias de facilitação do acesso à biblioteca escolar. Assim, delineámos, também, cinco objectivos: Identificar as práticas de lazer e uso dos tempos livres dos inquiridos; Analisar o nível de utilização/frequência da biblioteca escolar; Avaliar a qualidade percebida pelos inquiridos em relação a biblioteca escolar; Identificar os constrangimentos de acesso à biblioteca escolar; Relacionar os constrangimentos dos jovens no acesso à biblioteca escolar com os factores endógenos (idade, género e ano de escolaridade).

Tomando por base não só, mas também, os autores mencionados anteriormente na componente teórica, vamos afirmar ou infirmar as hipóteses estabelecidas nesta componente prática, e também enquadrar e contextualizar os resultados mais significativos tendo como base os problemas e as hipóteses enunciados em articulação com as evidências teóricas.

Desta forma, e uma vez apresentados os resultados dos questionários, neste capítulo vamos conseguir responder à questão inicial e às hipóteses formuladas.

Assim, verificamos que a amostra é constituída maioritariamente por indivíduos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos de idade e a frequentar o 9º ano.

Em relação às práticas de lazer e uso de tempos livres podemos verificar que as realizadas com maior frequência são as domésticas recetivas (ver TV; ouvir rádio; ouvir música; ler jornais, livros e revista), sendo que as práticas de sociabilidade urbana e local (sair com os amigos e/ou familiares, ir ao café, bares, discotecas), são as menos praticadas. Segundo Pereira (2008), o ritmo de vida dos jovens é condicionada pelo ritmo de vida da família e da instituição escolar. Para Pereira e Neto (1997), o lazer depende da educação, dos padrões culturais, das possibilidades que a comunidade oferece, bem como as condições socioeconómicas da família. Comparando com o estudo de Ferraz e Pereira (2009), verificamos que realmente,

entre os jovens, a prática de lazer e uso de tempos livres mais praticada é a doméstica, nomeadamente, ver televisão e ouvir música, obtendo uma percentagem de respostas de 95% numa amostra de 248 jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 16. Estes resultados assemelham-se também aos do estudo de Garton e Pratt (1991), no qual foram inquiridos 1248 jovens.

No que concerne à frequência da biblioteca escolar da escola Secundária da Sé, apenas um aluno respondeu que nunca frequentou a biblioteca, e consequentemente, a grande maioria dos inquiridos respondeu que já frequentou, sendo que a maior parte o faz pelo menos uma vez por semana. É de mencionar que 10,5% dos jovens referiram uma frequência diária (dias úteis) e apenas 1,3% referiu que a frequência ocorre pelo menos uma vez por ano. Para os alunos, o período do dia em que frequentam a biblioteca é indiferente, podendo ocorrer no período da manhã ou da tarde, sendo que, maioritariamente, tem uma duração média de uma a duas horas. No estudo de Amaral (2014), no que concerne à frequência da biblioteca, numa amostra de 536 inquiridos, apenas 11,5% frequenta diariamente a biblioteca escolar e 39,1 frequenta uma a três vezes por semana, assemelhando-se, assim, aos resultados do estudo presente. Num outro prisma, denotamos discrepância, ainda que não muito acentuadas, na percentagem de alunos que não frequentam a biblioteca escolar, sendo que no estudo de Amaral (2014), 7,5% dos alunos nunca frequentou a biblioteca escolar, bem como na percentagem de frequência da biblioteca escolar por ano letivo, apresentando uma percentagem de 6,1% de alunos que apenas frequentam a biblioteca escolar uma a três vezes por ano letivo.

Existem várias hipóteses de finalidades que podem levar os alunos à utilização do espaço da biblioteca. Contudo, e para chegarmos a uma conclusão mais concreta, utilizamos uma escala tipo likert com sete hipóteses de resposta (de nunca (1) a sempre (7)). Assim, conseguimos identificar que a atividade que leva os alunos a frequentar a biblioteca com mais frequência é a realização dos trabalhos escolares, seguindo-se a utilização do computador para a realização de trabalhos, navegação na internet e/ou jogar. As atividades organizadas pela biblioteca ou pelos professores está entre as atividades que levam com menos frequência os alunos à utilização da biblioteca, sendo que a grande maioria referiu que tiveram conhecimento destas

atividades através dos professores e apenas 2% através do email/internet. Segundo o estudo de Amaral (2014), a maioria utiliza a biblioteca escolar com a finalidade de utilizar o computador e efetuar pesquisas para a execução de trabalhos escolares, verificando-se uma compatibilidade com os resultados do estudo da presente dissertação. Já o estudo de XXXX mostra uma realidade diferente, 51,3% utiliza a biblioteca para pesquisas, e 47,9% para visionamento de filmes. Estes resultados enquadram-se na definição exposta no presente documento que afirma, segundo Pitanga (2012), que a biblioteca escolar tem vindo a consolidar o seu papel na escola, tratando-se de um recurso que se revela fundamental face aos desafios da sociedade atual, pelas condições de espaço e acolhimento. Estas bibliotecas, equipadas com novas tecnologias, são capazes de potenciar aprendizagens curriculares e ao longo da vida indispensáveis para os alunos. Hoje é impensável idealizar a escola sem biblioteca escolar.

Quanto à utilização do serviço de empréstimo domiciliário de livros por parte dos jovens em estudo concluímos que a grande maioria dos alunos nunca utilizou este serviço, e apenas 8,5% utilizam pelo menos uma vez por mês. Ainda quanto aos alunos que utilizam o empréstimo domiciliário de livros pelos menos uma vez por mês, também conseguimos chegar a uma conclusão quanto ao tipo de livros que costumam levar para casa, sendo os livros para fazer trabalhos escolares os que obtiveram uma maior percentagem de respostas.

Vamos agora focar-nos nos hábitos de leitura dos jovens inquiridos frequentadores da biblioteca. Acerca do número de livros que pensa ter lido no último ano, excluindo os que leu por motivos de estudo, a maioria referiu ter lido um ou dois livros, seguindo-se os que não leram livro nenhum com uma percentagem de 13,7%, sendo que uma minoria leu seis a dez livros. Quanto à preferência dos géneros literários o romance surge em primeiro lugar. Segundo o estudo de Neves (2010), a maioria dos alunos lê 3 a 5 livros por ano. No mesmo estudo, constata-se que a maioria dos alunos refere que, na actualidade, gosta de ler, e os principais motivos do gosto pela leitura são o fato de contribuir para desenvolver a imaginação e para melhorar a cultura geral. É também possível verificar que o incentivo da família na fase da adolescência é muito pouco assinalado pelos alunos. Assim, e remetendo para

a afirmação já apresentada no documento de Santos (2005), ponderando que a sociedade e a família são elementos facilitadores ou limitadores na aquisição de competências de leitura, caberá à escola o cargo de aproveitar o potencial dos alunos, suprimindo as lacunas e desenvolvendo as capacidades que cada indivíduo leva para a escola.

No que se refere à utilização do serviço de leitura de jornais e de revistas concluímos que a situação é bastante similar, isto é um grande número de alunos não utiliza o serviço de leitura de jornais nem de revistas. Ainda que utilizem raramente ambos os serviços, conseguimos chegar a uma conclusão quanto à preferência dos jornais, verificando-se que o correio da manhã é o preferido pela maioria.

Passamos então para utilização do serviço de equipamento multimédia (excluindo computador) da biblioteca da Escola Secundária da Sé. Concluímos, então, que a maioria nunca utilizou, e apenas 4,6% referiram pelo menos uma utilização por mês. Concluímos também, novamente através de uma escala tipo Likert com sete intervalos (nunca (1) a sempre (7)), que ver filmes/documentários é a atividade que os alunos que referiram ter utilizado o serviço pelo menos uma vez por mês realizam mais frequentemente quando questionados quanto ao grau de preferência de utilização do serviço de equipamentos multimédia.

Agora, quanto à utilização do serviço de computador da biblioteca concluímos que a maioria nunca utilizou, sendo que 19% o fazem raramente, e 41,9%, referiram utilizar pelo menos uma vez por mês.

Quanto ao fim da utilização dos computadores da biblioteca conseguimos concluir, segundo uma formulação de sete áreas em que os inquiridos se deviam pronunciar através de uma escala tipo likert com sete hipóteses de resposta (de nunca (1) a sempre (7)), que a realização de trabalhos escolares é a opção com maior percentagem de escolha por parte dos alunos, sendo que a utilização da internet para ir a blogs ou para jogar foram as menos selecionadas.

Uma outra conclusão, é acerca do serviço de wireless da biblioteca. Este é utilizado preferencialmente para aceder a redes sociais, e é utilizado mais de uma vez por

semana por 35,9% dos alunos. É de salientar que 24,2% referiram utilizar este serviço pelo menos uma vez por semana.

Fazendo uma comparação mais geral em termos das novas tecnologias nas bibliotecas escolares podemos verificar que, segundo o estudo de Conde (2001), que recolheu dados em 203 escolas, os serviços mais utilizados são os que estão associados ao uso da internet. Quando se fala de suportes informáticos, a função lúdica da biblioteca pareceu ser menos compreendida e aceite, havendo um número minoritário, mas ainda assim significativo, de escolas onde os jogos de computador eram inexistentes, ao contrário, do que acontece com os livros, os DVDs ou os CDs de natureza recreativa. Ainda segundo este estudo, os alunos utilizam mais frequentemente as TIC individualmente ou em grupos de 2-3.

As pesquisas de Margaryan et al (2011) e Kennedy et al (2010) afirmam que ao chegarem à universidade, os jovens não têm competências para uma utilização eficiente das tecnologias, sendo que foi detetado um baixo nível de habilidade no que concerne à partilha e criação de conteúdos. A realidade das novas tecnologias trazem alguns aspetos que merecem atenção e autenticam o encargo da família e das instituições educacionais, notadamente da biblioteca escolar, em trabalhar competências para a literacia digital e informacional e para o uso responsável e cognitivo da internet por crianças e jovens.

Uma outra conclusão bastante pertinente neste estudo foi acerca da qualidade da biblioteca escolar. Assim, e através da avaliação de 13 áreas na perceção dos alunos, com uma escala tipo likert com sete hipóteses de resposta (de péssimo (1) a ótimo (7)), conseguimos concluir que de forma geral a qualidade da biblioteca é "boa", sendo que, e já numa avaliação mais pormenorizada, é em relação ao edifício localização, atendimento/ajuda dos funcionários, ambiente de trabalho e horário de funcionamento que os jovens percecionam maior qualidade. Consequentemente, 99,3% dos alunos respondeu afirmativamente quando questionados se de uma forma geral a biblioteca da Escola Secundária da Sé responde as suas necessidades, sendo que quando solicitado aos jovens em estudo sugestões para melhorar o funcionamento geral da biblioteca a maioria não respondeu, e 10,5% referiram a

necessidade de melhorar os equipamentos (computadores, televisões, mobiliário, decoração...). A biblioteca escolar deve ser um espaço de recursos pedagógicos directamente ligados às actividades quotidianas de ensino e às actividades curriculares lectivas ou não lectivas ou de ocupação de tempos livres. O seu uso deve respeitar a natureza e funções do espaço, correspondendo àquilo que se espera que uma biblioteca faça, assim é importante realçar que segundo o estudo Pinto (2007), e comparando com o estudo da dissertação presente, a atualização dos computadores é o mais requerido pelos. Para corroborar estes resultados apresentamos o estudo de Amaral (2014) que demonstra que a maioria respondeu que o que falta na biblioteca escolar são os computadores, correspondendo a 28,1% das respostas.

Seguem-se as conclusões quanto aos constrangimentos no acesso à biblioteca. Assim, através de uma escala tipo likert com 7 hipóteses de resposta (de discordo totalmente (1) a concordo totalmente (7)), os alunos manifestaram a sua opinião face aos "constrangimentos" apresentados. Os três constrangimentos destacados foram "os meus amigos preferem fazer outras coisas", "estou muito ocupado com atividades de lazer" e "a biblioteca tem má qualidade no acesso à internet". Por outro lado, existem quatro itens com valores médios inferiores a dois (discordo muito/totalmente): "não conheço a biblioteca", "estou em más condições de saúde (fisicamente debilitado) ", "tenho medo que os meus familiares desaprovem a minha visita à biblioteca" e "a minha família não incentiva a leitura", o que nos remete para a afirmação de Hultsman (1993), que explica que a influência dos pais e de outros adultos significantes na vida dos adolescentes pode contribuir como uma barreira na participação em atividades. Segundo o estudo de Amaral (2014), o que leva os alunos a não frequentar tanto quanto queriam a biblioteca escolar é a falta de tempo livre, seguindo-se o fato da biblioteca não estar aberta à noite e a falta de atração do espaço.

Focando-nos agora na abordagem inferencial do presente estudo, vamos falar das hipóteses de investigação. O papel principal da análise estatística é estabelecer se os resultados obtidos têm significância estatística, de acordo com limites pré-estabelecidos. Assim, e como já referido, a interpretação dos testes estatísticos foi

realizada com base no nível de significância de $\alpha = 0,05$ com um intervalo de confiança de 95%, assim, só existem diferenças/associações entre os grupos, se: $p \leq 0,05$, uma vez que para um α significativo ($p \leq 0,05$).

Definimos a variável dependente, designada como a resposta, o efeito, o critério, o comportamento ou o resultado, que o investigador quer predizer ou explicar, e a independente, que é a que o investigador manipula num estudo experimental para medir o seu efeito na variável dependente (género, idade, ano de escolaridade). Estas variáveis foram definidas em função das hipóteses do estudo previamente elaboradas (Fortin, 2009).

Assim, testámos as 3 hipóteses estabelecidas nesta dissertação, tendo consciência de que um teste de hipóteses é um procedimento que conduz a uma decisão acerca das hipóteses (com base numa amostra) :

- 1) Hipótese 1: Há relação entre o género e os constrangimentos percecionados pelos jovens no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé;
- 2) Hipótese 2: Há relação entre a idade dos jovens e os constrangimentos percecionados por estes no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé
- 3) Hipótese 3: Há relação entre o ano de escolaridade dos jovens e os constrangimentos percecionados por estes no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé

Em relação à Hipótese 1, as ordenações médias são maiores nos rapazes, em todas as suas dimensões e no global, com exceção de “ocupação/falta de tempo”, o que traduz que percecionam maiores constrangimentos no acesso a biblioteca por parte destes. Ainda assim, temos que concluir que não existe uma diferença significativa entre os dois grupos, o que consequentemente nos leva a concluir que o género não tem poder discriminante sobre os constrangimentos percecionados pelos jovens no acesso a biblioteca da escola Escola Secundária da Sé.

Quanto à existência de relação entre a idade dos jovens e os constrangimentos percecionados por estes no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé, portanto,

Hipótese 2, concluímos que consoante aumenta a idade dos jovens estes tendem a percecionar menores constrangimentos no global e no que concerne à qualidade da biblioteca e "(des)motivação social". Num outro prisma, concluímos que a correlação é positiva em relação às dimensões "motivação pessoal" e "ocupação/falta de tempo", ou seja, consoante aumenta a idade dos jovens estes tendem a percecionar maior des(motivação) pessoal e maior ocupação/falta de tempo para frequentarem a biblioteca. Ainda assim, somos obrigados a rejeitar esta hipótese, uma vez que essa correlação não é estatisticamente significativa.

Por fim, e quanto à Hipótese 3, "Há relação entre o ano de escolaridade dos jovens e os constrangimentos percecionados por estes no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé", e como não conseguimos uma correlação estatisticamente significativa entre o ano de escolaridade e os constrangimentos percecionados pelos alunos no acesso à biblioteca, esta hipótese não se confirma.

Em conclusão verificamos que realmente existe um maior número de alunos do sexo masculino que apresentam constrangimentos no acesso à biblioteca, e menos constrangimentos ao acesso no global e no que concerne à qualidade da biblioteca e "(des)motivação social" consoante aumenta a idade. Ainda assim não existe uma correlação significativa entre as variáveis independentes "sexo" e "idade" e a variável dependente, o que nos remete para a conclusão de que estas não têm significância estatística para que se confirmem.

Comparativamente com o estudo "Hábitos de leitura em crianças e adolescentes: Um estudo de caso em alunos do segundo e terceiro ciclos do Ensino Básico", de Gouveia (2009), quando é relacionada a frequência com que os alunos se deslocam à biblioteca escolar e a variável independente "sexo" denota-se uma pequena diferença com o estudo da presente dissertação, isto é, o número de respostas dadas pelos inquiridos do sexo masculino é muito aproximado das do sexo feminino, contudo, deparamo-nos com uma diferença maior no número de alunos que frequenta a biblioteca escolar várias vezes por semana (27,2% no caso das raparigas e 20,3% nos rapazes). No que toca à variável independente "ano de escolaridade", neste mesmo estudo, é visível uma maior assiduidade dos alunos do segundo ciclo e do

sétimo ano de escolaridade, comparativamente com as turmas dos oitavo e nono anos de escolaridade.

Numa conclusão geral da interpretação dos resultados, verificamos que nenhuma das hipóteses deteve das condições necessárias para serem aceites, uma vez que os valores de p foram sempre superiores ao nível de significância estabelecido ($\alpha = 0,05$). Assim o valor de p nas hipóteses testadas foi sempre superior a 0,05. Por outras palavras, nenhuma correlação entre as variáveis apresentadas nas 3 Hipóteses diferentes obteve uma percentagem estatisticamente significativa.

Concluímos então, que os resultados obtidos não permitem retirar ilações sobre a relação entre constrangimentos percecionados pelos jovens no acesso à biblioteca da escola Secundária da Sé e as variáveis independentes, uma vez que, todas as variáveis independentes mostraram-se não estatisticamente significativas. Os resultados obtidos podem ter sido induzidos pelas limitações inerentes aos dados utilizados quer em termos de extensão, quer em termos da variável dependente.

Na elaboração deste estudo não nos deparámos com poucas limitações, contudo deparámo-nos com uma difícil de ultrapassar. Após a realização do questionário necessitámos da validação por parte da Direção geral da educação (DGES), este foi um processo bastante demorado, uma vez que o questionário foi recusado mais de duas vezes com a justificação de que o subtema "caraterização sociodemográfica" não garantia o anonimato dos inquiridos e consequente confidencialidade. Contudo esta limitação foi ultrapassada ao retirarmos os dados, que na perspetiva da DGES, pudessem ser considerados excessivos face aos objetivos do estudo e que identificassem ou tornassem identificáveis os sujeitos inquiridos.

Esta investigação apresenta um carácter inovador, uma vez que poucos ou nenhuns estudos acerca de constrangimentos foi realizado em Portugal. Assim, com a finalização desta investigação pretendo realçar a importância da continuidade de investigações no que diz respeito à temática abordada. No campo das bibliotecas escolares portuguesas é preciso a criação de conhecimentos, e este estudo vem a fornecer informações que ajudam no melhoramento ao acesso e funcionamento destes espaços.

Este tipo de estudo pode ser uma ferramenta fulcral na sociedade, isto porque, e notando a importância da biblioteca escolar no seio de uma escola, o aumento do nível de conhecimento do perfil de utilização da mesma vai auxiliar no sucesso da adaptação do estabelecimento às mudanças emergentes, gerando soluções inovadoras que produzem respostas às necessidades dos alunos. As bibliotecas escolares enfrentam um desafio crescente para ir ao encontro das respostas pedidas pelos seus utilizadores. Falando no caso concreto dos constrangimentos, ao estudarmos as barreiras no acesso à biblioteca escolar vamos conseguir proporcionar as condições necessárias para que essas barreiras sejam contornadas.

Para futuras investigações sugerimos a realização de estudos que abordem as mesmas variáveis mas noutros meios sociais e noutras regiões do país. Investigações acerca do perfil de utilização das bibliotecas escolares podem ser feitas, com a diferença de ter como amostra os docentes e não os alunos, caso desta investigação. Esta última pode vir a complementar a presente investigação.

Bibliografia

Agrupamento Escolar Escola Secundária da Sé. (2016). Obtido de Agrupamento: <http://aese.edu.pt/joomla/>

Amaral, L. (2014). Conceções sobre o impacto da biblioteca escolar na comunidade educativa senense. Lisboa: Departamento de Educação e Ensino à Distância .

Antunes, C. (2003). O Jogo e a Educação Infantil: falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir (4 ed.). Petrópolis, Rj: Vozes.

Balça, Â. (1998). La literatura infantil y juvenil y la lectura recreativa. In: Congresso de literatura infantil y juvenil: História crítica de la literatura infantil e ilustración ibéricas, II. Cáceres.

Bamberger, R. (1986). Como incentivar o hábito de leitura. S.Paulo: Ática.

Barbier, F. (2008). História do Livro. São Paulo: Paulistana.

Bas, M. E. (2003). La biblioteca, un espacio de convivencia. Espanha: ANAYA.

Bastos, G. (1999). Literatura Infantil e Juvenil. Lisboa: Universidade Aberta.

Bertoncheli, M. (2001). Cultura. In: Guia do Administrador Municipal: orientações e procedimentos para uma gestão eficiente. Porto Alegre.

Biblioteca Escolar da Escola Secundária da Sé. (2016). Obtido de Bibliotecarte: <http://bibliotecarte.blogspot.pt/>

Bramante, A. C. (1998). Lazer: concepções e significados. In: Liere, Belo Horizonte: CELAR/UFGM.

Caldas, M. A. (1986). Estudos de revisão de literatura; fundamentação e estratégia metodológica. São Paulo: Hucitec.

Camargo, L. (1998). Educação para o lazer. São Paulo: Moderna.

Carmo, H. e. (1998). Metodologia da Investigação - guia para autoaprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta.

Castells, M. (2000). A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura. (3 ed., Vol. I).

Clemente, L. (2008). A Biblioteca na escola: o futuro está lá. Lisboa: Setecaminhos.

Condemarín, F. A. (2005). A Leitura. Teoria, Avaliação e Desenvolvimento. São Paulo : Artmed Editora S.A.

Correia, H. (Outubro de 2010). Animação em contexto de bibliotecas escolares. Obtido em Maio de 2016, de <http://revistapraticasdeanimacao.googlepages.com>.

Crawford, e. a. (1991). A hierarchical model of leisure constraints. Leisure Sciences .

Crawford, e. a. (1987). Reconceptualizing barriers to family leisure. Leisure Sciences.

Dourado, e. a. A Qualidade Da Educação: Conceitos e Definições. Ministério da Educação: Instituto Nacional De Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Dumazedier, J. (2001). Lazer e cultura popular - 3a ed. São Paulo: Perspectiva.

Dumazedier, J. (1973). Lazer e Cultura Popular. São Paulo: Perspectiva.

Edginton, C. a. (2002). Leisure and life satisfactio: Foundational Perspectives .

Ferraz, M. F., & Pereira, B. (2009). Práticas de lazer na ocupação dos tempos livres. Estudo com jovens, de ambos os sexos, em diferentes contextos sociais. In Luís Paulo Rodrigues, Linda Saraiva, João Barreiros e Olga Vasconcelos. Estudos em Desenvolvimento Motor da criança II. Viana de Castelo: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, 257-267.

Ferreiro, E. (1996). Alfabetização em processo. São Paulo.

Ferreiro, E. (1999). Com todas as letras. São Paulo: Cortez.

Festas, M. (1998). A compreensão da leitura: A construção de um modelo mental do texto. Revista Portuguesa de Pedagogia.

Figueiredo, N. (1990). Da importância dos artigos de revisão da literatura. *Revista Brasileira de Bibliotecnomia e Documentação* , 131-135.

Fortin, M. F. (2009). *O processo de investigação: da conceção à realização*. Loures: Lusociência.

Freixo, M. J. (2009). *Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Garton, A., & Pratt, C. (1991). Leisure activities of adolescent school students: predictors of participation and interest. *Journal of adolescence*, 305-321.

Garvey, C. (1979). *Brincar*. Lisboa: Moraes Editores.

Ghiglione, e. a. (2001). *O inquérito, teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. . São Paulo: Atlas.

Gomes, C. L. (2004). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora .

Gonçalves, T. (s.d.). A importância da biblioteca para a promoção de hábitos de leitura. Obtido em 10 de Abril de 2016, de <http://pagina-devida.blogspot.pt/2007/05/importancia-da-bibliotecapara-promoo-de.html>

Gouveia, J. M. (2009). *Hábitos de Leitura em crianças e adolescentes: Um estudo de caso em alunos do segundo e terceiros ciclos do Ensino Básico*. Porto: Universidade Portucalense.

Guerrero, J. G. (2002). *Actividades de Dinamización desde la Biblioteca Escolar*. Málaga: Ediciones Aljibe.

Jackson, E. (2005). *Constraints to leisure*. Pennsylvania: Venture Publishing .

Kennedy, G. (2008). First year students' experience with technology: Are they really digital natives. *Wagga: Australasian Journal of educational technology*, v.24.

Lagoze, C. e. (2005). What is a digital library anymore, anyway? D-Lib Magazine, v.11, n.11. Obtido em Agosto de 2016, de <http://www.dlib.org/dlib/november05/lagoze/11lagoze.html>

Levacov, M. (2005). Tornando a informação disponível: o acesso expandido e a reinvenção da biblioteca. In: Marcondes, Carlos et al. Bibliotecas digitais: sabendo e práticas.

Lorenzoni. (1999). A Escola como espaço para o desenvolvimento da autonomia. In: Ferreira, et al. Educação e cidadania .

Lourense. (2016). Bibliotecas Escolares no século XXI: à procura de um caminho. Obtido em Setembro de 2016, de http://www.rbe.min-edu.pt/news/newsletter3/bib_sec_21.pdf

Machado, M. (1994). O brinquedo-sucata e a criança. São Paulo: Loyola.

Magalhães, M. d. (2000). A formação de leitores e o papel das bibliotecas. In: Sequeira (org.), Formar leitores. O contributo da Biblioteca Escolar. Lisboa: Ministério da Educação.

Maggio, M. (1997). O campo da tecnologia educacional: algumas propostas para a sua reconceitualização; In: Litwin, Edith (Org.) Tecnologia Educacional: políticas, história e proposta. Porto Alegre.

Manzano, M. G. (1988). A criança e a leitura. Porto: Porto Editora.

Marcellino, N. C. (2000). Estudos do lazer: uma introdução. Campinas: Autores Associados.

Marcellino, N. (1996). Estudos do lazer: Uma introdução. autores associados.

Marcellino, N. (1987). Lazer e educação. Campinas: Papyrus.

Marconi, M. (1990). Técnicas de Pesquisa. São Paulo: Atlas.

Margaryan, A., Littlejohn, A., & Vojt, G. (2011). Are digital natives a myth or reality? University students' use of digital technologies. . Annapolis: Computers and education.

Marktest, G. (28 de Abril de 2015). Grupo Marktest. Obtido em 3 de Janeiro de 2017, de <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~1ed8.aspx>

Maroy, C. (1997). Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa.

Marques, R. (2001). Ensinar a ler, aprender a ler: um guia para pais e educadores . Cacém: Texto Editora.

Martins, M. A. (1996). Pré-História da Aprendizagem da Leitura. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Martins, M. (1997). Como as crianças precepcionam a leitura e a escrita. Lisboa: A Educação em Revistas.

Martins, W. (2002). A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: São Paulo.

Muller, A. (2003). Cultura do lazer do trabalhador da indústria: inclusão ou exclusão? . Santa Cruz do Sul: Edunisc.

Município da Guarda. (2016). Obtido de Concelho da Guarda: <http://www.mun-guarda.pt/Portal/concelho.aspx>

Nazareth, J. M. (2007). Introdução aos métodos quantitativos em ciências sociais. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Neves, I. (1999). Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre.

Neves, S. (2010). Hábitos de leitura e sucesso escolar - um estudo de caso em alunos no final do ensino básico. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

Nina, I. F. (2008). Da leitura ao prazer de ler: Contributos da biblioteca escolar. Lisboa: Universidade Aberta.

Patton, M. (1987). How to use qualitative methods in evaluation. California: Sage Publications.

Pennac, D. (1993). Como um Romance. Porto: ASA.

Pereira, B. (1993). A Infância e o Lazer. Estudo dos tempos livres da criança dos 3 aos 10 anos em diferentes contextos sociais. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

Pereira, B. (2008). Para uma escola sem violência - estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Lisboa: Fundação Calouste Goulbenkian.

Pereira, B., & Neto, C. (1997). A infância e as práticas lúdicas. Estudo das actividades dos tempos livres nas crianças dos 3 aos 10 anos. In M.Pinto e M.Sarmiento. As crianças, contextos e identidades. Centro de estudos da criança. Braga.

Pessanha, A. (2001). Actividade lúdica associada à literacia. Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Inovação Educacional.

Pestana, e. a. (2008). Análise de dados para as ciências sociais. A complementaridade do SPSS. Lisboa.

Pitz, e. a. (2011). O papel do bibliotecário escolar na formação do leitor. Obtido em Fevereiro de 2016, de Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina: http://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/736/pdf_59

Poslaniec, C. (2005). Incentivar o prazer de ler - atividades de leitura para jovens . Porto: Edições ASA.

Prensky, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. On the Horizon. Obtido em Agosto de 2016, de <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>.

Publico. (13 de Outubro de 2016). Publico. Obtido em 12 de Janeiro de 2017, de Já há mais de um milhão de alunos com acesso às bibliotecas escolares:

<https://www.publico.pt/2016/10/13/sociedade/noticia/ja-ha-um-milhao-de-alunos-com-acesso-as-bibliotecas-escolares-1747152>

Quivy, e. a. (1998). Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: gradiva.

Rolim, L. (1989). Educação e lazer, a aprendizagem permanente . São Paulo: Àtica.

Sampieri, R., Collado, C., & Lucio, P. (2006). Metodologia de Pesquisa. São Paulo: McGraw-Hill.

Sanches, T. (2007). Biblioteca Escolar e leitura em tempos de mudança. Porto: Setepés.

Santos, F. e. (2009). Mediação de Leitura - Discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global Editora.

Sarto, M. (1985). La animación a la lectura - Para hacer al niño lector. Madrid.

Sequeira, F. (1989). Ler na Escola, em O Ensino / Aprendizagem do Português, teoria e práticas. Braga: Universidade do Minho.

Silva, e. a. (1999). Metodologia das ciências sociais. Porto: Afrontamento.

Silva, L. (2000). Bibliotecas Escolares: Um contributo para a sua justificação, organização e dinamização. Braga: Livraria Minho.

Sim-Sim, I. (2007). O ensino da Leitura: a compreensão de textos. Lisboa: Ministério da Educação .

Sousa, R. V. (2005). Discursos sobre a leitura. Braga: Universidade do Minho.

Teixeira, e. a. (1987). O brinquedo português. Bertrand Editora.

Todd, R. (2011). O que queremos para o futuro das bibliotecas escolares. Lisboa: Rede de Bibliotecas Escolares. Obtido em Abril de 2016, de Rede de Bibliotecas Escolares: http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/396/01_bibliotecarbe.pdf

Trilla-Bernet. (2003). La educación fuera de la escuela. Ámbitos no formales y educación social. Barcelona: Ariel.

Vilelas, J. (2009). *Investigação : o processo de construção do conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.

Zayas, C. (1999). *La Escuela en la vida*. Habana: Editorial Pueblo y Educación.

Anexos

Anexo I - Número de alunos da Escola Secundária da Sé - Guarda**Nº de alunos da Escola Secundária da Sé - Guarda**

Ano de escolaridade	Nº de turmas
5º ano	4
6º ano	2
7º ano	3
8º ano	3
9º ano	3
10º ano	6
11º ano	7
12º ano	6

Número de alunos por ano

5º ano de escolaridade			
Nº de alunos por sexo Turma	Masculino	Feminino	Total
A	12	8	20
B	6	15	21
C	8	9	17
D	11	8	19
Total de alunos	37	40	77

6º ano de escolaridade			
Nº de alunos por sexo Turma	Masculino	Feminino	Total
A	9	12	21
B	14	7	21
Total de alunos	23	19	42

7º ano de escolaridade			
Nº de alunos por sexo Turma	Masculino	Feminino	Total
A	12	7	19
B	17	7	24
C	11	8	19
Total de alunos	40	22	62

8º ano de escolaridade			
Nº de alunos por sexo Turma	Masculino	Feminino	Total
A	12	9	21
B	9	13	22
C	9	12	21
Total de alunos	30	34	64

9º ano de escolaridade			
Nº de alunos por sexo Turma	Masculino	Feminino	Total
A	9	18	27

B	10	15	25
C	11	17	28
Vocacional	22	4	26
Total de alunos	52	54	106

10º ano de escolaridade			
Nº de alunos por sexo Turma	Masculino	Feminino	Total
A	12	11	23
B	11	13	24
C	13	12	25
D	19	10	29
E	12	13	25
F	16	14	30
Total de alunos	83	73	156

11º ano de escolaridade			
Nº de alunos por sexo Turma	Masculino	Feminino	Total
A	12	12	24
B	13	15	28
C	12	15	27
D	16	10	26
E	11	17	28
F	9	13	22
G	18	11	29
Total de alunos	91	93	184

12º ano de escolaridade			
Nº de alunos por sexo Turma	Masculino	Feminino	Total
A	21	7	28
B	6	20	26
C	9	13	22
D	8	21	29
E	13	15	28
F	8	17	25
Vocacional	16	7	23
Total de alunos	81	100	181

Em suma

Ano de escolaridade	Nº total de alunos do sexo Masculino	Nº total de alunos do sexo Feminino	Nº total de alunos por ano
5º ano	37	40	77
6º ano	23	19	42
7º ano	40	22	62
8º ano	30	34	64
9º ano	52	54	106
10º ano	83	73	156
11º ano	91	93	184
12º ano	81	100	181

<u>Nº total de alunos</u>	<u>872</u>
----------------------------------	-------------------

Anexo II - Declaração de autorização do encarregado de educação

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DO ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

Eu, _____ declaro que autorizo o(a) meu(minha) educando(a) _____ com o Cartão de Cidadão número _____ a participar no estudo sobre a utilização da biblioteca da Escola Secundária da Sé - concelho da Guarda, a realizar no presente ano lectivo (2014-2015).

Guarda, _____ de _____ de 2015

O Encarregado de Educação

(Assinatura)

Anexo III - Nota Metodológica

Nota Metodológica

A presente dissertação de Mestrado em Educação e Lazer, a realizar na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra por Ana Luísa Sancho Gomes, sob a orientação científica do prof. Doutor Ricardo Melo, será desenvolvida através de uma investigação quantitativa. Os objectivos propostos são os seguintes:

- Identificar as práticas de lazer e uso dos tempos livres dos inquiridos;
- Analisar o nível de utilização/frequentação da Biblioteca Escolar;
- Avaliar a qualidade percebida pelos inquiridos em relação a biblioteca;
- Identificar os constrangimentos de acesso à Biblioteca.

Para atingir os objectivos propostos será aplicado um inquérito por questionário, validado por 5 especialistas da área do estudo (Educação e Lazer). O questionário será dividido em 5 grupos de questões: i) caracterização sociodemográfica (sexo, idade, residência, ano de escolaridade, classe de pertença – habilitações e situação profissional do encarregado de educação); Práticas de lazer e uso dos tempos livres (12 itens de escolha múltipla, medidos numa escala de frequência de 7 pontos); iii) utilização/frequentação da Biblioteca Escolar (frequentação da biblioteca, finalidades da participação na biblioteca, serviços utilizados na biblioteca); iv) qualidade da biblioteca (13 itens de escolha múltipla, medidos numa escala de qualidade de 7 pontos); v) constrangimentos de acesso à Biblioteca (29 itens de escolha múltipla, medidos numa escala de qualidade de 7 pontos). O questionário será aplicado a uma amostra representativa (15-25%) dos alunos da Escola Secundário da Sé (5º ao 12º ano de escolaridade), localizada na freguesia da Sé, concelho da Guarda. A amostra será ainda estratificada por ano de escolaridade e sexo, e os inquiridos serão seleccionados pela ordem numérica da pauta de cada turma e ano. Os inquéritos serão recolhidos directamente por Ana Luísa Sancho Gomes (estudante proponente do estudo) e Joana Isabel de Faria Pires Pinto Proença (estudante do Mestrado em Educação e Lazer). O tratamento da informação recolhida garante o anonimato e a confidencialidade dos inquiridos. Os dados serão

tratados no software IBM SPSS (v.21). Os resultados serão inicialmente apresentados através da análise estatística descritiva. Posteriormente será utilizada a análise estatística multivariada para verificar as associações e relações entre as diferentes variáveis. Este trabalho dará origem a um relatório – dissertação de mestrado – que será posteriormente apresentado em provas públicas.

Anexo IV - Declaração do Orientador do Estudo

Declaração do Orientador do Estudo

RICARDO JOSÉ ESPÍRITO SANTO DE MELO, Orientador de Ana Luísa Sancho Gomes, no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação e Lazer, realizado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, declara:

- ter conhecimento de todos os dados e informações constantes do presente pedido de autorização para aplicação de inquéritos/realização de estudo de investigação em meio escolar;
- que a metodologia que suporta a investigação é a mais adequada para atingir os objectivos propostos;
- que o instrumento de recolha de dados – inquérito por questionário - foi por si aprovado.

Nome: *RICARDO JOSÉ ESPÍRITO SANTO DE MELO*

20 de Março de 2015

Assinatura:



Anexo V - Inquérito por Questionário aos alunos da Escola Secundária da Sé

<p>ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra</p>	<p>Este inquérito por questionário faz parte de um estudo inserido numa Dissertação de Mestrado em Educação e Lazer, desenvolvida por Ana Luísa Gomes, sob orientação do Professor Doutor Ricardo Melo, Professor da ESEC.</p> <p>Este questionário destina-se aos estudantes da Escola Secundária da Sé da cidade da Guarda, e tem como objectivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar as práticas de lazer e uso dos tempos livres dos inquiridos; - Analisar o nível de utilização/frequência da Biblioteca Escolar; - Avaliar a qualidade percebida pelos inquiridos em relação a biblioteca; - Identificar os constrangimentos de acesso à Biblioteca. <p>O tratamento da informação recolhida garante o anonimato e a confidencialidade dos respondentes.</p> <p>Muito obrigada pela sua colaboração!</p>	<p>INSTRUÇÕES</p> <p>Utilize esferográfica de tinta azul ou preta Marque com um x a sua resposta <input checked="" type="checkbox"/> Use letras MAIÚSCULAS Para anular uma resposta <input type="checkbox"/> Para revalidar uma resposta anulada <input type="checkbox"/></p>
---	--	--

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO
ALUNOS DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA SÉ

PERFIL DA UTILIZAÇÃO
DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES:
 Um caso de estudo na Escola Secundária da Sé (Concelho da Guarda)

A - PRÁTICAS DE LAZER E USO DOS TEMPOS LIVRES

Q.1. TENDO EM CONTA AS CATEGORIAS DE PRÁTICAS DE LAZER E USO DOS TEMPOS LIVRES IDENTIFICADAS NA TABELA SEGUINTE, CLASSIFICA-AS EM FUNÇÃO DA FREQUÊNCIA DE REALIZAÇÃO, NO ANO DE 2014, CONSIDERANDO A SEGUINTE ESCALA: 1. NUNCA; 2. QUASE NUNCA; 3. POUCAS VEZES; 4. ÀS VEZES; 5. MUITAS VEZES; 6. QUASE SEMPRE; 7. SEMPRE (ASSINALE COM UM X APENAS UMA OPÇÃO PARA CADA CATEGORIA)

PRÁTICAS DE LAZER E USOS DO TEMPO LIVRE	1 Nunca	2 Quase Nunca	3 Poucas Vezez	4 Às Vezez	5 Muitas Vezez	6 Quase Sempre	7 Sempre
1. Práticas domésticas receptivas (Ver TV; ouvir rádio; ouvir música; ler jornais, livros e revistas.)							
2. Práticas de sociabilidade doméstica (Receber e/ou ir a casa de amigos ou familiares)							
3. Práticas domésticas expressivas (Jogar máquinas electrónicas; jogar computador; navegar na Internet; pintar ou desenhar.)							
4. Práticas de abandono (Não fazer nada, descansar e/ou dormir a sesta)							
5. Práticas de sociabilidade urbana e local (Sair com os amigos e/ou familiares, ir ao café, bares, discotecas)							
6. Práticas de expressão artística (Tocar ou cantar num grupo musical, dançar, fazer teatro amador, fotografia, pintura)							
7. Práticas de expressão ao ar livre (Passear com a família e/ou amigos (passeios ao ar livre, praia, campismo, piquenique)							
8. Práticas espectaculares de participação expressiva (Ir ver espectáculos (desportivos e outros) ou eventos culturais (teatro, museus, exposições, concertos de música))							
9. Práticas receptivas de rotina (Ir ao cinema, ir ao centro comercial, ir almoçar ou jantar fora com amigos e/ou familiares)							
10. Práticas de sociabilidade associativa local ([Ir a associações recreativas ou a colectividades locais (jogar cartas, xadrez, bilhar; participar em reuniões)])							
11. Expressão desportiva (Fazer desporto ou exercício físico)							
12. Expressão turística (Realizar viagens de lazer)							

B – FREQUENTAÇÃO DA BIBLIOTECA**Q.2. JÁ ALGUMA VEZ FREQUENTASTE A BIBLIOTECA?**

1. Sim	
2. Não (passar para a SECÇÃO D))	

Q.4 PERÍODO DO DIA EM QUE FREQUENTAS?

1. Manhã	
2. Tarde	
3. Indiferentemente	

Q.3. COM QUE FREQUÊNCIA COSTUMAS UTILIZAR A BIBLIOTECA ESCOLAR EM TEMPO DE AULAS?

1. Nunca	
2. Pelo menos uma vez por ano	
3. Pelo menos uma vez a cada 6 meses	
4. Pelo menos uma vez a cada 3 meses	
5. Pelo menos uma vez por mês	
6. Pelo menos uma vez por semana	
7. Quase todos os dias da semana	

Q.5. QUAL A DURAÇÃO MÉDIA DE VISITA À BIBLIOTECA?

1. Menos de uma hora	
2. Uma a duas horas	
3. Duas a três horas	
4. Três a quatro horas	
5. Mais de quatro horas	

Q. 6. COM QUE FIM UTILIZAS MAIS FREQUENTEMENTE A BIBLIOTECA? CLASSIFICA DE ACORDO COM A SEGUINTE ESCALA: 1. NUNCA; 2. QUASE NUNCA; 3. POUCAS VEZES; 4. ÀS VEZES; 5. MUITAS VEZES; 6. QUASE SEMPRE; 7. SEMPRE (ASSINALE COM UM X APENAS UMA OPÇÃO PARA CADA CATEGORIA)

UTILIZAÇÃO DA BIBLIOTECA	1 Nunca	2 Quase Nunca	3 Poucas Vezez	4 Às Vezez	5 Muitas Vezez	6 Quase Sempre	7 Sempre
1. Ler livros não-escolares							
2. Estudar							
3. Fazer trabalhos escolares							
4. Pesquisar/ consultar livros							
5. Pedir emprestado / devolver livros ou revistas (outros materiais)							
6. Passar o tempo							
7. Encontrar amigos							
8. Ver exposições							
9. Investigação							
10. Ler jornais							
11. Ler revistas							
12. Assistir a colóquios e debates							
13. Utilizar o computador (e.g. realizar trabalhos, navegar na internet, jogar, etc.)							
14. Jogar jogos de tabuleiro							
15. Ouvir música							
16. Ver filmes/documentários							
17. Participar em actividades organizadas pela Biblioteca ou pelos professores							

Q.7. COMO SOUBE DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS NA BIBLIOTECA?

1. Através dos professores	
2. Através dos jornais	
3. Através da televisão	
4. Através de amigos	
5. Através de familiares	
6. Através de emails / internet	
7. Através de cartazes / painéis de rua	
8. Através de colegas de trabalho	
9. Outro. Qual	

Q.8. COSTUMA UTILIZAR O SERVIÇO DE EMPRÉSTIMO DOMICILIÁRIO DE LIVROS?

1. Sim, mais de uma vez por semana	
2. Sim, semanalmente	
3. Sim, mensalmente	
4. Sim, algumas vezes por ano (passar para a questão Q.11)	
5. Sim, raramente (passar para a questão Q.11)	
6. Não, nunca (passar para a questão Q.11)	

Q.9. EM MÉDIA POR MÊS QUANTOS LIVROS PEDES EMPRESTADOS À BIBLIOTECA PARA LEVARES PARA CASA?

1. Um ou dois livros	
2. Três ou quatro livros	
3. Cinco a dez livros	
4. Mais de dez livros	

Q.10. QUE TIPO DE LIVROS COSTUMA LEVAR PARA CASA?

1. Livros de estudo	
2. Livros para fazer trabalhos	
3. Livros de formação técnica	
4. Livros para os tempos livres	

Q.11. NO ÚLTIMO ANO (2014) QUANTOS LIVROS PENSAS TER LIDO, EXCLUINDO OS QUE LESTE POR RAZÕES DE ESTUDO?

1. Nenhum	
2. Um a dois livros	
3. Três a cinco livros	
4. Seis a dez livros	
5. Mais de dez livros	

Q.12. ÉS CAPAZ DE INDICAR O AUTOR OU AUTORES DO ÚLTIMO LIVRO QUE LESTE OU QUE TE ENCONTRAS A LER ACTUALMENTE?

1. Autor: _____
2. Título: _____

Q.13. INDICA O GÊNERO DE LITERATURA QUE MAIS GOSTAS DE LER (APENAS UMA RESPOSTA)

1. Policial	
2. Aventura/acção	
3. Romance	
4. Terror/mistério	
5. Ficção científica	
6. Poesia	
7. Viagens	
8. Político/filosófico	
9. Biografia/autobiografia	
10. Banda desenhada	
11. Infantis/juvenis	
12. História	
13. Arte/ fotografia	
15. Bricolage/culinária/ conselhos práticos	
16. Enciclopédia	
17. Científico/técnico-profissional	
18. Outro. Qual?	

Q.14. COSTUMAS UTILIZAR O SERVIÇO DE LEITURA DE JORNAIS?

1. Sim, mais de uma vez por semana	
2. Sim, semanalmente	
3. Sim, mensalmente	
4. Sim, algumas vezes por ano (passar para a questão Q.16)	
5. Sim, raramente (passar para a questão Q.16)	
6. Não, nunca (passar para a questão Q.16)	

Q.15. INDICA NO MÁXIMO TRÊS TÍTULOS DE JORNAIS QUE LÊS COM FREQUÊNCIA NA BIBLIOTECA

1. _____
2. _____
3. _____

Q.16. COSTUMAS UTILIZAR O SERVIÇO DE LEITURA DE REVISTAS?

1. Sim, mais de uma vez por semana	
2. Sim, semanalmente	
3. Sim, mensalmente	
4. Sim, algumas vezes por ano (passar para a questão Q.18)	
5. Sim, raramente (passar para a questão Q.18)	
6. Não, nunca (passar para a questão Q.18)	

Q.17. INDICA NO MÁXIMO TRÊS TÍTULOS DE REVISTAS QUE LÊS COM FREQUÊNCIA NA BIBLIOTECA

1. _____
2. _____
3. _____

Q.18. COSTUMAS UTILIZAR O SERVIÇO DE EQUIPAMENTOS MULTIMÉDIA (TELEVISORES, RÁDIOS, PROJECTORES) EXCLUINDO OS COMPUTADORES?

1. Sim, mais de uma vez por semana	
2. Sim, semanalmente	
3. Sim, mensalmente	
4. Sim, algumas vezes por ano (passar para a questão Q.20)	
5. Sim, raramente (passar para a questão Q.20)	
6. Não, nunca (passar para a questão Q.20)	

Q.19. COM QUE FIM UTILIZAS O SERVIÇO DE EQUIPAMENTOS MULTIMÉDIA (TELEVISORES, RÁDIOS, PROJECTORES) EXCLUINDO OS COMPUTADORES, DA BIBLIOTECA? CLASSIFICA DE ACORDO COM A SEGUINTE ESCALA: 1. NUNCA; 2. QUASE NUNCA; 3. POUCAS VEZES; 4. ÀS VEZES; 5. MUITAS VEZES; 6. QUASE SEMPRE; 7. SEMPRE (ASSINALE COM UM X APENAS UMA OPÇÃO PARA CADA CATEGORIA)

	1. Nunca	2. Quase Nunca	3. Poucas Vezes	4. Às vezes	5. Muitas vezes	6. Quase sempre	7. Sempre
1. Ver filmes/documentários							
2. Ouvir música							
3. Jogar computador							
4. Jogar Online							
5. Visitar a página da Biblioteca Escolar Online							
6. Pesquisa online para fins escolares							
7. Pesquisa online para fins de lazer							
8. Outro, qual?							

Q.20. COSTUMAS UTILIZAR OS COMPUTADORES DA BIBLIOTECA?

1. Sim, mais de uma vez por semana	
2. Sim, semanalmente	
3. Sim, mensalmente	
4. Sim, algumas vezes por ano (passar para a questão Q.22)	
5. Sim, raramente (passar para a questão Q.22)	
6. Não, nunca (passar para a questão Q.22)	

Q.21. COM QUE FIM UTILIZAS MAIS FREQUENTEMENTE OS COMPUTADORES DA BIBLIOTECA? CLASSIFICA DE ACORDO COM A SEGUINTE ESCALA: 1. NUNCA; 2. QUASE NUNCA; 3. POUCAS VEZES; 4. ÀS VEZES; 5. MUITAS VEZES; 6. QUASE SEMPRE; 7. SEMPRE (ASSINALE COM UM X APENAS UMA OPÇÃO PARA CADA CATEGORIA)

	1. Nunca	2. Quase Nunca	3. Poucas Vezes	4. Às vezes	5. Muitas vezes	6. Quase sempre	7. Sempre
1. Para realizar trabalhos escolares							
2. Para efectuar pesquisas na internet para trabalhos escolares							
3. Para jogar							
4. Para aceder à internet para estar no chat com amigos ou nas redes sociais							
5. Usar a internet para ler jornais/revistas							
6. Usar a internet para ir a blogs							
7. Usar a internet para ouvir música							
8. Usar a internet para ver vídeos							

Q.22. COM QUE FREQUÊNCIA COSTUMAS ACEDER À REDE WIRELESS DA BIBLIOTECA COM O TEU PRÓPRIO EQUIPAMENTO?(COMPUTADOR/TABLET/TELEMÓVEL)

1. Sim, mais de uma vez por semana	
2. Sim, semanalmente	
3. Sim, mensalmente	
4. Sim, algumas vezes por ano (passar para a questão Q.24)	
5. Sim, raramente (passar para a questão Q.24)	
6. Não, nunca (passar para a questão Q.24)	

Q.23. COM QUE FIM UTILIZAS MAIS FREQUENTEMENTE O TEU EQUIPAMENTO PARA ACEDER À REDE WIRELESS DA BIBLIOTECA? CLASSIFICA DE ACORDO COM A SEGUINTE ESCALA: 1. NUNCA; 2. QUASE NUNCA; 3. POUCAS VEZES; 4. ÀS VEZES; 5. MUITAS VEZES; 6. QUASE SEMPRE; 7. SEMPRE (ASSINALE COM UM X APENAS UMA OPÇÃO PARA CADA CATEGORIA)

	1. Nunca	2. Quase Nunca	3. Poucas Vezes	4. Às vezes	5. Muitas Vezes	6. Quase Sempre	7. Sempre
1. Para realizar trabalhos escolares							
2. Para efectuar pesquisas na internet para trabalhos escolares							
3. Para jogar							
4. Para aceder à internet para estar no chat com amigos							
5. Usar a internet para ler jornais/revistas							
6. Usar a internet para ir a blogs							
7. Aceder a redes sociais							

C – QUALIDADE DA BIBLIOTECA

Q.24. GOSTARIAMOS QUE NOS DESSES A TUA OPINIÃO SOBRE ALGUNS ASPECTOS DA BIBLIOTECA. CLASSIFICA DE ACORDO COM A ESCALA: 1. PÉSSIMO; 2. MUITO MÁ; 3. MAU; 4. NEM MAU NEM BOM; 5. BOM; 6. MUITO BOM; 7. ÓPTIMO

	1. Péssimo	2. Muito Má	3. Mau	4. Nem mau nem bom	5. Bom	6. Muito Bom	7. Ótimo
1. Localização (facilidade de acesso, etc.)							
2. Edifício (adequação às actividades ou funções, estética do espaço, etc.)							
3. Horário de funcionamento							
4. Ambiente de trabalho (iluminação, temperatura ambiente, silêncio, etc.)							
5. Eventos culturais organizados (Exposições, debates, palestras, etc.)							
6. Atendimento/ ajuda dos funcionários (simpatia, disponibilidade, eficácia, etc.)							
7. Serviço de empréstimo domiciliário							
8. Facilidade de encontrar os livros na estante							
9. Materiais documentais -livros, jornais e revistas (estado de conservação, quantidade, diversidade, actualidade, etc.)							
10. Computadores (estado de conservação, quantidade, actualidade, etc.)							
11. Televisões (estado de conservação, quantidade, actualidade, etc.)							
12. Acesso à internet (conectividade, rapidez, etc.)							
13. Documentários, filmes e CD's de música (estado de conservação, quantidade, actualidade)							

Q.25. CONHECES/COSTUMAS FREQUENTAR OUTRA BIBLIOTECA?

1. Sim.	Qual?
2. Não	

Q.26. DE FORMA GERAL A BIBLIOTECA RESPONDE ÀS SUAS NECESSIDADES?

1. Sim	
2. Não	

Q.27. QUE SUGESTÕES FARIA PARA MELHORAR O FUNCIONAMENTO GERAL DA BIBLIOTECA?

1. _____

D- CONSTRANGIMENTOS NO ACESSO À BIBLIOTECA

Q.28. CONSIDERE AS SEGUINTE RAZÕES PARA NÃO FREQUENTAR (OU PARA NÃO FREQUENTAR TANTAS VEZES COMO GOSTARIA) A BIBLIOTECA E CLASSIFIQUE-AS DE ACORDO COM A ESCALA: 1. DISCORDO TOTALMENTE; 2. DISCORDO MUITO; 3. DISCORDO PARCIALMENTE; 4. NÃO CONCORDO NEM DISCORDO; 5. CONCORDO PARCIALMENTE; 6. CONCORDO MUITO; 7. CONCORDO TOTALMENTE

	1.Discordo totalmente	2.Discordo Muito	3.Discordo Parcialmente	4. Não Concordo nem discordo	5. Concordo parcialmente	6. Concordo Muito	7. Concordo totalmente
1. Estou muito ocupado com o trabalho							
2. Estou muito ocupado com actividades de lazer							
3. Estou muito ocupado com responsabilidades familiares							
4. Tenho falta de interesse pelo espaço Biblioteca							
5. Tenho falta de interesse pela leitura							
6. Tenho falta de interesse pelos materiais tecnológicos (TV, PC, e internet da biblioteca)							
7. Estou em más condições de saúde (fisicamente debilitado)							
8. Não me sinto bem na biblioteca							
9. Não aprovo os comportamentos dos outros na biblioteca							
10. Tenho medo que os meus amigos desaprovem a minha visita à biblioteca							
11. Tenho medo que os meus familiares desaprovem a minha visita à biblioteca							
12. O meu grupo de amigos não tem interesse em frequentar a biblioteca							
13. Não tenho outras pessoas com quem ir à Biblioteca							
14. Os meus amigos preferem fazer outras coisas							
15. A minha família não tem interesse em frequentar a biblioteca							
16. A minha família não incentiva a leitura							
17. A minha família não incentiva a utilizar materiais tecnológicos							
18. Não conheço a biblioteca							
19. Falta de informação sobre a biblioteca							
20. A biblioteca está geralmente sobrelotada							
21. O espaço da biblioteca é desadequado às actividades							
22. A biblioteca apresenta mau ambiente de trabalho							
23. A biblioteca não apresenta atractividade de Eventos culturais organizados							
24. Não sou bem atendido na biblioteca							
25. A biblioteca tem má qualidade de materiais documentais (livros, revistas, jornais, etc.)							
26. A biblioteca tem má qualidade de computadores							
27. A biblioteca tem má qualidade de Televisões							
28. A biblioteca tem má qualidade no acesso à internet							
29. A biblioteca tem má qualidade de documentários, filmes e CD's de música							
30. A Biblioteca fica afastada da minha zona de residência							
31. Não tenho transportes adequados para frequentar a Biblioteca							

E – CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

Q.29. SEXO:

- | | |
|--------------|--|
| 1. Feminino | |
| 2. Masculino | |

Q.30. IDADE: ____anos

Q.31. ANO DE ESCOLARIDADE

- | | |
|--------|--|
| 1. 5ª | |
| 2. 6ª | |
| 3. 7ª | |
| 4. 8ª | |
| 5. 9ª | |
| 6. 10ª | |
| 7. 11ª | |
| 8. 12ª | |